

Refletindo sobre a Prática Pedagógica em Educação Pré-
-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico: O fado
no 1.º Ciclo do Ensino Básico – um estudo de caso com
crianças do 3.º ano de escolaridade

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

Liliana Sofia Candeias Batista

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Sandrina Diniz Fernandes Milhano

Leiria, abril 2015

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Findada uma etapa muito importante da minha vida, quero manifestar o meu agradecimento a todos aqueles, que de alguma forma me ajudaram a superar este percurso de formação.

Um agradecimento especial à Doutora Sandrina Diniz Fernandes Milhano, por todo o tempo despendido, encorajamento, orientação e ajuda prestados ao longo deste processo de aprendizagem.

Aos meus pais por me possibilitarem a oportunidade de concretizar um sonho, por acreditarem em mim e me fazerem acreditar que seria capaz de concluir esta etapa.

Aos meus restantes familiares e amigas (os), por todo o apoio e força prestados e por terem compreendido a minha ausência em determinados momentos.

Ao meu namorado, pelo apoio e companheirismo, que esteve sempre presente nos bons e maus momentos desta longa caminhada.

À Inês Ribeiro, uma palavra de especial gratidão, por toda a amizade, paciência e ajuda prestada no melhoramento do presente relatório.

Às educadoras e professoras cooperantes por me proporcionarem o contacto com as suas crianças e pelas aprendizagens que me transmitiram.

E por último, mas não menos importante, a todas as crianças com quem interagi, cuja interação contribuiu para a construção da minha personalidade a diversos níveis, nomeadamente enquanto futura educadora e professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

RESUMO

O presente relatório de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico integra duas partes distintas, respetivamente a dimensão reflexiva e a dimensão investigativa.

Na dimensão reflexiva apresentam-se reflexões críticas e fundamentadas acerca de todo o trabalho desenvolvido em diferentes contextos de Prática Pedagógica. Nesta parte procura-se retratar o meu percurso de formação ao longo de todo o mestrado, evidenciando essencialmente as aprendizagens por mim adquiridas. Para além disso, são também parte integrante desta dimensão, as dificuldades sentidas e alguns aspetos significativos ocorridos no decorrer das minhas intervenções, que revelam a minha evolução no desempenho da função docente, nomeadamente como futura educadora de infância e professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na dimensão investigativa apresenta-se um estudo de caso que se debruça sobre problemáticas do ensino e aprendizagem da música, incidindo sobre a utilização específica de um determinado género de repertório musical – o fado. Foi formulada a seguinte questão de partida: “Quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes a uma escola de Leiria sobre o fado?”.

Para a implementação do estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individuais a cinco crianças do 3.º ano de escolaridade. As entrevistas ocorreram em dois momentos distintos, designadamente, antes e após a concretização de duas sequências pedagógicas. Estas sequências foram desenvolvidas através da realização de atividades do domínio da prática musical, tendo como repertório musical, o fado. Os resultados obtidos apontam a alteração de ideias por parte dos alunos relativamente ao género musical fado, o que é possível sugerir que a participação e vivência nas sequências pedagógicas poderão ter tido influência nas respostas dos alunos.

Palavras-chave

Fado, ideias das crianças, 1.º Ciclo do Ensino Básico.

ABSTRACT

The present *Master's report in Pre-school Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education* comprises two distinct parts, the reflective and research dimension, respectively.

In the reflective dimension, we present critical and reviewed reflections about all the work developed in different contexts of pedagogical practice. This part seeks to portray my formative route throughout the master, showing essentially the learning's acquired by me. In addition, they are also an integral part of this dimension, the difficulties, and some significant aspects occurred in the course of my interventions that reveal my evolution in the teaching function, particularly as a future kindergarten teacher and teacher of the first Cycle of basic education.

In the investigative dimension, we present a case study that looks at issues of music teaching and learning, focusing on the specific use of a particular genre of musical repertoire – the fado. It was formulated the following question: "Which are the ideas of children from 3rd grade belonging to a school of Leiria on fado?"

For the implementation of the study, individual semi structured interviews were held with five children from 3rd grade. The interviews occurred at two different times, i.e. before and after the completion of two pedagogical sequences. These sequences were developed by carrying out activities in the field of musical practice, with the musical repertoire, the fado. The results obtained indicate student's change of ideas for the fado genre, suggesting that participation and experience on the pedagogical sequences may have had influence on the students' responses.

Keywords

Fado, children's ideas, 1.st Cycle of Basic Education.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice Geral.....	ix
Índice de de Figuras.....	xiii
Índice de Tabelas.....	xv
Abreviaturas.....	xvii
Índice de Anexos.....	xix
Introdução.....	1
Parte I – Dimensão Reflexiva	3
Capítulo 1 - Prática Pedagógica em Educação de Infância	5
1.1. Reflexão da Prática Pedagógica em contexto de Creche.....	5
1.1.1. <i>Introdução</i>	5
1.1.2. <i>Contexto educativo - Creche</i>	5
1.1.3. <i>A minha experiência em contexto de Creche</i>	6
1.2. Reflexão da Prática Pedagógica em contexto de Jardim-de-Infância.....	14
1.2.1. <i>Introdução</i>	14
1.2.2. <i>Contexto educativo – Jardim-de-Infância</i>	15
1.2.3. <i>A minha experiência em contexto de Jardim-de-Infância</i>	16
Capítulo 2 - Prática Pedagógica em 1.º CEB.....	25
2.1. Reflexão da Prática Pedagógica com uma turma do 2.º ano de escolaridade.....	25
2.1.1. <i>Introdução</i>	25
2.1.2. <i>Contexto educativo – 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	26
2.1.3. <i>A minha experiência com uma turma do 2.º ano de escolaridade</i>	26
2.2. Reflexão da Prática Pedagógica com uma turma do 3.º ano de escolaridade.....	34
2.2.1. <i>Introdução</i>	34

2.2.2. <i>Contexto educativo – 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	35
2.2.3. <i>A minha experiência com uma turma do 3.º ano de escolaridade</i>	35
Parte II – Dimensão Investigativa	45
Capítulo 1 - Contextualização do estudo.....	47
Capítulo 2 - Enquadramento teórico.....	49
2.1. A música no 1.º Ciclo do Ensino Básico	49
2.2. Escolha de repertório no ensino da música.....	52
2.2.1. <i>Repertório nacional e internacional</i>	53
2.3. <i>Fado</i>	54
2.3.1. <i>Breve história do fado e as suas origens</i>	55
2.3.2. <i>Características do fado</i>	57
2.3.2.1. <i>Instrumentos musicais</i>	57
2.3.2.2. <i>Trajes fadistas</i>	58
2.3.2.3. <i>As letras e as temáticas do fado</i>	59
2.3.3. <i>Tipos de fado</i>	59
2.3.4. <i>Fado - Património cultural imaterial da humanidade pela UNESCO</i>	61
2.3.5. <i>Importância do fado no ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i> .	62
Capítulo 3 - Metodologia.....	63
3.1. Descrição do estudo	63
3.2. Instrumentos e técnicas de recolha de dados	65
3.2.1. <i>Instrumentos de recolha de dados</i>	65
3.2.2. <i>Técnicas de recolha de dados</i>	69
3.3. Procedimentos de recolha de dados	70
3.3.1. <i>Entrevistas semiestruturadas A e B</i>	70
3.3.2. <i>Sequências pedagógicas - propostas educativas</i>	71
3.4. Seleção e caracterização dos participantes do estudo.....	72
3.4.1. <i>Participantes na implementação das sequências pedagógicas</i>	72

3.4.2. <i>Participantes na implementação das entrevistas semiestruturadas A e B.</i>	72
3.5. Contributo do estudo.....	72
Capítulo 4 – Apresentação e discussão de resultados	75
4.1. Apresentação e discussão dos dados da entrevista semiestruturada A	75
4.1.1. <i>Síntese da apresentação e discussão dos dados da entrevista semiestruturada A</i>	81
4.2. Apresentação e discussão dos dados da entrevista semiestruturada B	85
4.2.1. <i>Síntese da apresentação e discussão dos dados da entrevista semiestruturada B</i>	93
4.3. Comparação e discussão dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas A e B	96
4.4. Apresentação e discussão dos dados dos registos obtidos na 1. ^a sequência pedagógica.....	98
4.4.1. <i>1.^a Sequência pedagógica – Atividade de audição musical</i>	98
4.4.2. <i>1.^a Sequência pedagógica – Atividade de interpretação musical</i>	100
4.4.3. <i>1.^a Sequência pedagógica – Atividade de criação musical</i>	100
4.5. Apresentação e discussão dos dados dos registos obtidos na 2. ^a sequência pedagógica.....	101
4.5.1. <i>2.^a Sequência pedagógica – Atividade de audição musical</i>	101
4.5.2. <i>2.^a Sequência pedagógica – Atividade de interpretação musical</i>	103
4.5.3. <i>2.^a Sequência pedagógica – Atividade de criação musical</i>	103
4.6. Apresentação e discussão dos dados dos registos obtidos na atividade final – Comparação do <i>fado tradicional e contemporâneo</i>	104
Capítulo 5 – Considerações finais	107
5.1. Limitações do estudo	109
5.2. Sugestões para trabalhos futuros.....	109
Conclusão.....	111
Referências bibliográficas.....	113
Anexos.....	121

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho do estudo.....	65
Figura 2 – Resposta do participante E à questão 1.2. da ficha de trabalho “Amália Rodrigues”.....	99
Figura 3 – Resposta do participante B à questão 1.5. da ficha de trabalho “Amália Rodrigues”.....	99
Figura 4 – Refrão criado pelo grupo do participante A.....	101
Figura 5 – Refrão criado pelo grupo do participante C.....	101
Figura 6 – Sequência criada pelo grupo dos participantes C e D.....	104
Figura 7 – Sequência criada pelo grupo dos participantes A e E.....	104
Figura 8 – Resposta do participante B à questão 2 da ficha de trabalho “Amália e Mariza”.....	105
Figura 9 – Resposta do participante D à questão 2 da ficha de trabalho “Amália e Mariza”.....	105

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Respostas dos alunos à questão: “Sabes que género de música é esta?”	76
Tabela 2 – Respostas dos alunos à questão: “Sobre o que fala esta música?”	77
Tabela 3 – Respostas dos alunos à questão: “Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?”	77
Tabela 4 – Respostas dos alunos à questão: “Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?”	79
Tabela 5 – Respostas dos alunos à questão: “Costumas ouvir fado?”	80
Tabela 6 – Respostas dos alunos à questão: “O que achas que é o fado?”	81
Tabela 7 – Respostas dos alunos à questão: “Sabes que género de música é esta?”	86
Tabela 8 – Respostas dos alunos à questão: “Sobre o que fala esta música?”	86
Tabela 9 – Respostas dos alunos à questão: “Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?”	87
Tabela 10 – Respostas dos alunos à questão: “Conheces algum fadista? Qual?”	90
Tabela 11 – Respostas dos alunos à questão: “Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?”	92
Tabela 12 – Respostas dos alunos à questão 1.3. da ficha de trabalho “Ana Moura” .	102

ABREVIATURAS

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization -
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

EGEAC E.M.E. – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, Entidade
Empresarial Municipal

ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Reflexão n.º 8 em contexto de 1.º CEB II.....	1
Anexo II – Guião da entrevista semiestruturada.....	5
Anexo III – Categorias da entrevista semiestruturada.....	7
Anexo IV – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”	10
Anexo V – Ficha de trabalho “Ana Moura”	11
Anexo VI – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”.....	13
Anexo VII - Transcrição da entrevista semiestruturada A.....	14
Anexo VIII - Transcrição da entrevista semiestruturada B	34
Anexo IX – 1.ª Sequência pedagógica – Atividade de audição musical.....	62
Anexo X – 1.ª Sequência pedagógica – Atividade de interpretação musical.....	64
Anexo XI – 1.ª Sequência pedagógica – Atividade de criação musical.....	66
Anexo XII – 2.ª Sequência pedagógica – Atividade de audição musical	68
Anexo XIII – 2.ª Sequência pedagógica – Atividade de interpretação musical	70
Anexo XIV – 2.ª Sequência pedagógica – Atividade de criação musical.....	72
Anexo XV – Atividade final – Comparação do fado tradicional e contemporâneo.....	74
Anexo XVI – Respostas dos alunos à ficha de trabalho “Amália Rodrigues”	76
Anexo XVII – Reflexão n.º 4 em contexto de 1.º CEB II.....	79
Anexo XVIII – Reflexão n.º 6 em contexto de 1.º CEB II.....	83
Anexo XIX – Respostas dos alunos à atividade de criação musical da 1.ª sequência pedagógica.....	86
Anexo XX – Respostas dos alunos à ficha de trabalho “Ana Moura”	87
Anexo XXI – Reflexão n.º 10 em contexto de 1.º CEB II.....	90
Anexo XXII – Respostas dos alunos à atividade de criação musical da 2.ª sequência pedagógica.....	93
Anexo XXIII – Respostas dos alunos à ficha de trabalho “Amália e Mariza”.....	94

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. Este documento encontra-se dividido em duas partes principais, em que a primeira corresponde à dimensão reflexiva e a segunda parte diz respeito à dimensão investigativa.

Na dimensão reflexiva, tal como o nome sugere, apresentam-se quatro reflexões críticas e fundamentadas acerca do meu percurso de aprendizagem, realizado ao longo de diferentes contextos educativos, respeitantes às unidades curriculares de Prática Pedagógica, nomeadamente em Creche, Jardim-de-Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na dimensão investigativa, encontra-se um estudo de caso realizado com uma turma do 3.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de uma escola pertencente a uma freguesia da cidade de Leiria. Esta investigação debruçou-se sobre problemáticas do ensino e aprendizagem da música, incidindo sobre a utilização específica de um determinado tipo de repertório musical, neste caso o fado. Neste sentido, procurou-se perceber as ideias de cinco alunos, pertencentes ao 3.º ano de escolaridade, relativamente a este género musical. Esta dimensão encontra-se dividida em cinco capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito a uma contextualização do estudo. O segundo capítulo refere-se ao enquadramento teórico, no qual se encontram algumas ideias do ponto de vista de diversos autores, quanto às temáticas abordadas. De seguida, apresenta-se o terceiro capítulo, correspondente à metodologia de investigação, na qual se faz referência aos instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados. No quarto capítulo apresentam-se e discutem-se os dados obtidos neste estudo e por último, no quinto capítulo encontram-se as considerações finais, as limitações do estudo e sugestões para possíveis investigações futuras.

No final deste relatório apresenta-se um capítulo que procura concluir e sintetizar todo o trabalho concretizado durante este percurso, nomeadamente as aprendizagens adquiridas nesta caminhada, espelhadas nas duas dimensões apresentadas.

PARTE I – DIMENSÃO REFLEXIVA

Na primeira parte deste relatório procurou-se realizar uma reflexão crítica e fundamentada de todo o trabalho desenvolvido em diferentes contextos de Prática Pedagógica, retratando o meu percurso de formação ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta parte encontra-se dividida em dois capítulos, correspondendo cada um a uma reflexão de Prática Pedagógica. O primeiro capítulo refere-se à reflexão de prática em Educação de Infância, que é constituída pela reflexão relativa ao contexto de Creche e pela reflexão referente ao contexto de Jardim-de-Infância. No segundo capítulo apresenta-se a reflexão de Prática Pedagógica em 1.º CEB, que é composta também por duas reflexões. A primeira reflexão é alusiva ao percurso de aprendizagem vivenciado com uma turma do 2.º ano de escolaridade, enquanto a segunda retrata a experiência educativa vivenciada com uma turma do 3.º ano de escolaridade.

Em cada uma das reflexões, optou-se em primeiro lugar, por realizar uma breve introdução e uma caracterização do contexto educativo no qual se realizou a Prática Pedagógica, mencionando assim o tipo de instituição e caracterizando o grupo de crianças com o qual interagi. Posteriormente, optou-se por destacar a experiência, por mim vivenciada, nos diferentes contextos educativos. Neste ponto salientam-se alguns referentes, considerando as aprendizagens resultantes de todo este processo, bem como alguns receios, expetativas e dificuldades que encontrei nestas quatro valências.

CAPÍTULO 1 – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

No presente capítulo encontram-se, tal como o título sugere, as reflexões de Prática Pedagógica correspondentes ao contexto de Educação de Infância, nomeadamente nas vertentes de Creche e Jardim-de-Infância. Nestas constam alguns aspetos que revelam a minha evolução no decorrer de toda a prática educativa, e que remetem para a construção da minha personalidade enquanto futura educadora.

1.1. REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE CRECHE

1.1.1. INTRODUÇÃO

A Prática Pedagógica em contexto de Creche decorreu ao longo de cinco semanas, durante o 1.º semestre do 1.º ano do mestrado, designadamente no período entre os dias 24 de setembro e 24 de outubro de 2013. Durante esta fase tive a oportunidade de contactar com um grupo de 18 crianças, durante quatro dias por semana. O período de observação desenvolveu-se durante as duas primeiras semanas, enquanto as restantes se destinaram ao período de intervenção.

Ao longo desta reflexão pretendo destacar alguns tópicos, entre os quais se encontram aspetos relativos à observação; à caracterização do contexto educativo, nomeadamente da instituição onde realizei a Prática Pedagógica e o grupo de crianças com o qual tive o privilégio de contactar; às minhas expectativas e receios; à relação afetiva entre crianças e educador; à relação escola-família; às interações estabelecidas; à importância das áreas pedagógicas e das rotinas diárias; à intervenção; à avaliação; às propostas educativas concretizadas ao longo do semestre; às planificações; aos aspetos que tenho de melhorar e às dificuldades/fragilidades sentidas nesta experiência.

1.1.2. CONTEXTO EDUCATIVO - CRECHE

Ao me proporcionarem a oportunidade de desenvolver a minha Prática Pedagógica na valência de Creche entendi que deveria investigar alguns conceitos acerca da mesma. Sendo assim, verifiquei que a Creche se trata de “(...) um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período correspondente ao impedimento dos

pais ou quem exerça as responsabilidades parentais” (Portaria n.º 262/2011 de 31 de agosto, Artigo n.º 3).

Sou da opinião que, hoje em dia, a Creche tem uma grande importância, dado que antigamente cabia à família cuidar e inserir as crianças na sociedade. Atualmente, com a inserção cada vez mais cedo da mulher no mercado de trabalho, a Creche tem o dever, sendo este um dos seus objetivos: “colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo educativo da criança” (Portaria n.º 262/2011 de 31 de agosto, Artigo n.º 4).

É importante salientar que a Creche constitui uma das principais experiências da criança durante a sua primeira infância, momento em que esta se afasta da família, e no qual irá ser integrada num novo ambiente que permitirá o desenvolvimento de um vasto leque de capacidades e competências. Sendo assim, a Creche tem o papel de educar e cuidar, ambas numa dimensão integrada, ou seja, a educação e o cuidado de crianças devem ser realizados em simultâneo. Não se deve apenas assistir às necessidades básicas da criança como dar-lhe comida, cuidar da sua higiene, mas também, se deve planear atividades, propiciar um ambiente que estimule o seu desenvolvimento e que lhes permita vivenciar experiências enriquecedoras.

Portugal (2012, p. 8) refere que “as relações que se estabelecem com um bebé na creche assumem-se como uma verdadeira relação educativa, que vai muito além de uma mera relação de «tomar conta»”. Ainda relativamente à dimensão do educar e cuidar direcionados às crianças inseridas na primeira infância, são-lhe assim atribuídas duas finalidades como menciona o Ministério da Educação (2000) citado por Coelho (2007, p. 1), “apoiar as famílias na tarefa de educação dos filhos, e proporcionar a cada criança oportunidades de desenvolvimento global, promovendo a sua integração na vida em sociedade”.

1.1.3. A MINHA EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE CRECHE

A minha Prática Pedagógica em contexto de Creche foi desenvolvida numa IPSS, localizada numa freguesia pertencente à cidade de Leiria. Esta instituição possuía valências em Creche e em Jardim-de-Infância. O grupo de crianças com o qual contactei neste contexto estava inserido na faixa etária dos dois anos de idade e era composto por 18 crianças, sendo 7 pertencentes ao sexo feminino e 11 ao sexo masculino.

Quando soube onde iria realizar a minha Prática Pedagógica fiquei bastante satisfeita porque no ano anterior já tinha efetuado a Prática Pedagógica nesta instituição escolar, no mesmo contexto, embora as salas de atividades e as educadoras fossem diferentes. É de salientar que fiquei muito contente quando voltei a ver algumas das crianças com quem tive contacto durante as Práticas Pedagógicas da licenciatura, e tentei perceber se ainda se lembravam de mim. Por outro lado, fiquei um pouco desanimada porque gostaria de ter ficado noutra instituição, para conseguir conhecer outros contextos e adquirir uma nova experiência. Tendo em conta o exposto, ainda assim encarei esta oportunidade como um desafio para a minha formação pessoal e profissional, enfrentando-a com uma grande vontade de desenvolver novas aprendizagens.

Tendo a primeira fase desta prática sido dedicada à observação, durante um período de duas semanas pude observar e recolher dados sobre a instituição, o meio envolvente, a sala de atividades, bem como o grupo de crianças, com recurso a grelhas de observação, tabelas de verificação e notas de campo. Este período de observação revelou-se muito importante na medida que serviu para eu perceber, enquanto estagiária e futura educadora, qual a melhor forma de interagir com o grupo, compreender como decorrem as rotinas diárias e recolher dados para auxiliar, posteriormente, a realização de planificações que promovam novas aprendizagens. Concordando com as OCEPE (Ministério da Educação, 1997)

(...) observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (p. 25).

Assim, com as observações consegui caracterizar o grupo de crianças, como sendo um grupo muito sociável e cooperativo entre si e que reagia bem à presença de pessoas estranhas ao seu quotidiano. Eram crianças participativas e curiosas nas propostas educativas, revelando também um enorme interesse por histórias.

No decorrer desta prática percebi que o educador tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, uma vez que é um dos responsáveis por formar indivíduos ativos e autónomos na sociedade. Ferreira e Assis (2012, p. 6) apontam que o adulto deve ser um “(...) agente organizador de um ambiente rico em objetos e materiais que contribuam para o desenvolvimento das crianças e para as trocas efetivas entre elas”. Assim, consciencializei-me de que a organização do espaço é um fator essencial no

desenvolvimento da criança, na construção da sua personalidade, uma vez que propiciam um amplo conjunto de sensações e estimulações.

Durante o período de observação constatei que a sala onde desenvolvi a minha prática estava organizada em várias áreas pedagógicas, entre as quais: a área da casinha; das construções; da Expressão Plástica; da leitura e fantoches; dos jogos e a área da reunião. Observei que as crianças tinham liberdade para utilizar qualquer uma destas áreas no tempo de brincadeira livre, do modo como entendessem. É de salientar ainda, que as áreas eram compostas por diversos materiais que possibilitavam na criança um reconhecimento de variadas sensações, que favorecia de certa forma um maior contacto com outras crianças, possibilitando mais interações com o mundo que a envolve. Sendo assim, e na minha opinião, o ambiente não deve ser apenas um local onde existem brinquedos que têm como função distrair as crianças mas sim, um lugar onde se promovem novas descobertas e desafios, algo incentivador e estimulante, que desenvolva novas aprendizagens significativas.

Hohmann e Post (2004) citados por Ferreira e Assis (2012, p. 6) afirmam “(...) que o educador deve empreender seus esforços em permitir que as crianças sintam-se livres para explorar e também para vivenciar os experimentos dos outros, bem como adequá-los aos seus próprios planos de ação”. Considerando o exposto, e tendo em conta as observações que fiz durante o período de prática, julgo que o educador deve ter um papel de orientador, observador, incentivador e estimulador que permita à criança: manipular diferentes objetos; brincar; usufruir de novas sensações; explorar o seu corpo; desenvolver a sua autonomia; linguagem; sentido crítico; pensamento lógico-matemático; raciocínio; sociabilidade; resolução de problemas através dos vários sentidos, construindo assim, uma própria visão do mundo que a envolve.

Para além do que foi referido, percebi que o educador deve exercer o papel de intermediário entre a Creche e a família, dado que é com ele que a criança permanece no seu dia-a-dia. A relação que ambos estabelecem pode vir a tornar-se um facilitador de novas aprendizagens, sendo que, cabe à família e ao educador formar crianças inexperientes em adultos conscientes, com valores e pensamento crítico, mas para isso há que formar uma relação de cumplicidade entre ambos (educador-família). Na minha opinião, considero que tanto a família como o educador têm de ter um papel atento na vida da criança, pois eles comunicam de diversas formas e estes devem tentar perceber

o que eles pretendem transmitir. Constatei esta situação durante as rotinas diárias das crianças da sala na qual estava inserida, uma vez que sempre que uma das crianças tinha passado mal a noite ou estava doente, a família comunicava com o educador, deixando recados. Por outro lado, o contrário também acontecia ou seja, quando ocorria algo inesperado na Creche, essa informação também era logo transmitida à família, revelando uma boa parceria entre educador e família.

Verifiquei que o educador deve ainda, estabelecer interações para criar relações de afetividade e confiança. Post e Hohmann (2004, p. 33) afirmam que “(...) as relações de confiança promovem desenvolvimento físico e equilíbrio emocional”. E para que a criança aprenda a confiar, necessita de saber que pode contar com um adulto responsável e afetivo que lhe satisfaça as necessidades. De acordo com Portugal (2000, p. 101) a criança “necessita de saber que as suas necessidades serão satisfeitas dentro de um período de tempo razoável. Necessita de contar com adultos que respondam às necessidades e que simultaneamente ofereçam força e apoio, que não a enganem”. Este facto foi visível durante a minha prática uma vez que consegui criar relações de afetividade com as crianças ao aproximar-me e ao interagir com elas aos poucos. Aprendi que a interação, a afetividade e expressividade com as crianças são sobretudo, a base para uma relação de confiança e afeto. Para além da confiança penso que consegui transmitir segurança, envolvendo-me nas rotinas diárias das crianças (essenciais no seu desenvolvimento) e envolvê-las em coisas que lhes dizem respeito, como por exemplo no momento de mudança da fralda.

Portugal (2000, p. 90) afirma que, ao interagirmos com as crianças desta forma, ao nos inserirmos nas rotinas diárias do grupo de crianças, permite “(...) a construção de uma verdadeira relação de companheiros, onde relações afectivas se instalam. O sentimento de fazer parte de um grupo em vez de um objecto manipulável é vital para todo o desenvolvimento da criança”. Assim, cada criança deve ser tratada de uma forma única e individualizada para que sintam que são seres únicos e especiais.

Um outro conhecimento que adquiri relaciona-se com as rotinas diárias que existem neste contexto. Não tinha a noção de como estas são tão importantes na primeira infância de uma criança. Constatei que o facto de os educadores organizarem as rotinas das crianças, de modo a responderem aos seus interesses e satisfações e, ainda, o facto de se repetirem proporciona à criança a noção do que se sucede e “(...) um sentimento

de controlo e de pertença” (Post & Hohmann, 2004, p. 15). Anteriormente, antes de ter tido algum contacto com a valência de Creche, julgava que as rotinas diárias não passavam de meros acontecimentos, nos quais se alimentavam as crianças e se lhes mudavam a fralda. Com a minha prática neste contexto, entendi que nada disso se trata, muito pelo contrário, as rotinas são momentos muito importantes em que é necessário criar relações de segurança e confiança entre a criança e o educador.

Retive outras aprendizagens durante o período de observações que se referem à importância do tamanho do grupo de crianças e da rotatividade entre adulto-criança. Quanto à primeira, julgo que é mais fácil criar uma relação de segurança com um grupo que possua um menor número de crianças, uma vez que permite uma melhor satisfação das suas necessidades físicas e afetivas e da prestação de cuidados individualizados. Neste caso, embora o grupo fosse constituído por 18 crianças, foi fácil estabelecer essa relação de intimidade e confiança, na qual se tornou possível ir ao encontro das necessidades e capacidades das crianças.

Quanto à segunda, a rotatividade refere-se ao facto dos educadores (as) acompanharem as crianças durante os seus primeiros anos de vida na Creche, tendo assim uma figura de referência, com a qual estabelecem um vínculo afetivo. Nesta prática constatei que a educadora acompanha as crianças nos seus primeiros três anos de vida, sendo que depois são estimuladas a trocar de educadora quando transitam para o Jardim-de-Infância. Na minha opinião, esta rotatividade revela-se um aspeto negativo para o desenvolvimento da criança, na medida em que considero fundamental que a criança, nestes primeiros anos de vida, seja acompanhada por uma pessoa que lhe seja próxima, que lhe transmita segurança, confiança e bem-estar. Neste caso, ao trocar de educadora quando transita para o Jardim-de-Infância existe, a meu ver, uma quebra de vínculos entre educador e criança, que foram criados ao longo do período de frequência da Creche. Neste sentido, revela-se um aspeto negativo porque a criança terá que iniciar um novo processo de vínculos afetivos com a pessoa com que irá contactar, neste caso, a nova educadora, o que poderá certamente demorar algum tempo.

Ao refletir sobre o desenrolar de todo o processo de observação, posso constatar que a Creche é uma etapa essencial na vida da criança, apesar de se direcionar ao cuidado de crianças muito pequenas, estas já conseguem desenvolver algum tipo de atividades, embora os cuidados de rotinas diárias preencham longos períodos do seu dia. Antes de

realizar esta prática não tinha a ideia que as crianças que frequentam a Creche já possuem um vasto leque de conhecimentos e experiências, sendo capazes de perceber que existem regras, de distinguir facilmente os objetos pertencentes aos colegas, como os babetes, bacios, chupetas e chapéus ou então, já terem a noção onde fica o seu catre no momento da sesta. Constatei que a presença de todas estas capacidades são também influência das rotinas diárias, revelando que as crianças através destas se tornam mais aptas e autónomas.

Depois do momento de observação, desenrolou-se o período de intervenções, correspondente a três semanas. É importante referir que antes de começar a intervir senti alguns receios, como o facto de não conseguir captar a atenção do grupo de crianças, não conseguir motivá-las, suscitar o seu interesse e, de certo modo, de não conseguir transmitir uma atitude de respeito.

Para iniciar, julgava que uma planificação deveria ser seguida ao pormenor, mas ao longo das intervenções fui-me apercebendo que tal não acontece e que não existe qualquer problema nisso, muito pelo contrário, uma planificação deve ser flexível e centrada essencialmente na criança. Verifiquei que a realização das atividades planeadas depende de fatores externos como por exemplo o tempo, a disposição das crianças, o seu interesse em desenvolver novas aprendizagens, ou a existência de imprevistos ou erros da nossa parte. Percebi portanto, que cabe ao educador flexibilizar e apropriar as atividades propostas e deixar espaço para quaisquer eventuais imprevistos, preparando por exemplo, atividades de recurso e tentando pensar e agir no próprio momento.

Na minha opinião é importante salientar, que para além das aprendizagens, também existiram algumas dificuldades durante esta experiência. Senti bastantes vezes que não conseguia motivar as crianças durante a leitura de histórias, captar a sua atenção, transmitir-lhes respeito, evitar que elas dispersassem em momentos de conversa na área de reunião e saber dizer não na altura indicada. Contudo, através destas dificuldades foi possível efetuar algumas aprendizagens, nomeadamente através da adoção de estratégias que tinham como intuito minorar essas mesmas fragilidades, ou seja, sou da opinião de que se aprende com os nossos próprios erros e dificuldades. De seguida, apresento algumas das estratégias utilizadas para combater as dificuldades que surgiram.

Quanto à motivação das crianças durante a leitura de histórias, aprendi que este aspeto poderá ser mudado se falarmos com elas de uma outra forma, se dermos uma envolvimento diferente às histórias e se tentarmos explicitar e explorar os seus conteúdos, antes e após a sua leitura. Para acalmar o grupo, captar a sua atenção e evitar que este disperse nestas ocasiões, aprendi que se devem definir muito bem as funções de cada interveniente, em que uma tem o papel de gerir o grupo e a outra de assumir a atividade. Neste caso, sempre intervimos em conjunto, embora cada uma estivesse responsável por uma atividade específica, acabando por existir uma atuação individualizada.

Posso partilhar que impor respeito e dizer não na altura indicada, acabou por ser uma das minhas maiores fragilidades, tornando-se assim um desafio pessoal. Este desafio deve-se ao facto de uma das crianças, durante o período de observações se ter imposto bastante e ter testado os meus limites. No entanto, com o passar do tempo consegui interagir com ela e ganhar um pouco mais da sua confiança, segurança e sobretudo respeito, transformando-se assim o desafio, numa grande conquista da minha parte.

É certo que também tive alguns aspetos a melhorar, como é o caso do importante papel do questionamento das crianças na primeira infância. Como sou muito tímida tornou-se um pouco difícil o questionamento, não só porque não sabia bem o que perguntar como se tornou um pouco desencorajador o facto de estas, na maioria das vezes, não me responderem pelo facto de serem muito pequenas. Contudo, aprendi que nestas idades, quando as crianças não nos conseguem responder, não se deve logo dar as respostas, podendo ficar em suspenso.

Outro aspeto a melhorar, deve-se ao facto da má utilização das áreas artísticas na Creche, sendo estas extremamente importantes no desenvolvimento da criança. Quando digo “má” utilização, debruço-me sobre o facto de apenas se empregar mais a Expressão Plástica na primeira infância e não tanto as outras áreas artísticas. Constatei que ainda prevalece a ideia de que ao utilizar a Expressão Plástica, se estão a abordar as áreas artísticas no geral, o que é muito contraditório. Na minha opinião, senti que as propostas que eu e a minha colega de prática elaborámos incluíam, na maioria das vezes a Expressão Plástica. Daí eu ter referido que devíamos ter explorado um pouco mais as outras áreas artísticas.

Por consequência, verifiquei que as atividades concretizadas que englobaram a área da Expressão Plástica deviam ter sido realizadas com apenas três crianças em simultâneo, dado o tempo que exigem. Não ter respeitado este procedimento, em certos momentos, provocou um transtorno nas atividades planeadas para o dia seguinte, uma vez que tiveram de se prolongar. Notei também que as crianças não trabalhavam muito a dinâmica da Expressão Dramática em contexto de sala de atividades. Como exposto anteriormente, considero lamentável uma vez que a criança ao representar uma personagem desenvolve um vasto conjunto de competências, como a criatividade e imaginação.

Além disto, entendi que na minha futura profissão vou ter de refletir bastante sobre as atividades educativas que proponho, nomeadamente o valor que estas possuem, o seu potencial, que competências e capacidades desenvolvem, bem como a consciência se reforçam ou não conhecimentos anteriormente adquiridos e se promovem ou propiciam novas aprendizagens e conceitos. Neste sentido, o educador deve exercer um papel reflexivo e valorizar o processo de trabalho e não apenas o resultado, demonstrando assim um equilíbrio pedagógico. Esta reflexão deve-se ao facto de, durante uma das reuniões que tivemos com o professor supervisor ele ter referido que uma das nossas atividades tinha tido um carácter lúdico e não pedagógico, dado que as crianças se demonstraram entusiasmadas e divertidas durante a sua realização mas no entanto não perceberam o seu porquê.

Por outro lado, também senti algumas dificuldades, uma delas centrou-se em arranjar atividades pedagógicas para crianças desta faixa etária, que respeitassem o tema abordado no projeto pedagógico e que motivassem e despertassem a curiosidade e interesse do grupo com o qual contactei. Outra dificuldade sentida cinge-se em como avaliar em contexto de Creche. No decorrer da experiência vivenciada nesta valência, deparei-me com o facto de ter avaliado, apenas a partir da observação. Contudo, considero que uma educadora deve ir mais além e não se cingir apenas em observar o comportamento das crianças; verificar se estas se encontravam atentas à atividade; se eram autónomas aquando do momento das propostas educativas ou então, se apresentavam entusiasmo e motivação.

Desta forma, após este percurso apercebi-me de que avaliar na Creche não se trata apenas de avaliar o comportamento das crianças, mas trata-se também de avaliar o meu

trabalho, a proposta educativa, as planificações apresentadas, refletir sobre todo o trabalho concretizado ao longo do dia e verificar o que poderia melhorar. Neste sentido, concordo com Bartolomeu (2010, p. 30) quando afirma que “(...) torna-se verdadeira a ideia de que avaliar na creche, para além de fazer todo o sentido, é fundamental”.

Para finalizar, apesar do nervosismo e ansiedade sentidos no decorrer deste período de intervenções, julgo que consegui atingir os objetivos pretendidos para esta etapa em contexto de Creche. Foi sem dúvida, um percurso repleto de aprendizagens significativas, que guardo para mais tarde as poder aplicar em contexto profissional. Embora considere que esta prática se veio a revelar demasiado curta, sinto que já consigo gerir as rotinas diárias das crianças de forma autónoma, isto é, já consigo auxiliar na satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas. No entanto, tenho a consciência de que ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Concluo assim, que a Creche é sem dúvida um pilar no desenvolvimento e aprendizagem de qualquer criança. Sendo que a Creche, “(...) numa fusão constante de cuidados e educação, pode promover experiências valiosas na vida das crianças, das suas famílias e dos profissionais que aí trabalham, desenvolvendo e facilitando a aprendizagem da criança através das interações com o mundo físico e social” (Portugal, 2000, p. 89).

1.2. REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE JARDIM-DE-INFÂNCIA

1.2.1. INTRODUÇÃO

A Prática Pedagógica em contexto de Jardim-de-Infância decorreu ao longo de dez semanas, também durante o 1.º semestre, do 1.º ano do mestrado, designadamente entre os dias 28 de setembro de 2013 e 16 de janeiro de 2014. Durante esta fase tive a oportunidade de contactar com um grupo de 18 crianças, durante três dias por semana. A primeira semana correspondeu ao período de observação, enquanto as restantes foram dedicadas ao período de intervenção.

À semelhança da reflexão anterior, ao longo da presente reflexão pretendo destacar alguns tópicos, entre os quais se encontram aspetos relativos à observação; à caracterização do contexto educativo, nomeadamente da instituição onde realizei a

Prática Pedagógica e o grupo de crianças com o qual tive o privilégio de contactar; às minhas expectativas e receios; à relação afetiva entre crianças e educador; à relação escola-família; à relação escola-comunidade; às interações estabelecidas; à importância das áreas pedagógicas e das rotinas diárias; à intervenção; às propostas educativas concretizadas ao longo do semestre; às planificações; à investigação; à importância da realização de registos e abordagem do trabalho por projeto; aos aspetos que tenho de melhorar e às dificuldades/fragilidades sentidas no decorrer desta experiência.

1.2.2. CONTEXTO EDUCATIVO – JARDIM-DE-INFÂNCIA

Tendo em conta que nunca tinha tido contacto com a vertente de Jardim-de-Infância, considerei importante, tal como no contexto anterior, realizar algumas pesquisas sobre aspetos relativos à Educação Pré-Escolar e ao Jardim-de-Infância.

Desta forma, considero pertinente começar por referir que a Educação Pré-Escolar se destina a crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade e, de acordo com as OCEPE (Ministério da Educação, 1997)

(...) é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (p. 15).

Embora a Educação Pré-Escolar não seja de carácter obrigatório, julgo que esta é uma mais-valia na educação e no desenvolvimento da criança, uma vez que para além de preparar as crianças para a grande caminhada que é a aprendizagem, promove a construção de cidadãos ativos e conscientes da sociedade que os rodeia. Pode-se então afirmar que o Jardim-de-Infância é uma opção facultativa por parte da família, sendo que cabe à família escolher se a criança deve ou não frequentar estabelecimentos de Educação Pré-Escolar.

No meu ponto de vista, o Jardim-de-Infância não é apenas um local onde se depositam crianças. Pelo contrário, é um espaço que contribui para o seu desenvolvimento global, respeitando as suas características e necessidades individuais. Cada criança é um ser único e possui um ritmo próprio de aprendizagem, cabe assim ao educador incentivar e orientar o seu percurso educativo e de desenvolvimento. Portanto, a meu ver, o papel do educador com crianças em idade pré-escolar é fundamental, dado que Hohmann, Banet e Weikart (1979) afirmam que este tem a responsabilidade de incentivar atividades para

a resolução de problemas. O educador pode fazê-lo, proporcionando o contacto com diferentes materiais, solicitando que a criança planeie o que irá realizar, questionando-a e ainda, proporcionando um vasto conjunto de ambientes e contextos de aprendizagens ativas e significativas. Neste sentido, o educador é sem dúvida, o equilíbrio deste processo de ensino-aprendizagem em que a criança está inserida.

1.2.3. A MINHA EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE JARDIM-DE-INFÂNCIA

À semelhança do que aconteceu em contexto de Creche, foi-me proporcionada a oportunidade de realizar a minha prática na valência de Jardim-de-Infância na mesma instituição escolar, designadamente numa IPSS, situada numa freguesia de Leiria.

O grupo de crianças com o qual desenvolvi a minha Prática Pedagógica era constituído por 18 crianças, sendo 5 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, na faixa etária dos 5 e 6 anos de idade. Segundo palavras da educadora, este grupo revelava grandes capacidades, o que lhes permitia uma elevada competência de aquisição de conhecimentos e possuía uma enorme facilidade em interagir.

Tal como o sucedido na vertente de Creche, a primeira fase desta prática foi dedicada à observação, desta vez num menor espaço de tempo, uma semana. Os principais objetivos deste momento incidiram assim, sobre a recolha de dados acerca do grupo de crianças, o seu número de constituintes e características; perceber a interação entre crianças, bem como criança-adulto (educadora) em contexto de sala de atividades e ainda, durante o recreio; compreender também, a organização da sala de atividades e os recursos existentes disponíveis.

Confesso que a minha adaptação a este contexto foi um pouco mais difícil em comparação com o contexto de Creche. Penso que se deveu ao facto de já estar habituada ao grupo de crianças anterior e sentir que o momento em que possuía um maior à vontade, coincidiu com o momento de saída da Creche. Contudo fui sempre muito bem recebida pelo grupo de Pré-Escolar e pela respetiva educadora, que tentou criar oportunidades para que começássemos, eu e a minha colega de prática, a criar uma relação de confiança com as crianças. Considerei extremamente importante a oportunidade que a educadora cooperante proporcionou, ao nos colocar à vontade para interagirmos com as crianças durante os períodos de tempo em que esta tinha de se ausentar da sala por algum motivo. Evidentemente que aprendemos mais ao agirmos e

ao nos envolvermos nas atividades com as crianças, do que apenas ao estarmos imóveis no fundo da sala de atividades, a retirar notas.

Tendo em conta o exposto anteriormente, ao longo do período de observação, consegui perceber que a criança em idade pré-escolar já possui a capacidade de se dirigir aos outros e de comunicar verbalmente. De acordo com Hohmann, Banet e Weikart (1979) a criança nesta etapa já consegue resolver problemas, é capaz de refletir sobre os seus próprios atos, evocar e prever eventuais problemas que lhe possam vir a surgir no futuro. Além da observação me ter permitido observar os aspetos anteriormente referidos, contribuiu também para eu perceber, enquanto futura educadora, qual o modo mais adequado de interagir com elas, verificar como se sucede o seu dia-a-dia, bem como perceber quais as melhores estratégias a adequar durante a realização de atividades.

Posso salientar a importância das interações existentes neste ambiente, sendo que ao longo deste percurso pude concluir que existem diversos tipos de interações, entre as quais criança-criança, criança-adulto ou ainda, criança-objeto. Posso acrescentar que estas são extremamente importantes para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. De acordo com o Ministério da Educação citado por Cardona *et al.* (2009, pp. 050-051) “a relação que o/a educador/a estabelece com cada criança, a forma como a valoriza, respeita, estimula, encoraja, constitui também um modelo para as relações que as crianças estabelecerão com outrem”.

Por este motivo, surgiu um interesse pessoal em realizar um estudo sobre a temática das ‘Interações nas áreas pedagógicas de Jardim-de-Infância’. Foram efetuadas algumas gravações com o intuito de recolher dados sobre o grupo de crianças com o qual contactei neste contexto. No entanto, com o desenrolar do tempo, verifiquei que não tinha conteúdos teóricos suficientes para desenvolver um estudo desta dimensão e, optei por não concretizar a investigação no âmbito deste tema. Esta situação faz-me refletir sobre o importante papel do educador enquanto investigador. Concordando com Ponte (2002) citado por Ponte (2008)

A investigação dos profissionais sobre a sua prática pode ser importante por várias razões [nomeadamente porque] contribui para o esclarecimento e resolução dos problemas (...) proporciona o desenvolvimento profissional dos respectivos actores e ajuda a melhorar as organizações em que eles se inserem [e contribui] para o conhecimento da sociedade em geral (p. 154).

Por outro lado, remetendo para o valor do ambiente educativo, constatei que o educador, em contexto Pré-Escolar, deve ter uma enorme preocupação na estruturação do espaço da sala de atividades. Neste contexto pude observar que a sala na qual desenvolvi a prática se divide também, em diversas áreas pedagógicas, cada uma apetrechada com os devidos materiais. Como referem Hohmann, Banet e Weikart (1979, p. 51) “(...) o arranjo da sala reflecte os princípios educativos dos adultos responsáveis por essa sala de atividades”. Salientam ainda, que as áreas pedagógicas “(...) ajudam as crianças a ver quais as opções possíveis, pois cada área apresenta um único conjunto de materiais e de oportunidades de trabalho”. Assim, nesta prática fiquei com a ideia de que a divisão da sala por áreas pedagógicas e o facto dos respetivos materiais permanecerem em locais restritos e não poderem ser transportados de uma área para outra, contribui para a criação de regras. Neste sentido, as crianças ao terem contacto com este tipo de situações estão a adquirir a formação de regras e de valores.

Outro aspeto que consegui reter com esta experiência, remete para a extrema importância da relação escola-família, sendo que segundo as OCEPE, “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade” (Ministério da Educação, 1997, p. 16), é definido com um dos objetivos gerais para a Educação Pré-Escolar. A meu ver, esta relação entre a escola e a família pode vir a ser um estímulo à aprendizagem da criança. Portanto, sou da opinião que a ida dos encarregados de educação às instituições escolares, mais concretamente à sala de atividades dos seus educandos se revela fundamental. Para além de transparecer uma envolvimento entre escola-família, mostra ainda que pode ser essencial para o desenvolvimento da criança e construção da sua identidade.

Como refere Diogo (1998) citado por Machado (2011, p. 22) “o envolvimento parental na vida escolar contribui para melhorar significativamente as performances sociais e académicas dos alunos”. Menciono este facto porque, no decorrer desta prática pude contactar com a ida de alguns encarregados de educação à sala de atividades, a fim de participarem em algumas das propostas educativas, sugeridas ao grupo de crianças. Considero importante salientar que notei uma mudança de atitude das crianças quando sentiram que o seu encarregado de educação estava envolvido na sua rotina diária dentro da sala, mais concretamente no decorrer das propostas educativas. É possível sugerir, que existe um sentimento de orgulho por estarem a partilhar com os seus colegas algo que lhes é familiar.

No decorrer desta prática também consegui perceber que o educador é o mediador desta relação, sendo que a iniciativa de aproximação entre a família e a escola deve ser feita pelo educador, uma vez que é aquele em que se encontra numa posição adequada para o fazer. No entanto, pode-se concluir que tanto o educador como a família acarretam a enorme responsabilidade de colaborarem entre si e de envergarem um papel atento na vida da criança.

Apreendi além da relação entre escola e a família, que existem outros meios que influenciam a educação da criança, nomeadamente a relação estabelecida com a comunidade e o seu meio envolvente. Através da cooperação entre a escola e os estabelecimentos em redor da instituição, bem como com a população que neles se inserem, a criança pode privilegiar de um conjunto de esforços mútuos, que o auxiliam no seu desenvolvimento. Como consta nas OCEPE (Ministério da Educação, 1997, p. 23) “o processo de colaboração com os pais e com a comunidade tem efeitos na educação das crianças e, ainda, consequências no desenvolvimento e na aprendizagem dos adultos que desempenham funções na educação”.

Nesta prática tive a oportunidade de vivenciar várias experiências ligadas à população envolvente e pude verificar não só o interesse e entusiasmo que as crianças mostraram neste tipo de projetos, bem como o seu contentamento com o resultado final. Durante esta prática, eu e a minha colega fomos chamadas à atenção para melhorarmos ou criarmos um maior conjunto de interações com a família e com o meio envolvente. Neste sentido, enquanto estagiárias tentámos sugerir várias propostas educativas neste âmbito, revelando na minha opinião, alguma evolução, uma vez que conseguimos planificar várias atividades em que trabalhámos com a comunidade envolvente. Como exemplo, partilho a situação de termos confeccionado biscoitos com as crianças e depois termos ido entregar aos idosos, como forma de recompensa pelo auxílio que nos deram no dia do bolinho.

De acordo com as OCEPE, “despertar a curiosidade e o pensamento crítico” (Ministério da Educação, 1997, p. 16) é um dos objetivos gerais pedagógicos definidos para a Educação Pré-Escolar. Neste sentido, consciencializei-me que o educador deve ter a capacidade de estimular o desejo da criança em saber mais e porquê, uma vez que esta prática contribuiu para eu perceber que as crianças devem ser expostas a diferentes tipos de interações. Percebi então, para que as crianças tenham essa curiosidade de querer

saber mais sobre o mundo que as rodeia, necessitam de alguém que as estimule a procurar as respostas para as suas dúvidas. Para isso, o educador deve questionar as crianças e expô-las a novos desafios cognitivos, sempre a partir de situações pertencentes ao seu quotidiano. Só assim é que as crianças conseguem confrontar a informação nova que obtêm, com aquela que já contêm, e deste modo realizar novas aprendizagens.

Ainda relativamente a este ponto, ao início, quando enveredei nesta experiência, não tinha a noção que era necessário questionar tanto as crianças, bem como conversar com elas, como a educadora o fazia. Neste sentido, esta experiência surpreendeu-me na medida que, enquanto futura educadora tenho de ter a capacidade de questionar imenso as crianças, fazê-las pensar sobre os mais variados assuntos, para que tentem chegar a novos conhecimentos. Sendo assim, posso concluir que a conversação e os momentos de partilha de ideias são algo muito valorizado no Pré-Escolar. Não basta apenas os educadores transmitirem as suas ideias, devem também existir momentos de diálogo e partilha de opiniões entre os educadores e grupo de crianças, de modo a dar a oportunidade à criança de se expressar e desenvolver o seu vocabulário e linguagem.

Outro aspeto que me fez refletir ao longo desta prática foi o facto de, enquanto futura educadora e professora do 1.º Ciclo ter de realizar registos das ideias das crianças. Até ao momento, nunca tinha aprendido que era tão importante proceder a esta prática mas, com o passar do tempo, vim a aperceber-me de que os registos são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem das crianças, bem como em situações de avaliação. Este fator, de certo modo, fez-me refletir que me faltam algumas bases que deveriam ter sido adquiridas ao longo da licenciatura em Educação Básica. Pude verificar que a partir da realização de registos, os educadores podem ter acesso ao conhecimento que as crianças têm sobre um determinado tema. Contudo, podem também vir a ser úteis para comparar novas informações que as crianças adquiriram, com informações prévias que estas já tenham adquirido noutras situações.

No que diz respeito a outras aprendizagens que retive ao longo desta prática educativa, posso referir que aprendi que é essencial trabalhar a abordagem por projeto em Educação Pré-Escolar. À semelhança do que mencionei anteriormente sobre os registos, posso confessar que também me faltam algumas bases quanto a esta temática. Durante a minha licenciatura, posso salientar que abordámos pouco este tema e que os

conhecimentos que obtivemos acerca do mesmo foram na sua grande maioria ao nível da teoria e pouca, ou quase inexistente ao nível da componente prática.

Para além de a abordagem por projeto ser uma mais-valia na educação das crianças, esta permite que sejam trabalhados conteúdos do interesse das crianças. Este método de trabalho torna-se uma vantagem quanto ao ensino, sendo que as crianças se mostram mais motivadas e com um grande desejo em aprender coisas novas. Como refere Katz e Chard citados por Ministério da Educação (2012, p. 10), a abordagem de trabalho por projeto é “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico”. Leite, Malpique e Santos citados por Ministério da Educação (2012, p. 10) acrescentam que é “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados”.

Tendo em conta o que foi referido, importa acrescentar que enquanto grupo de prática, tentámos desenvolver um trabalho por projeto no âmbito da temática da ‘Família’. No entanto, devido à nossa falta de experiência neste tipo de projetos não conseguimos desenvolver esta abordagem, ficando muito aquém das expectativas. Contudo, saliento que foi uma mais-valia expor-me a novos desafios como este, pois a expectativa de aprender algo novo e a vontade de adquirir novos conhecimentos revelaram-se maiores.

Ao longo desta Prática Pedagógica foi proveitoso verificar e vivenciar que a valência da Educação Pré-Escolar pode ser caracterizada como um ensino articulado e transversal às diferentes áreas do saber, contribuindo para o desenvolvimento de várias competências nos sujeitos que neste se inserem. Percebi que as artes são sem dúvida, algo valorizado pelos educadores nesta valência, embora existam algumas educadoras que não se sentem à vontade com algumas áreas artísticas, como é o meu caso, em relação à Expressão Dramática.

Considero que no início desta prática foi bastante difícil para mim, abordar algumas atividades ligadas à Expressão Dramática, uma vez que sou uma pessoa tímida. Mas depois de me ter exposto ao desafio de dinamizar diferentes tipos de jogos dramáticos cheguei à conclusão que não é necessário sentir nervosismo e receio, porque acabou por correr bem e as crianças contribuíram para o meu à vontade, participando de forma entusiasta ao que lhes foi sugerido.

Considerando o exposto, posso refletir que é necessário elaborar sem medos, este tipo de experiências, mas também desinibir-me um pouco mais para a realização deste tipo de jogos dramáticos. É muito importante a utilização das artes no ensino-aprendizagem das crianças nesta valência, uma vez que estas são indispensáveis no desenvolvimento pessoal, social e cultural do indivíduo. Posso partilhar que foi notável o desenvolvimento de várias competências das crianças ao empregar as artes nas propostas educativas, como o desenvolvimento da criatividade, da autonomia, do espírito crítico, da construção da personalidade, a capacidade de interação com os outros e com o meio que os rodeia, a aquisição de novos conceitos e sobretudo, a capacidade de partilhar as suas emoções e sentimentos através da utilização do seu corpo.

Além de tudo isto, considero importante salientar o facto de ter aprendido a realizar planificações que se centrem mais na criança, nomeadamente nas suas ideias e nos seus interesses. Na minha opinião, esta tarefa tornou-se fundamentalmente desafiante na medida que, enquanto aluna sempre fui habituada a um ensino diferente daquele que é aplicado hoje em dia, denominado como ensino tradicional, que se centra pouco nos interesses das crianças. Para reforçar este facto, Portugal (2009, p. 18) menciona que “formar educadores capazes de justificar a sua intervenção educacional e de organizar experiências significativas para as crianças, sendo centrado na criança, considerando a implicação e o bem-estar emocional e promovendo o desenvolvimento de competências, é uma tarefa complexa e desafiadora”.

É inevitável elaborar uma reflexão e não referir o modo de atuação que aplicámos durante a prática, enquanto estagiárias. No início começámos por atuar individualmente em cada dia, depois cada uma intervinha sozinha em dois dias seguidos e mais tarde, numa fase final, passou a ser uma semana cada estagiária. Dado o mencionado, posso referir que no meu ponto de vista, é tão importante desempenharmos o papel de observador participante quanto desempenharmos o papel de interveniente. Digo isto, porque ao longo desta prática quando estive do “lado de fora”, mais concretamente quando desempenhei o papel de observadora, tive a oportunidade de observar com mais atenção alguns aspetos importantes que, por vezes, não conseguia captar enquanto atuava.

Considerando o exposto, penso que as observações participantes são tão importantes como os momentos de intervenção, dado que me possibilitam observar a melhor forma

de como agir futuramente, colocar-me no papel de interveniente e questionar-me: ‘Se fosse eu a atuar neste instante o que faria?’ remetendo assim, a um olhar crítico e reflexivo, ou até mesmo a uma mudança de opinião e de aprendizagens. Acrescento que este método de atuação também se revela importante porque ao longo da nossa carreira teremos de intervir e tomar decisões sozinhas. Posto isto, penso que este método nos auxilia na medida em que nos apercebemos das dificuldades e sensações com que iremos ser confrontadas num futuro próximo, no decorrer da nossa profissão. Esta situação remete para o importante papel que o educador deve assumir, o papel de educador reflexivo. Porque de acordo com Meirinho (2012, p. 19) citando Ludovico (2007), “o educador ao assumir uma atitude de prático reflexivo demonstra «uma capacidade de criticar e questionar a sua própria ação»”.

Com o passar do tempo fui recebendo algumas críticas, de certo modo bastante construtivas, uma vez que serviram para eu crescer a nível profissional e a nível pessoal. Penso que só assim é que conseguimos evoluir, na medida em que é a partir dos nossos erros que aprendemos e conseguimos de algum modo melhorar aquilo que não se fez tão bem, quanto se esperava. Um exemplo dessas críticas foi o facto de eu ter de melhorar a minha entoação de voz, isto é, enquanto educadora teria de projetar melhor a voz, para que as crianças me conseguissem entender, embora julgue que ao longo desta prática tenha melhorado quanto a este aspeto. Posso referir também, que foi muito difícil para mim, evoluir nesta tónica, dado que tenho uma personalidade que se caracteriza como sendo muito tímida e um pouco introvertida. Mas penso que com algum esforço e dedicação consegui ultrapassar esta minha fragilidade e superar mais um desafio.

Para além disso, e ainda no que concerne às críticas recebidas, foi-me transmitida a ideia de que deveria entrar um pouco mais no mundo da criança, tentando agir de uma forma mais fantasiosa e ir ao encontro do lúdico. Para que isto se torne necessário, creio que de agora em diante devo “soltar” a criança que há em mim, tentar pensar um pouco mais como as crianças e deixar o pensamento adulto, com responsabilidades e deveres de lado. Decerto que este é um ponto que vou ter como referência e preocupação em contextos futuros.

Relativamente a esta prática, o aspeto que penso que devo melhorar é o facto de ter em atenção o tempo de concentração das crianças. Com esta vivência educativa aprendi que não devemos concretizar atividades com as crianças em que estas estejam muito tempo

sentadas e depois exigir delas, ainda mais tempo para a concretização de outras propostas. Esta situação contradiz-se com o facto das crianças, nesta faixa etária, terem um tempo de concentração limitado.

Outro aspeto que julgo que devo aperfeiçoar é o modo como concretizo as planificações, nomeadamente no que concerne à intencionalidade educativa e às competências. Penso que deveria explicitar melhor o que pretendo com as propostas educativas e para além disso, quando recorro à utilização de histórias como forma de motivação devo dar mais ênfase ao seu tema na planificação em si, para que, quem for ler as minhas planificações, consiga a partir das competências, verificar qual o assunto tratado na história que irei abordar.

Para finalizar, não deixo de reforçar o facto de, no início, me ter custado um pouco a adaptação no que se refere à sala, ao grupo de crianças bem como, à equipa educativa. Mas com o passar do tempo, consegui criar uma relação de afetividade e confiança com ambos e consegui ambientar-me da melhor forma. Penso que o processo de adaptação correu melhor, não me tendo custado tanto, devido à hospitalidade vinda por parte de toda a equipa educativa. Como uma menos-valia considero o facto de, enquanto estagiárias termos ido embora logo na altura em que nos sentimos mais à vontade com as crianças e no momento em que temos uma maior confiança para realizar um vasto conjunto de atividades.

Deste modo, concluo que esta prática contribuiu para criar uma ideia mais concreta do que se trata a Educação de Infância e quais as suas complexidades, sendo que a Educação Pré-Escolar é um meio responsável de promoção do desenvolvimento social e pessoal das crianças, e contribui para uma oferta de igualdade de oportunidades. Além disso, contribui ainda para a inserção das crianças em vários grupos sociais, estabelecendo contacto com diferentes realidades. Neste sentido, de acordo com as OCEPE, esta valência estimula o desenvolvimento global da criança, inculcando comportamentos que promovem aprendizagens significativas e diversificadas, respeitando sempre as necessidades e interesses das crianças (Ministério da Educação, 1997).

CAPÍTULO 2 – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM 1.º CEB

Neste capítulo encontram-se as reflexões de Prática Pedagógica em contexto de 1.º CEB, referentes a anos de escolaridade diferentes, respetivamente com uma turma do 2.º e 3.º ano de escolaridade. À semelhança do capítulo anterior, nestas reflexões constam alguns aspetos que revelam a minha evolução no decorrer de toda a prática educativa e que remetem para a construção da minha personalidade, neste caso, enquanto futura professora do 1.º Ciclo.

2.1. REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM UMA TURMA DO 2.º ANO DE ESCOLARIDADE

2.1.1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão retrata a Prática Pedagógica em contexto do 1.º CEB, mais concretamente com uma turma do 2.º ano de escolaridade. Esta prática decorreu no 2.º semestre, do 1.º ano do mestrado e teve início a 24 de fevereiro de 2014 e, por sua vez terminou a 11 de junho de 2014.

Durante esta fase tive a oportunidade de contactar com um grupo de 21 alunos, durante três dias por semana. Este momento estendeu-se ao longo de treze semanas, as duas primeiras foram dedicadas ao período de observação e as restantes aos momentos de intervenção. É relevante salientar que a terceira semana foi destinada ao apoio na concretização das propostas de planificação do orientador cooperante e o último dia pertencente, referiu-se a uma intervenção partilhada com a minha colega de prática. Após esta semana, o grupo passou a intervir de forma rotativa, em que cada mestranda desempenhou individualmente, as propostas de planificação elaboradas pelo grupo.

Ao longo desta reflexão pretendo destacar alguns tópicos, entre os quais se encontram aspetos relativos à observação; à caracterização do contexto educativo, nomeadamente da instituição onde realizei a Prática Pedagógica e o grupo de crianças com o qual tive o privilégio de contactar; às minhas expectativas e receios; à relação entre crianças e professor; à atuação; às planificações; à gestão do tempo; à reflexão; à metodologia de trabalho utilizada; à avaliação; aos aspetos que tenho de melhorar; às dificuldades/fragilidades sentidas nesta experiência; em suma, ao papel do professor do 1.º CEB.

2.1.2. CONTEXTO EDUCATIVO – 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Esta Prática Pedagógica no 1.º Ciclo do Ensino Básico foi realizada com uma turma do 2.º ano de escolaridade, de uma escola pública pertencente a uma freguesia do concelho de Leiria. A turma era composta por 21 alunos, dominada pelo género masculino, uma vez que era constituída por 11 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos de idade.

2.1.3. A MINHA EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DO 2.º ANO DE ESCOLARIDADE

Posso começar por salientar que, no início desta prática, me senti um pouco apreensiva e com receio, uma vez que tinha chegado a um contexto distinto do qual tinha mantido contacto no semestre anterior. As principais diferenças com que me deparei devem-se ao facto de este contexto ser de carácter obrigatório, de ter conteúdos curriculares e disciplinares complexos e de usufruir de um espaço formal que é a sala de aula, com regras implícitas.

Para além disso, também notei diferenças quanto à faixa etária, uma vez que as crianças que frequentam o 1.º CEB apresentam um maior nível de desenvolvimento e maturidade, em comparação com as crianças que se encontram em Educação de Infância. Tendo em conta os alunos com que interagi, e de acordo com Papalia e Olds (2000) estes já conseguem processar as informações de uma forma mais rápida, e tornam-se mais aptas quanto à capacidade de atenção e memória a curto prazo. Tavares *et al.* (2007) acrescenta que estas deixaram de possuir um pensamento intuitivo e egocêntrico, tornando-se indivíduos com um pensamento naturalmente mais lógico.

Como referi anteriormente, a primeira fase desta prática destinou-se à observação, na qual durante duas semanas, o grupo de mestrandas teve de observar a instituição escolar, o meio em que estava inserida, a sala de aulas em que decorreram as intervenções e ainda, o grupo de alunos com o qual intervimos. Durante esta etapa, utilizou-se a técnica de observação direta, que de acordo com Quivy e Campenhoudt (2008, p. 164) “(...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados”. Importa ainda mencionar que, no decorrer deste período, foram utilizados vários instrumentos de recolha de dados, como tabelas de verificação, grelhas de observação, notas de campo, algumas conversas informais e análise de documentos que nos permitiram recolher

informações para a realização da caracterização do meio, instituição, sala de aula e turma.

Considero que a fase da observação foi fundamental neste processo inicial da Prática Pedagógica, dado que nos possibilitou enquanto estagiárias, conhecer a rotina diária das crianças, o modo de agir de cada aluno, entender qual a melhor forma de interagir com a turma e perceber ainda, a metodologia utilizada pela professora. Estes aspetos foram relevantes para sabermos como poderíamos agir e colocar em prática tudo o que aprendemos com a observação, aquando o momento das intervenções. Concordando com Craveiro (2004, p. 52) a observação é entendida “(...) por educadores, investigadores e formadores, como uma tarefa essencial para compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e perceber como explorar novas etapas que levem a criança a progredir”. Deste modo, julgo que a observação deve ser um procedimento infundável, ou seja, que se deve estender ao longo de toda a prática e não apenas durante aquelas semanas iniciais.

Penso que através do ato de observar, se tornou mais fácil estabelecer uma relação de confiança com as crianças e de conhecer as suas personalidades individuais, de modo a possibilitar a aquisição de novas aprendizagens. Sou da opinião que, os alunos só conseguem efetuar novas aprendizagens se conseguirem estabelecer uma relação de proximidade e afetividade com o seu professor. Concordando com Muller (2002, p. 276) “a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo”.

Tendo em conta o exposto, remeto para o papel de extrema importância que um professor do 1.º CEB deve exercer nos primeiros anos de escolaridade. Com a prática neste contexto, consegui entender que o professor do 1.º CEB deve assumir um papel orientador e proporcionar um vasto conjunto de experiências e ambientes, que possibilitem a promoção de aprendizagens significativas. Neste âmbito, o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, “passou o tempo em que ensinar se reduzia à transmissão de conhecimentos do professor para o aluno” (Estanqueiro, 2012, p. 40). Pelo contrário, é essencial que este observe a sua turma e conheça as identidades pessoais existentes e os contextos familiares de onde os alunos são provenientes.

É importante acrescentar que segundo Reis (2011, p. 11) “a observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem”. Esta, por sua vez, permite antecipar os conteúdos que devem ser abordados em contexto de sala de aula, mas também possibilita antever algumas das possíveis resoluções que os alunos podem expor ao longo da intervenção. Para tal, enquanto estagiária, durante esta prática tive de elaborar diversas planificações respeitantes às atuações. Quanto a este ponto, reflito que foi das tarefas onde me ocorreram mais dificuldades, no sentido em que se mostraram muito distintas daquelas que realizei em contexto de Educação de Infância e porque não sabia ao certo que referentes deveria integrar na sua estrutura.

Relativamente à concretização das planificações, houve sempre a preocupação de tentar estabelecer uma articulação entre os objetivos, competências, conteúdos, estratégias e avaliação, de forma a existir uma interdisciplinaridade, embora muitas vezes não fosse possível. Segundo Medeiros (2012, p. 18) a interdisciplinaridade entre as várias áreas curriculares “(...) surge como uma estratégia primordial no desenvolvimento de toda a ação educativa, pois permite interligar os vários conteúdos do saber, abordando-os simultaneamente, em vez de individualmente”.

No que diz respeito às dificuldades sentidas na elaboração das planificações, posso mencionar que aquela que prevaleceu durante toda a prática se cinge à gestão de tempo, sendo que em algumas situações não foi possível concretizar todas as atividades que estavam planeadas para aquele dia. Considero que este referente é algo que, enquanto futuros professores, vamos adquirindo com o passar do tempo e com os anos de experiência. De acordo com Arends (1995, p. 79) “no ensino, o tempo pode ser visto como um recurso crítico que, em combinação com outros recursos, produz a aprendizagem dos alunos”.

Posso refletir que existiu uma evolução quanto a este tópico, uma vez que inicialmente o grupo planificava muitas propostas educativas que não chegavam a ser concretizadas. Deste modo, o grupo optou por diminuir o número de propostas apresentadas, dado que não chegariam a ser realizadas. Por outro lado, manifestámos também algumas dificuldades no que se refere à elaboração e apresentação de atividades de recurso, visto que existiam alunos que terminavam as tarefas com uma enorme facilidade e rapidez. Para evitar esta situação, o grupo chegou à conclusão que deveria arranjar um maior número de atividades de recurso, tornando-as também um pouco mais desafiantes,

porque as crianças que terminavam mais cedo tinham a tendência de destabilizar o resto da turma, provocando algum mau comportamento.

Assim, aprendi que o professor tem um papel primordial quanto a este aspeto, uma vez que tem a responsabilidade de planificar tarefas que sejam adequadas ao ritmo individual de cada criança, bem como apresentar atividades que se tornem motivadoras e estimulantes. Consegui também perceber que a planificação de um professor deve ser flexível, ou seja, não é obrigatório respeitar os tempos registados para a elaboração das atividades, podendo estas ser alteradas consoante o sucedido no momento.

Importa mencionar que o grupo de mestrandas conseguiu implementar uma estratégia alternativa para contornar a ineficaz gestão do tempo, a partir de estratégias de abertura de aulas, tentando estruturá-las com momentos de introdução, desenvolvimento e fecho. Chegou-se à conclusão que era pertinente estabelecer estratégias em que eram mencionadas todas as atividades que iriam ser realizadas ao longo do dia, de modo a que os alunos tomassem o seu conhecimento. Da mesma forma, também foi essencial estabelecer ligações com as aprendizagens anteriores, sendo que, no início de cada aula, eram recapitulados os conteúdos abordados no dia anterior. Sou da opinião que esta foi uma boa opção, dado que as crianças se revelaram interessadas e empenhadas em querer cumprir o plano. Por outro lado, foi importante utilizar esta estratégia, dado que nos foi muitas vezes impossível cumprir toda a planificação idealizada, deixando algumas tarefas por realizar.

No que concerne ao comportamento, esta turma era caracterizada como sendo um grupo disciplinado, no entanto existiam alguns momentos de confusão, consequentes do entusiasmo em querer participar nas atividades. Menciono este caso, na medida em que é fundamental refletir sobre o facto de as crianças não terem a capacidade de controlar o entusiasmo perante as propostas apresentadas. Embora seja um aspeto positivo, enquanto futura professora tive algumas dificuldades em gerir esta situação, dado que as crianças se mostravam entusiasmadas em participar mas simultaneamente inquietas. Quanto a esta situação, a minha reflexão remete para a ideia de que, enquanto futura professora do 1.º CEB, devo possibilitar que todas as crianças partilhem as suas ideias. Neste caso específico, era difícil controlar quem deveria permanecer em silêncio e quem poderia expor as suas conceções. Portanto, esta dificuldade cinge-se em controlar o entusiasmo e motivação prevalente nas crianças, embora tenha a consciência que deva

facilitar o envolvimento e a comunicação das mesmas em sala de aula. Importa acrescentar que, de forma a contornar a inquietação existente, o grupo de mestrandas sentiu a necessidade de criar regras de sala de aula e um mapa de comportamento, de registo diário. Atualmente, reflito que este não teve grande efeito perante as situações sucedidas, uma vez que estes comportamentos se continuaram a manifestar.

Em relação à minha atuação, julgo que não foram apenas as crianças a adquirir novos conhecimentos e a vivenciarem novas experiências. Considero que esta oportunidade se revelou uma mais-valia, na medida em que cresci enquanto professora mas também, enquanto pessoa. Refiro este aspeto porque, ao longo desta Prática Pedagógica, fui transmitindo algumas mudanças no âmbito da atuação profissional mas foram-se verificando igualmente, algumas modificações ao nível da minha personalidade. Reafirmo que não foram apenas as crianças que aprenderam, pois este percurso demonstrou ser um processo de ensino-aprendizagem mútuo, em que fui adquirindo um pouco de todos os alunos, sendo assim, uma construção infundável da minha identidade e de novos saberes. Além disso, senti sempre uma enorme necessidade de tentar perceber as atitudes das crianças e de responder aos seus interesses e motivações, visto que é este o papel do professor no 1.º CEB.

A meu ver, o grande progresso que retiro desta prática, refere-se ao facto de conseguir demonstrar uma atitude mais persuasiva e transmitir respeito dentro da sala de aula. Para mim, esta tornou-se uma grande conquista, uma vez que, em contexto de Educação de Infância, me foram atribuídas algumas críticas, no que diz respeito à projeção de voz e em termos de presença em sala de atividades.

No entanto, julgo que nem todo este percurso foi regular, isto é, no início desta prática, e enquanto grupo como um todo, na minha opinião, transmitimos alguma insegurança e instabilidade mas ao longo do tempo, julgo que fomos conquistando uma atitude diferente, revelando uma evolução e um maior à vontade. Considero que isto se sucedeu devido ao facto de ter existido uma reflexão sobre o todo o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no desenrolar deste contexto. Neste sentido, aprendi que o professor do 1.º Ciclo deve ser um docente reflexivo, capaz de se questionar sobre a sua prática e tentar perceber o que poderia alterar, respeitando as necessidades das crianças.

De acordo com Nóvoa (1991) citado por Vieira (2011, p. 168), “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente da identidade pessoal (...)”. Portanto, chego à conclusão que ser professor “(...) obriga a opções constantes que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam a nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”. (Nóvoa, 1992 citado por Vieira, 2011, p. 171).

Ainda no que se refere à minha atuação, posso mencionar que sempre tive a preocupação de me preparar antecipadamente para as intervenções e de utilizar uma linguagem adequada e rigorosa, para que as crianças tivessem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e novo vocabulário. Ao longo desta prática consegui entender que o professor do 1.º CEB, nos primeiros anos de escolaridade, é essencialmente um modelo linguístico perante as crianças. Portanto, cabe ao professor ensinar a língua porque é através dela que as crianças “(...) aprendem e se desenvolvem (e n) a vida cultural da sociedade a que pertencem” (Pereira, 2010, p. 52). Ainda assim, enquanto estagiária senti também a necessidade de pesquisar sobre questões didáticas e científicas de maneira a que fosse possível aplicar de um modo correto, os conteúdos respeitantes aos programas e metas de aprendizagem estabelecidos para esta faixa etária.

No desenrolar desta prática educativa houve a preocupação em utilizar diversos materiais didáticos, de forma a facilitar a aprendizagem e a aquisição de conhecimento, por parte dos alunos. Como se sabe, as crianças destas faixas etárias conseguem mais facilmente compreender o mundo que as rodeia através da manipulação de objetos concretos, sendo que possui um maior significado para as mesmas, enquadrando-as no contexto pretendido. Segundo Nolaço (2009) citado por Silva (2013, p. 12), “(...) os materiais didáticos despertam a curiosidade e estimulam os alunos a fazer perguntas, a descobrir semelhanças e diferenças, a criar hipóteses e a chegar às suas próprias soluções (...)”.

Por outro lado, percebi que é fundamental valorizar as aprendizagens das crianças, sendo que estas possuem uma grande variedade de conhecimentos, obtidos através das experiências e contextos que lhes são familiares. Tendo em conta as atividades que foram desenvolvidas com esta turma de 2.º ano de escolaridade, houve sempre o

cuidado de partir das concepções prévias dos alunos e valorizar todo o processo de aprendizagem e não apenas o produto final.

No desenrolar desta prática, fui-me apercebendo que as crianças com que interagi não conseguiam trabalhar em grupo. Afirmando este facto, dado que nos momentos em que tiveram a oportunidade de realizar atividades de interação com os colegas, existiu sempre alguma confusão em ambiente de sala de aula. Embora o trabalho de grupo seja uma estratégia enriquecedora para a aquisição de novas aprendizagens e um meio de socialização, através do qual os alunos podem desenvolver um vasto conjunto de competências, este não foi usufruído da melhor forma no decorrer da prática. Aprendi assim, que este tipo de trabalho se caracteriza como algo difícil de implementar em 1.º Ciclo, devido à individualidade de cada criança. No entanto, quando aplicado em contexto de sala de aula, pode revelar-se um benefício para os alunos. Para constatar este facto, Valente (2012) afirma que

(...) o trabalho de grupo (...) pode constituir-se como uma estratégia de ensino e de aprendizagem (...) que pressupõe que o aluno seja integrado num grupo com o objetivo de poder aprender e ensinar os restantes elementos e (...) o desenvolvimento de diversas competências (pp. 14-15).

Outra situação que merece a minha reflexão é a avaliação, sendo esta extremamente importante para a perceção do processo de aprendizagem das crianças. De acordo com Stufflebeam e Webster citados por Lopes e Silva (2012, p. 1) “avaliar é ajudar a tomar decisões. É um processo contínuo em que se identificam as informações relevantes, se recolhem, analisam e medem os dados e comunicam informações (...)”. Posso mencionar que ao longo desta Prática Pedagógica em 1.º CEB, este processo não foi devidamente aplicado pelo grupo. Considero que este facto se evidenciou, uma vez que, até ao momento, possuímos dificuldades em compreender como se desenrola a avaliação.

No entanto, fiquei consciencializada de que avaliar é um processo essencial na prática de um docente, dado que permite entender o que as crianças são capazes de concretizar e que informação conseguem reter. Além disso, permite compreender de uma forma reguladora em que nível de desenvolvimento se encontram os alunos. Assim sendo, Gómez (2006), citado por Lopes e Silva (2012) salienta que

A avaliação é um indicador que permite identificar a eficácia e o grau de avanço do ensino-aprendizagem e a formação dos alunos. (...) Não pode ser uma ação relacionada apenas com os resultados de testes, que são, em última instância, uma simplificação da avaliação (p. 1).

Importa salientar, que no desenrolar desta experiência, se tentou realizar uma avaliação formativa, que possibilita conhecer os alunos e planificar as aulas tendo em conta as suas características. Considerando o exposto, foi necessário dar ênfase ao questionamento e à análise das propostas educativas que foram realizadas no decorrer da prática, para que se obtivesse a mencionada avaliação formativa. Além deste tipo de avaliação, enquanto estagiária também se tornou necessário realizar uma autoavaliação, de forma a obter melhores resultados e contornar algumas situações que se demonstraram menos apropriadas no momento. Para concretizar esta autoavaliação, foi inevitável realizar sucessivas reflexões acerca da minha prática docente, de modo a colocar em causa o meu próprio trabalho, “(...) e refletir sobre ele para o redirecionar e corrigir, de forma a contribuir significativamente para melhorar o ensino e, assim, promover uma melhor aprendizagem” (Gómez, 2006, citado por Lopes & Silva, 2012, p. 1).

Acrescento que ao assumir o papel de futura profissional da educação, deveria ter proporcionado mais momentos de autoavaliação, em que os alunos tivessem a possibilidade de se autocriticarem e desenvolverem as suas capacidades de aprendizagem. Portanto, esta prática contribuiu, de um modo geral, para fortalecer a conceção que tinha de avaliação, servindo de base para um futuro contexto.

Quanto ao processo de reflexão, na minha opinião, trata-se de um procedimento presente na prática de um bom professor do 1.º CEB. Como tenho vindo a referir ao longo desta dimensão reflexiva, tornou-se necessário refletir sobre todas as atuações, sendo que estas reflexões foram elaboradas de forma escrita, mas também oralmente, com os alunos e com as professoras. Em cada uma das reflexões tive o cuidado de me autocriticar e de criticar a atuação da minha colega de prática, de maneira a contribuir para uma melhoria nas minhas intervenções. É importante mencionar que, de acordo com Oliveira e Serrazina (2002), a reflexão permite a que os professores desenvolvam

(...) novas maneiras de pensar, de compreender, de agir e de equacionar os problemas de prática, adquirindo uma maior consciencialização pessoal e profissional sobre o que é ser professor e como ser um professor que, de modo consistente, questiona as suas próprias práticas (p. 39).

Para finalizar, menciono que o contacto com esta turma de 2.º ano de escolaridade, me permitiu refletir sobre o meu ideal de professor que pretendo ser quando exercer esta profissão. Neste sentido, tenciono ser uma professora que leva os seus alunos a questionarem, a criticarem e refletirem acerca do mundo que as rodeia, de modo a

construir cidadãos ativos e inseridos na sociedade em que vivem. Por outro lado, pretendo ser também uma professora que não termina a sua vida académica, ou seja, uma professora que se mantém a par dos estudos que vão surgindo, de modo a manter-se atualizada. Constatei que este é um aspeto fundamental na prática educativa, dado que as crianças no desenrolar deste período colocaram perguntas de carácter mais científico e, se eu não lesse e estudasse antes das intervenções, não conseguiria fundamentar e justificar as minhas respostas perante a turma.

Concluo assim que o 1.º CEB, sendo de carácter obrigatório, se trata de uma etapa essencial na educação das crianças, dado que permite preparar os alunos para a vida em sociedade. Com esta prática confirmei que é possível existir uma grande diversidade de alunos, e que a sua interação e convivência podem contribuir para o contacto com outras realidades, possibilitando a transmissão de múltiplos conhecimentos e formas de pensar.

No entanto, ao contactar com esta turma do 2.º ano, entendi que o professor nos primeiros anos de escolaridade desempenha um papel de enorme responsabilidade na vida das crianças, uma vez que é através deste que adquirem novos conhecimentos e tomam conhecimento do mundo que as envolve. Além disso, concedeu-me a certeza de que é este o caminho que pretendo seguir, isto é, trabalhar com crianças e fazer parte das suas vidas e percurso escolar, assumindo um contributo essencial no seu desenvolvimento.

2.2. REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM UMA TURMA DO 3.º ANO DE ESCOLARIDADE

2.2.1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão retrata a Prática Pedagógica em contexto do 1.º CEB, mais concretamente com uma turma do 3.º ano de escolaridade. Esta prática decorreu no 3.º semestre deste mestrado, iniciando-se a 23 de setembro de 2014 e terminando a 13 de janeiro de 2015.

Durante esta fase tive a oportunidade de contactar com um grupo de 19 alunos, durante dois dias por semana. Este momento estendeu-se ao longo de quinze semanas, sendo que as duas primeiras semanas, mais concretamente os dias 23, 29 e 30 de setembro de

2014 se destinaram ao período de observação. A semana seguinte foi dedicada ao apoio à concretização das propostas de planificação da professora cooperante.

Após as primeiras semanas de prática, o grupo em vez de atuar em simultâneo como tem vindo a ocorrer nas práticas anteriores, começou desde logo a intervir de forma rotativa, sendo que cada mestranda atuou sozinha, com o auxílio da sua colega, implementando as propostas de planificação idealizadas pelo grupo.

Ao longo desta reflexão pretendo destacar alguns tópicos, entre os quais se encontram aspetos relativos à observação; à caracterização do contexto educativo, nomeadamente da instituição onde realizei a Prática Pedagógica e o grupo de crianças com o qual tive o privilégio de contactar; às minhas expectativas e receios; à relação entre crianças e professor; à atuação; às atitudes; às propostas educativas concretizadas ao longo do semestre; às planificações; à gestão do tempo; à reflexão; à metodologia de trabalho utilizada; à avaliação; à investigação; aos aspetos que tenho de melhorar; às dificuldades/fragilidades sentidas nesta experiência; em suma, ao papel do professor do 1.º CEB.

2.2.2. CONTEXTO EDUCATIVO – 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Esta Prática Pedagógica foi concretizada identicamente, numa escola pública pertencente a uma freguesia do concelho de Leiria. Neste contexto tive a possibilidade de contactar com uma turma composta inicialmente por 18 alunos, sendo que a meio do semestre, passou a ser constituída por 19 alunos, devido a uma transferência. Este grupo era formado por crianças com 7 e 8 anos de idade, constituído respetivamente por 9 elementos do sexo feminino e 10 elementos do sexo masculino.

2.2.3. A MINHA EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DO 3.º ANO DE ESCOLARIDADE

Início esta reflexão mencionando o facto de ter ficado um pouco desiludida por não poder ficar no mesmo contexto que no ano anterior, ou seja, na mesma escola e com a mesma turma. Embora esta situação seja impossível de ocorrer, sempre mantive essa esperança. No entanto, fiquei noutra escola relativamente perto mas com uma realidade completamente distinta. Considero que ao início, apesar de ter ficado triste com esta situação, fiquei simultaneamente contente e senti boas expectativas, uma vez que já tinha

escutado opiniões de colegas que estiveram neste contexto no ano letivo anterior, e todas elas eram bastante positivas.

Penso que foi benéfico ter mudado de realidade e ambiente escolar, pois neste novo contexto consegui verificar uma evolução pessoal, que julgo ter ocorrido por me sentir bem com a interação que estabeleci desde logo com a professora cooperante, com a turma e com toda a comunidade educativa. Posso partilhar que, apesar de se ter revelado uma grande etapa e desafio, da qual retirei um variado leque de aprendizagens, sempre senti alguns receios, como não conseguir criar uma relação de confiança com as crianças, sendo esta bastante importante nos momentos de interação com a turma.

De forma a contornar este receio, aproveitei o facto de no período de observação poder recolher, não só um diverso conjunto de dados, que me permitiram verificar a metodologia e estratégias que a professora cooperante aplica com os seus alunos em sala de aula, como também, recolher um grande conjunto de informações, acerca dos alunos e do seu meio envolvente. Penso que estas informações vão ser bastante úteis para sabermos qual a melhor forma de interagir e criar laços de confiança com as crianças. Sou desta opinião dado que, de acordo com Neves *et al.* (1994, p. 2), a observação “(...) permite a recolha de informação sobre o modo como os alunos vão desempenhando as suas tarefas, as competências e as atitudes desenvolvidas, enquanto decorre o processo de ensino-aprendizagem”.

Considero relevante acrescentar que, nesta primeira fase da prática me senti muito nervosa, na medida em que esta seria a única oportunidade que teria para realizar a recolha de dados, que iriam ser utilizados no âmbito do presente relatório de mestrado. Neste sentido, tive de concretizar um mapa de atividades, no qual estipulei o que pretendia recolher, bem como as datas das entrevistas e das atividades de Expressão Musical que iria implementar em sala de aula com os alunos. Todo este processo decorreu ao longo do semestre e sempre tive o cuidado para que tudo corresse da melhor maneira, uma vez que os dias que tinha previstos para recolher dados, coincidiam com os dias em que eu desempenhava o papel de aluna atuante. Somente num dia, senti a necessidade de solicitar a colaboração da minha colega e da professora cooperante, uma vez que os dias que tinha disponíveis para desenvolver as atividades que iriam constar neste relatório final de mestrado não eram suficientes.

Considerando o exposto, aproveito para refletir acerca de todo o trabalho que foi efetuado em prol do meu relatório de mestrado. Neste sentido, tendo em conta que “ser professor-investigador é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução” (Alarcão, 2001, p. 6), surgiu o interesse em realizar um estudo no âmbito da Expressão Musical, incidindo sobre a utilização específica de um determinado género de repertório musical, o fado.

Assim, neste contexto tive a oportunidade de implementar uma investigação com o intuito de perceber quais as ideias que as crianças do 3.º ano de escolaridade têm sobre o fado. Para tal, realizei uma entrevista inicial a uma amostra de cinco crianças, algumas atividades de âmbito musical e uma entrevista final. Relativamente às atividades que vim a desenvolver com a turma, ao longo deste período letivo, consegui retirar algumas das ideias essenciais que os alunos vieram a desenvolver com as propostas realizadas. Neste caso, foram concretizadas atividades em torno de quatro organizadores, sendo estes: a perceção sonora e musical; a interpretação e comunicação; a experimentação e criação e ainda, culturas musicais nos contextos. De acordo com Vasconcelos (2006, p. 7), “as aprendizagens conducentes à construção de qualquer competência devem basear-se em actividades inerentes aos três grandes domínios da prática musical: Audição, Interpretação e Composição”. Assim sendo, tentei sugerir atividades que respeitassem estes grandes domínios da prática musical, mas que envolvessem similarmente o género musical fado.

Refliro que fiquei bastante surpreendida pelo facto de as crianças terem aceitado tão bem este género de música e reagirem com curiosidade e satisfação às atividades que lhes foram propostas. Partilho que tentei tornar um conteúdo que pode eventualmente transmitir uma imagem chata e sem interesse para a turma, em algo motivador e entusiasmante, uma vez que no decorrer das propostas educativas no domínio da prática musical, tentei recorrer a várias imagens, vídeos, gravações áudio e até, o contacto com instrumentos musicais. Deste modo, a meu ver, consegui atingir um dos objetivos delineados no início desta prática, sendo ele, dar a escutar e a conhecer um género musical marcadamente português, trabalhando um dos princípios orientadores das práticas musicais no 1.º CEB “a valorização do património artístico, em particular, o património musical português” (Vasconcelos, 2006, p. 7).

Em comparação com o contexto educativo frequentado no semestre anterior, na minha opinião, revelo alguma evolução. Considero que registei alguns progressos no que diz respeito às minhas atitudes, às planificações apresentadas, à minha atuação e ainda, às reflexões apresentadas ao longo da prática.

Relativamente às minhas atitudes, considero que no decorrer deste semestre transmiti uma atitude muito mais segura, confiante e firme em todas as tarefas que implementei, nomeadamente nas atividades relativas à Expressão Musical. Julgo que tentei sempre preparar-me da melhor forma, demonstrando um grande interesse pela pesquisa relacionada com as situações educativas que iria abordar em aula, de modo a transmitir uma atitude conhecedora, tanto quanto a conhecimentos científicos, como didáticos.

Sendo a Expressão Musical, uma área na qual não me sentia tão à vontade, penso que ultrapassei um grande desafio, visto que levei para a sala de aula, um assunto que era novo para as crianças, mas acima de tudo, que também me era desconhecido. Nesta medida, penso que não foram apenas os alunos que aprenderam com toda esta Prática Pedagógica mas também eu, como estagiária, adquiri conhecimentos com estes pequenos, grandes aprendizes. No entanto, reflito que por ter de realizar todas estas atividades de Expressão Musical para o meu estudo, não consegui implementar tarefas respeitantes às outras áreas artísticas, com muita pena minha. Considero que a área das expressões contribui para o desenvolvimento global e para a realização pessoal da criança, na medida em que permite desenvolver um vasto leque de competências.

Além do que foi exposto, e ainda no que se refere às atitudes reveladas, considero que demonstrei uma boa capacidade relacional com os diferentes intervenientes da prática e da comunidade educativa. Penso que sempre fui recetiva às críticas que estes me impuseram, tirei partido delas e manifestei empenhamento no exercício da função docente. Neste sentido, demonstrei sempre disponibilidade para uma permanente autoformação, pois considero que um professor do 1.º CEB nunca deixa de ser um investigador e nunca termina a sua formação, tendo o dever de se manter atualizado, acerca do mundo que o rodeia. Como defende Alarcão (2001, p. 6) “ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona”.

No que concerne às planificações concretizadas, considero que o grupo manifestou uma evolução quanto a este aspeto. No semestre anterior, confesso que apesar de termos tido sempre a preocupação em articular os objetivos, competências, conteúdos, estratégias e avaliação, revelámos algumas dificuldades. Neste contexto educativo, penso que já conseguimos ultrapassar um pouco esta fragilidade, embora este parâmetro só consiga ser totalmente respeitado com os diversos anos de experiência de função docente. Além disso, constatei também que tentámos selecionar um diverso conjunto de estratégias que fossem adequadas à turma, embora esta, por vezes, não tenha conseguido desenvolver novas aprendizagens.

Dado o mencionado, enquanto estagiárias, procurámos diversificar as propostas apresentadas, levámos nomeadamente atividades práticas, em que era estabelecido o contacto com órgãos de animais, para trabalhar os sistemas humanos, por exemplo. Através destas, constatei que se tornou uma mais-valia para as crianças porque através de coisas práticas e experienciais os alunos têm mais probabilidade de desenvolverem aprendizagens significativas. Tentámos, também, propor atividades a partir das quais era estabelecido o contacto com os encarregados de educação e com a comunidade envolvente, o contacto com diversos materiais didáticos, articulando as diferentes áreas do currículo e a interação com as novas tecnologias. Como saliento na reflexão n.º 8 em contexto de 1.º CEB II (Anexo I) “(...) trazer objetos, com os quais os alunos não estão habituados a contactar, permite captar a sua atenção e mantê-los interessados e motivados naquilo que estão a fazer” (p. 2).

Importa referir que as planificações apresentadas basearam-se na concretização de propostas educativas que valorizavam, em grande parte, o trabalho em grupo. Quando chegámos a esta turma verifiquei que a maioria das atividades eram realizadas em grande grupo e sempre iniciadas com o registo de frases simbólicas como: ‘Corrigido pelo quadro’, ‘Pelo quadro’ ou ‘Coletivo’. No entanto, em conversa com a professora cooperante, considerámos interessante propor também, ao longo das nossas planificações, o trabalho individual, porque no meu ponto de vista, só assim é que, enquanto professora estagiária, conseguia observar as dificuldades existentes em cada uma das crianças.

Neste sentido, reflito que o trabalho em grupo é importante, dado que possibilita desenvolver um vasto conjunto de competências, mas considero que o trabalho

individual não pode ser menosprezado, visto que é através dele que o professor pode verificar quais os conteúdos que devem ser trabalhados insistentemente. Além disso, reflito ainda que poderíamos ter aplicado o trabalho cooperativo que, segundo Fathman e Kessler (1993) citados por Lopes e Silva (2009, p. 3), se trata de um trabalho que valoriza ambas as vertentes, dado que é “(...) um trabalho de grupo que se estrutura cuidadosamente para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho”.

Ao nível das dificuldades, posso mencionar que se prenderam, tal como no semestre anterior, com a gestão de tempo. Ao início, o grupo manifestou alguma dificuldade em planificar, tendo em conta este parâmetro, mas com o passar do tempo considero que revelámos uma grande evolução. Inicialmente, como vínhamos um pouco habituadas ao contexto e à turma anterior, planificávamos mais propostas do que eram realmente necessárias. Penso que esta situação se observava porque, no semestre anterior, existiam alunos que terminavam as tarefas com uma enorme facilidade e rapidez e, por este motivo, tínhamos de ter sempre preparadas algumas atividades de recurso para estes alunos concretizarem. Esta situação transmitia-nos, enquanto estagiárias, alguma confiança, segurança e estabilidade no momento de atuação. No entanto, com esta turma do 3.º ano constatámos que os alunos tinham um ritmo de aprendizagem semelhante e que terminavam as propostas apresentadas, na maioria das vezes ao mesmo tempo. Assim, o grupo optou por diminuir o número de propostas, dado que não chegariam a ser realizadas.

Comprovei ainda, que o grupo de mestrandas passou a prever uma gestão adequada do tempo quando não conseguia terminar alguma atividade e a estendia para o horário da área curricular seguinte. Desta forma, foi observável que à medida que o tempo ia passando, conseguimos de um modo cada vez mais autónomo, dominar e gerir as atividades a realizar, tendo em conta o tempo previsto, os objetivos previamente delineados e as necessidades e interesses dos alunos.

Aproveito para refletir que, a partir desta situação, reparei mais uma vez, que a planificação não se trata de um documento estanque e linear, pelo contrário, é um documento que deve ser flexível e adaptado às particularidades dos alunos. Como afirmo na reflexão n.º 8 em contexto de 1.º CEB II (Anexo I) “Todo o processo de planeamento pode vir a ser modificado em prol das necessidades e interesses dos

alunos, pois estes são o foco da aula” (p. 3). Januário (1992) citado por Damas (2012, p. 32), acrescenta que “(...) no processo de planificação é essencial pôr em prática um conjunto de conteúdos essenciais ao contexto com que se está a trabalhar, tendo em conta as características das crianças (...)”.

Ainda no que se refere ao parâmetro das planificações, posso salientar que manifestei alguma evolução quanto à gestão do espaço e da aula. Inicialmente recebi algumas críticas quanto à minha posição em sala de aula. A professora cooperante afirmava que no decorrer das aulas, eu me encontrava sempre à frente, junto do quadro e tinha de mudar a minha postura isto é, tinha de circular mais pela restante sala, de modo a estabelecer um contacto mais direto com as crianças e não me cingir apenas àquela posição frontal.

No que concerne ao comportamento, esta turma diferenciava-se do grupo de alunos com que interagi no semestre anterior. Posso mencionar que esta era uma turma mais homogénea ou seja, tinha comportamentos semelhantes e não manifestava grandes momentos de confusão em sala de aula. No entanto, cheguei a vivenciar algumas ocasiões em que existia algum alvoroço no decorrer das aulas, consequente de algum entusiasmo, relativo a algumas propostas educativas apresentadas.

Refiro esta situação, de modo a refletir sobre a evolução existente de um semestre para o outro, pois como cito na reflexão n.º 8 em contexto de 1.º CEB II (Anexo I):

Por um lado, quero imenso que os alunos partilhem as suas opiniões mas por outro, não posso deixar que essas partilhas demorem muito tempo, levando a que a atividade se torne muito extensa e consequentemente, impeça a realização de outras tarefas inicialmente planeadas (p. 2).

Neste sentido revelei, na minha opinião, uma melhor gestão da turma, em que os alunos passaram a partilhar as suas ideias de uma forma mais moderada e respeitando a sua vez para falar, manifestando assim, uma participação motivada, entusiasmada e controlada.

No que diz respeito à avaliação, posso refletir que também existiu uma certa evolução do ano anterior para este ano. De acordo com Cardinet (1993), citado por Lopes e Silva (2012),

a avaliação é considerada actualmente como um ponto de partida privilegiado para o estudo do processo de ensino-aprendizagem, [dado que] dá aos professores os dados que podem usar para informar o seu ensino e melhorar a aprendizagem dos alunos enquanto esta está ainda a decorrer, ou seja, enquanto o resultado da «corrida» pode ainda ser influenciado (pp. VII-VIII).

Neste sentido, penso que o grupo partiu desta ideia e tentou concretizar todas as semanas algumas técnicas de avaliação formativa nomeadamente, algumas grelhas, tabelas, bilhetes e questões, que nos permitissem evidenciar quais as principais dificuldades, aprendizagens e interesses dos alunos. A partir destes dados, julgo que o grupo conseguiu ir ao encontro de todas estas questões relativas às crianças e melhorar a atuação, de forma a proporcionar atividades direcionadas à aquisição de aprendizagens significativas e adequar o ensino às necessidades de aprendizagem da turma.

Contudo, considero que muito mais poderia ter sido implementado ao longo deste semestre. Penso que poderíamos ter apostado mais na autoavaliação e na heteroavaliação, isto é, criar técnicas de avaliação que permitissem aos alunos refletirem sobre as suas aprendizagens bem como, nas evidências manifestadas pelos colegas, referindo os seus pontos fortes, os seus pontos fracos e ainda, o que poderiam melhorar. No entanto, baseámo-nos apenas em perceber os aspetos sobre os quais os alunos aprenderam, consideraram interessantes, que tiveram dúvidas e o que gostariam de aprender mais.

Considerando o exposto, reflito que enquanto estagiária, ainda tenho muito que aprender quanto a este aspeto e que me cabe a mim, enquanto futura educadora e professora do 1.º CEB pesquisar e informar-me acerca destas questões pertinentes. Pois, um dia mais tarde, quero conseguir autonomamente averiguar “(...) o conhecimento dos alunos, as suas percepções, conceções alternativas e falhas na aprendizagem [e utilizar estas informações, de maneira a] ajudar os alunos a atingirem o limite máximo das suas competências” (Lopes & Silva, 2012, p. 3).

Além do que foi mencionado anteriormente, tanto eu, como a minha colega de prática, tentámos, não só colocar algumas questões ao longo das propostas educativas, de modo a poder avaliar o processo de ensino-aprendizagem das crianças bem como, promover a comunicação e partilha de raciocínios, facilitando o envolvimento dos alunos, em sala de aula. Nesta medida, estou de acordo com Stein (2001) citado por Martinho e Ponte (2005, p. 4), quando afirma que, “valorizar uma dinâmica comunicativa na sala de aula significa, ainda, (...) que o professor estimula o interesse dos alunos para enriquecer as interações estabelecidas”.

Desta forma, considero pertinente acrescentar que o foco principal de toda esta prática, partiu de nós, enquanto professoras, uma vez que tivemos o dever de proporcionar uma aprendizagem significativa, em que se desenvolveu uma visão reflexiva e crítica da nossa ação. Sendo assim, considero que devemos refletir não só sobre o papel que estabelecemos em sala de aula, como também sobre a ação desempenhada pelo aluno neste contexto. Neste sentido, concordo com Freire (1997, pp. 43-44), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Posso afirmar que foi isto que fui percebendo ao longo destas semanas de prática, da extrema importância do professor reflexivo. Este, por sua vez, é aquele que coloca a criança no centro de aprendizagem, em vez de pensar apenas nas suas próprias ações, ou seja, em antecipar e prever o que poderá acontecer no momento de prática. Além disso, constatei ainda, que um professor reflexivo deve avaliar a sua prática refletindo sobre toda a sua performance, identificando os aspetos que poderia melhorar mas também, os seus pontos fortes, tendo sempre em vista, as necessidades e interesses dos alunos. Importa referir que tudo isto foi realizado no desenrolar das reflexões escritas, concretizadas semanalmente. Colmato este assunto, com a opinião de Vieira (2011),

(...) a prática de pensar a própria aula, de conseguir ser actor da mesma e simultaneamente investigador, de conseguir estar assim dentro e fora, pode tornar o professor não só mais reflexivo e crítico de si mesmo como contribui também para evitar a rotina e os anacronismos que tantas vezes acompanham o seu quotidiano escolar (pp. 168-169).

Para finalizar, afirmo que a Prática Pedagógica deste contexto educativo me permitiu verificar que o 1.º CEB assume um papel preponderante nos primeiros anos da educação básica dos alunos. No entanto, em comparação com o semestre anterior, constatei que ser professor do 1.º Ciclo nos primeiros dois anos é um pouco diferente que ser professor do 1.º Ciclo no 3.º ano de escolaridade. Tendo em conta o referido, evidenciei que as crianças pertencentes a este nível escolar possuem uma maior autonomia, dado que já não se encontram numa etapa de transição entre o ensino Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para além disso, percebi também que o acesso a esta diversidade de contextos educativos se revelou uma mais-valia para mim, enquanto futura profissional de educação. Esta vivência possibilitou observar que cada turma e contexto são diferentes, constituídos por uma enorme diversidade de alunos, cada um com características distintas, com ritmos de aprendizagens díspares enfim, com as suas individualidades.

Desta forma, termino mencionando que cabe ao professor de 1.º Ciclo, em conjunto com toda a comunidade educativa, criar uma escola para todos, valorizando as particularidades de cada criança, contribuindo e construindo ambientes enriquecedores de aprendizagem.

PARTE II – DIMENSÃO INVESTIGATIVA

Na segunda parte deste relatório de mestrado, apresenta-se um estudo de caso realizado no ano letivo 2014/2015, cuja temática se debruça sobre problemáticas do ensino e aprendizagem da música, incidindo sobre a utilização específica de um determinado género de repertório musical – o fado.

Na parte inicial apresenta-se uma contextualização do estudo, seguida de um enquadramento teórico que possui ideias de alguns autores sobre o fado enquanto género musical e a sua utilização no ensino e aprendizagem da música, nomeadamente no 1.º CEB. Posteriormente, encontra-se a metodologia do estudo, na qual são parte integrante os instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados, bem como os procedimentos implementados em cada uma das fases do processo investigativo.

Por fim, encontra-se um capítulo referente à apresentação e discussão de resultados e um relativo às considerações finais, às limitações verificadas no desenvolvimento do estudo e a algumas sugestões para futuras investigações.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Após algumas conversas com a professora supervisora, concluiu-se que seria interessante desenvolver uma investigação que se debruçasse sobre problemáticas do ensino e aprendizagem da música, incidindo especificamente num determinado tipo de repertório musical, neste caso em contexto do 1.º CEB. A escolha incidiu sobre o género musical fado, não só porque foi considerado, desde 27 de novembro de 2011, Património Cultural Imaterial da Humanidade, como também seria relevante dar a conhecer aos alunos um género musical com o qual eventualmente não mantêm contacto regular. A escolha deste tema deveu-se também ao interesse de conhecer as ideias das crianças acerca deste género de repertório musical que tanto valor possui no nosso país, para a nossa cultura e identidade. Concordando com Vasconcelos (2006, p. 6) torna-se muito importante, no 1.º CEB, “a escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados” e a “valorização do património artístico, em particular, o património musical português” (*ibidem*, p. 7).

Assim, o presente estudo teve como pergunta de partida: *Quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes a uma escola de Leiria sobre o fado?* Para responder a esta pergunta, foram definidos os seguintes objetivos: 1) Compreender qual a relação das crianças com o fado; 2) Conhecer os argumentos que as crianças utilizam para caracterizar o fado; e 3) Perceber se as crianças alteram as suas ideias sobre o fado, após a vivência das propostas educativas.

Para a implementação do estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individuais a cinco crianças. As entrevistas ocorreram em dois momentos distintos, designadamente, antes e após a concretização de duas sequências pedagógicas. Estas sequências foram desenvolvidas através da realização de atividades do domínio da prática musical, tendo como repertório musical, o fado.

Os resultados obtidos neste estudo conseguiram-se a partir da análise das respostas dos alunos às entrevistas semiestruturadas e através de alguns registos elaborados pelos alunos, aquando do momento da concretização das atividades do domínio da prática musical. Assim, os dados obtidos nesta análise permitiram entender quais as ideias dos participantes do estudo, relativamente ao fado.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo encontram-se algumas conceções do ponto de vista de diversos autores no que se refere à importância da música no 1.º CEB; à escolha de repertório no ensino da música; ao conceito do género musical fado; à sua história e origem e às suas características, nomeadamente os instrumentos musicais, os trajes, as letras e as temáticas utilizadas neste tipo de repertório. Podem encontrar-se também algumas ideias acerca dos vários tipos de fado existentes; do fado, enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade e por fim, da importância deste género musical no ensino da música no 1.º CEB.

2.1. A MÚSICA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Gordon (2000, p. 6) salienta que a música “(...) é única para os seres humanos e, como as outras artes é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos. Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida”. Neste sentido, justifica-se o facto do ensino da música ser um dos domínios que integra a área das expressões do currículo do 1.º CEB desde 1986 (Milhano, 2009). A sua presença no currículo é considerada “(...) um elemento importante da formação integral das crianças e jovens no sentido de uma formação estética global” (*ibidem*, p. 2).

Milhano (2012a, p. 2) considera “as oportunidades de participação musical fundamentais (...) no âmbito da educação musical”. A música em tenra idade possibilita às crianças o acesso a diversas experiências, onde lhes é possível expressarem-se de outro modo, desenvolverem a sua sensibilidade estética, criatividade e imaginação. Neste sentido, é imprescindível evidenciar a importância deste domínio no 1.º CEB, uma vez que é também um contributo à construção das identidades das crianças. Para salientar esta informação, Milhano (2014, p. 190) afirma que “os contextos de participação e aprendizagem musical que proporcionamos às crianças podem influenciar os modos como escutam, produzem, valorizam e utilizam a música (...)”. Sendo que, o período correspondente ao final do 1.º CEB pode constituir-se, para muitas crianças, um período decisivo nas suas vidas, não apenas nos modos como pode moldar as suas atitudes, as suas escolhas e as suas identidades mas também na criação do seu «eu» e no modo como se representam aos outros (Milhano, 2012b).

Milhano (2008) salienta que o ensino da música no 1.º CEB promove o desenvolvimento da identidade musical, “da literacia musical, mas também das capacidades linguísticas, motoras e de coordenação, sociais, emocionais e cognitivas” (p. 9). Macdonald, Hargreaves e Miell (2002) citados por Milhano (2010, p. 15) acrescentam que a música deve ser assim contemplada como “cultura e forma de conhecimento, de sentir, de perspetivar e construir o mundo (...). Como modo de encontrar e procurar outros sentidos, (...) e como forma de comunicação”.

A música proporciona também o desenvolvimento de aprendizagens articuladas e transversais às diferentes áreas do saber. Mota (2007), citada por Milhano (2009, p. 2) refere que a música é “inserida a par das várias artes no currículo, essencialmente enquanto facilitadoras da interdisciplinaridade e transversalidade das mesmas e destas com outras áreas do saber”. Relvas (2009, p. 2) acrescenta que “a Música é parte integrante do desenvolvimento intelectual, cultural, emocional e espiritual das crianças e não deve ser lecionada à parte, (...) antes deve ser integrada com as outras áreas”.

Assim, de acordo com Batista e Milhano (2015) parece evidente a necessidade de criar, desenvolver e apoiar um conjunto vasto e diversificado de oportunidades de participação e aprendizagem musical que permitam às crianças a possibilidade de desenvolverem as suas capacidades musicais e nutrir as suas ideias, as suas atitudes, o seu empenho e as suas perceções sobre a música e a importância que referem ter nas suas vidas (Milhano, 2011). A vivência de experiências de aprendizagem musical pode assumir um “(...) importante relevo na formulação das perceções das crianças, nas opiniões e atitudes que constroem e reconstroem sobre a música (...)” (Milhano, 2014, p. 190).

No presente estudo, de modo a possibilitar o acesso das crianças às atividades de música (Milhano, 2008), teve-se em conta as orientações contidas no documento ‘Orientações programáticas para o ensino da música’ (Vasconcelos, 2006). Este documento possibilitou a compreensão, entre outros aspetos, da importância do desenvolvimento da literacia musical no 1.º CEB que, segundo Vasconcelos (2006, p. 4) “(...) além de significar uma compreensão musical determinada pelo conhecimento de música, sobre música e através da música, engloba também competências da leitura e escrita musicais e organiza-se em torno de um conjunto diversificado de dimensões”.

Vasconcelos (2006, pp. 4-5) salienta também que “a música no 1.º ciclo se desenvolve num quadro alargado de actividades e as crianças nesta fase de desenvolvimento, aprendem fazendo”. Para o desenvolvimento de atividades respeitantes ao ensino da música no 1.º CEB, o mesmo autor é da opinião que devem ser tidos em conta um conjunto de referentes, designadamente:

Todas as crianças têm potencial para desenvolver as suas capacidades musicais; As crianças trazem para o ambiente de aprendizagem musical os seus interesses e capacidades e os seus próprios contextos sócio-culturais; Mesmo as crianças mais pequenas são capazes de desenvolver o pensamento crítico através da música; As crianças devem realizar actividades musicais utilizando materiais e repertório de qualidade; As crianças aprendem melhor em ambientes físicos e sociais agradáveis e no contacto inter-pares; As experiências diversificadas de aprendizagem são fundamentais para servirem as necessidades de desenvolvimento individual das crianças [e] As crianças necessitam de modelos eficazes de adultos (*ibidem*, p. 4).

Tendo em consideração o conjunto de vertentes enunciadas, o ensino da música centra-se em atividades que respeitem os três grandes domínios inerentes à prática musical, sendo eles: a *Audição*, a *Interpretação* e a *Composição*. Vasconcelos (2006) acrescenta que o processo de ensino da música no 1.º CEB se estabelece numa interação entre estes três domínios.

Por outro lado, tendo em conta o Currículo Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001), o processo de aprendizagem que as crianças vão efetuando nesta etapa das suas vidas, desenvolve-se segundo quatro organizadores de desempenho do pensamento musical, sendo estes denominados por: *Perceção sonora e musical*, *Interpretação e comunicação*, *Criação e experimentação* e ainda, *Culturas musicais nos contextos*. Embora estes organizadores estejam apresentados de modo independente, quer neste documento quer nas ‘Orientações programáticas para o ensino da música’, é referido que devem ser aplicados de uma forma articulada, de maneira a proporcionar o desenvolvimento da literacia musical dos alunos.

No que diz respeito a cada um dos organizadores de aprendizagem, Vasconcelos (2006) explica que a *Perceção sonora e musical* se refere a atividades nas quais as crianças têm a possibilidade de desenvolver competências ao nível dos elementos básicos da música; de discriminar auditivamente várias “características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais [de reconhecer instrumentos musicais pertencentes a] diferentes épocas, estilos e culturas musicais”; e ainda, de utilizar vocabulário adequado para distinguir diferentes estilos e géneros musicais (*ibidem*, p. 9). De acordo com Wuytack e Palheiros (1995) é essencial que as crianças realizem experiências musicais que envolvam a audição

musical. “Por um lado, porque a audição é a própria razão da existência da música, sendo inerente a todas as actividades musicais. Por outro lado, porque contribui decisivamente para o desenvolvimento musical do indivíduo” (*ibidem*, p. 11).

Quanto à *Interpretação e comunicação*, Vasconcelos (2006) salienta que neste organizador a criança deve cantar várias canções, de forma individual e em grupo, tocar diferentes instrumentos e interpretar diversas obras musicais que sejam inerentes a épocas, estilos e géneros musicais distintos. Monteiro (1997, p. 28) acrescenta que a interpretação musical remete para a “compreensão, o conhecimento e a crítica da obra musical, em vez de ser expressa em linguagem verbal, tem como resultado a execução da própria obra (...)”.

No que concerne ao terceiro organizador das aprendizagens de âmbito musical, neste caso a *Criação e experimentação*, a criança tem de recorrer à criação de “pequenas composições e acompanhamentos”, utilizando e explorando diferentes ideias e materiais musicais (Vasconcelos, 2006, p. 9).

Por último, relativamente ao organizador *Culturas musicais nos contextos*, a criança deve identificar “a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha [e discriminar diversos] estilos, épocas e culturas musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem” (Vasconcelos, 2006, p. 9).

2.2. ESCOLHA DO REPERTÓRIO NO ENSINO DA MÚSICA

Na opinião de Monteiro (1997, p. 16) “é de grande importância a escolha do repertório e a maneira como este é estudado”. Hoje em dia, tendo em conta as características das crianças que frequentam o 1.º CEB, torna-se necessário que os professores proporcionem actividades motivadoras e cativantes, no que diz respeito ao ensino da música. Para que isto aconteça, é indispensável que possuam uma visão alargada de todo o repertório musical existente e que conheçam o perfil de cada aluno.

Cada vez mais se torna difícil escolher o repertório que se deve utilizar em actividades do domínio da música, porque, entre outros aspetos, cada criança traz consigo ideias e conceções musicais enraizadas do contexto familiar. Como referem Wuytack e Palheiros (1995, p. 12) “A influência da família, do meio socio-cultural, dos meios de comunicação social, das aprendizagens precoces no jardim de infância, é determinante na formação do gosto musical das crianças”. Os mesmos autores acrescentam que,

Quanto ao aspeto realmente determinante das preferências musicais, é exigida ao professor a tarefa delicada de manter um equilíbrio entre o seu próprio gosto musical e o dos alunos (...) [revelando-se por vezes um grande desafio, dado que] o professor também é influenciado por vários factores, sobretudo pela formação musical que adquiriu (*ibidem*).

Para além disso, a dificuldade em escolher o repertório também se aplica ao facto de existir uma enorme variedade de escolha. Como afirmam Wuytack e Palheiros (1995, p. 12), é bastante fácil o “acesso à música gravada, que abrange manifestações de épocas e culturas tão distintas (...) que os ouvintes (entre eles, os professores e os alunos) dispõem de inúmeras possibilidades de escolha de músicas”.

Nas ‘Orientações programáticas para o ensino da música’, Vasconcelos (2006) menciona que um dos princípios orientadores para o ensino desta área envolve a “escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados” (p. 6). Portanto, cabe ao professor selecionar e dar a conhecer a existência de um rico e variado repertório musical, de forma a possibilitar nas crianças, o desenvolvimento de um largo conjunto de competências e capacidades. Neste sentido, Vasconcelos (2006) sugere que, no âmbito do desenvolvimento de atividades de prática musical no 1.º CEB, “(...) é fundamental que as crianças vivenciem um amplo e diversificado repertório musical através da audição, do canto, do movimento e da dança, da prática instrumental, da experimentação, improvisação e criação” (p. 7).

2.2.1. REPERTÓRIO NACIONAL E INTERNACIONAL

Segundo Vasconcelos (2006, p. 7), um dos princípios orientadores inerente à prática musical no 1.º CEB, implica a “valorização do património artístico, em particular, o património musical português”. Nestas orientações, aponta-se assim para o recurso a diferentes estilos e géneros musicais nacionais, mas também para a criação de oportunidades para um contacto com repertório internacional. Como defendem Wuytack e Palheiros (1995, p. 11) deve-se “promover a aquisição de uma cultura musical numa perspectiva multi-cultural”, abrangendo diferentes intérpretes, bandas, compositores, géneros e estilos musicais, como o *rock*, o *pop*, o *jazz*, a música clássica, a música tradicional portuguesa, entre outros.

Atualmente, o professor pode recorrer a um vasto repertório que permita às crianças a oportunidades diferenciadas de vivenciarem experiências musicais distintas, atividades

daquelas às quais não estejam eventualmente habituadas. Ao contactar com diferentes estilos e géneros musicais, de épocas e culturas distintas, as crianças têm a possibilidade de se enriquecerem musical e culturalmente, de desenvolverem o seu pensamento musical e crítico, a sua sensibilidade estética, tornando-se conhecedoras também das várias culturas e contextos musicais existentes em todo o mundo.

Pelo atrás exposto, a opção sobre a escolha do repertório musical tornou-se um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Assim, seguindo um dos princípios orientadores da prática musical no 1.º CEB enunciados, procurou-se a “valorização do património artístico, em particular, o património musical português”. Vasconcelos (2006, p. 7), através da escolha musical - o fado.

2.3. FADO

“O fado somos nós portugueses postos em música”. Esta frase ilustra uma das ideias presentes em vários dos discursos e narrativas que encontramos sobre o fado. É também uma citação do musicólogo Rui Vieira Nery que podemos encontrar em algumas das suas entrevistas, e também, no Museu do Fado, em Lisboa. Ela expressa um dos vários significados que este género musical tem para os portugueses, entre os quais o papel do fado enquanto traço identitário de um país e das suas práticas culturais.

É possível caracterizar o fado como um género musical, normalmente cantado a solo por um fadista (homem ou mulher) e acompanhado por dois instrumentos musicais, a guitarra clássica ou viola e a guitarra portuguesa. Para além dos seus elementos musicais, o fado está intimamente ligado a algumas características associadas à tradição portuguesa, como as vestes típicas e os temas que aborda nas suas canções, podendo tornar-se lento e melancólico, bem como rápido e alegre. Segundo Frydberg (2012)

O fado é um género musical considerado representação tipicamente portuguesa, ele está ligado à identidade do seu país de origem e ao imaginário que se tem sobre si próprio e também que os outros têm sobre Portugal e o povo português. Sendo assim, o fado pode ser considerado um género musical já enraizado nas tradições de Portugal (p. 391).

D’Almeida, citado por Nery (2004) acrescenta que

O Fado é mais do que um estilo definido de música – com características melódicas, harmónicas ou rítmicas próprias -, é uma forma de interpretar a música, seja em termos vocais ou instrumentais (...). O Fado é essencialmente uma forma característica de articular as frases musicais, pois não tem uma rítmica característica (...) (p. 3).

Este estudo incidiu sobre dois tipos de fado, designadamente o *fado tradicional* e *fado contemporâneo*. De acordo com Koncová (2011)

Ao fado tradicional são associadas várias características estilísticas especiais, tais como a maneira dos fadistas se vestirem (as fadistas, por exemplo, cumprem a tradição de usar xaile e saia), o facto de ser cantado à noite e à meia-luz, os lugares típicos onde o fado costuma ser cantado, as tabernas nos bairros populares de Lisboa ou, mais tarde, as chamadas casas de fado, e o silêncio durante o espectáculo que é uma condição necessária para que o fado possa começar (p. 9).

Koncová (2011) acrescenta que, no universo fadista, existe uma distinção entre *fado tradicional* e *fado contemporâneo*. O último, para além de ter aparecido a partir dos anos 90 e ter prevalecido até ao momento, caracteriza-se como um fado “(...) que tem sido cantado cada vez mais em espaços comerciais, o acompanhamento tem-se mudado das duas únicas guitarras para os mais diversos instrumentos incluindo mesmo o acompanhamento por toda uma orquestra, o fado costuma ser misturado com outros estilos musicais (...)” (*ibidem*, p. 10).

Halpern (2004) salienta que o *fado contemporâneo* é heterogéneo. “Esta heterogeneidade é constatada dentro dos diversos estilos musicais que se reinventam através de cruzamentos com outros, dando origem a inúmeros subgéneros (...)” (*ibidem*, p. 98). Desta forma, o *fado contemporâneo* “(...) não é um estilo musical por si, mas uma designação que abrange uma série de tendências (...) [e o uso de outro tipo de instrumentos musicais] verificáveis sobretudo a partir dos anos 90”, que promovem uma sonoridade diferenciada (Halpern, 2004, p. 98).

Por outro lado, na perspetiva de Nery (2004), presente na obra ‘O Futuro da Saudade – O Novo Fado e os Novos Fadistas’ (Halpern, 2004), o *fado contemporâneo* trata-se de um fenómeno de renovação do *fado tradicional*, sendo que com o desenrolar dos anos, “(...) o novo fado vai sofrendo contaminações na sua miscigenação com outros géneros, no seu contacto com outras culturas musicais e estéticas, e também com a adoção por parte dos intérpretes e compositores de perspetivas e abordagens diversas” (Fonseca, 2011, p. 60).

2.3.1. BREVE HISTÓRIA DO FADO E AS SUAS ORIGENS

A falta de documentação bibliográfica aponta para a desconhecida origem do fado, embora segundo Nery (2012, p. 29) haja “um acumular de mitos fundadores e de fantasias mais ou menos poéticas” que narram as suas origens.

Nery (2012) na obra ‘Para uma História do Fado’ apresenta teorias que sugerem que este género teve origem fora de Portugal a partir de influências de danças brasileiras e angolanas, tais como o *Lundum*, que datam os séculos XVIII e XIX. Na sua opinião, o fado só terá chegado a Lisboa “na viragem da década de 1830 para a seguinte” (*ibidem*, p. 67).

No entanto, alguns autores como Carvalho (2003, p. 42) defendem que “o fado nasceu a bordo, aos ritmos infinitos do mar, nas convulsões dessa alma do mundo, na embriaguez murmurante dessa eternidade da água”, fruto das existentes tradições marítimas da nossa nação, consequentes dos descobrimentos portugueses. Outros autores, como Pereira (2008), consideram que o fado surgiu nos contextos populares oitocentistas, pertencentes à cidade de Lisboa sugerindo que, numa fase inicial, se mostrava “vincadamente associado a contextos sociais pautados pela marginalidade e transgressão, em ambientes frequentados por prostitutas, faias, marujos, boleiros e marialvas”, tornando-se mal visto aos olhos da sociedade. Nery (2012, p. 80) indica que, advindo deste ambiente boémio e desfavorecido, reza “a saga mítica de *Maria Severa*” que marca o enraizamento bairrista do fado em Lisboa. Esta jovem, Maria Severa, oriunda do meio da prostituição, encarna um mito amoroso com o conde de Vimioso, marcando a história do fado nas décadas de 30 e 40, devido aos seus dotes de cantadeira.

Anos mais tarde, como refere Pereira (2008), o fado começa a ganhar terreno, uma vez que começa a ser cantado em eventos festivos e em “representações teatrais de carácter amador e popular, na generalidade representadas por homens, nas ruas, verbenas, associações de recreio e colectividades”. O fado é implementado nos Teatros de Revista e consequentemente surgem “as companhias de fadistas profissionais a partir da década de 30 [que vieram] permitir a promoção de espectáculos”, sendo alargado a classes sociais mais abastadas (*ibidem*).

Com o passar dos anos, o fado veio a estender-se no que diz respeito às emissões por via radiofónica, embora com a chegada da ditadura, este género musical tenha sofrido algumas alterações. De acordo com Pereira (2008), em 1926, “a implementação da censura prévia sobre espectáculos públicos, imprensa e demais publicações”, veio originar a criação das Casas de Fado, sendo que, para atuarem, os fadistas necessitariam “a posse de «licenças profissionais» concedidas pela referida Inspeção-Geral dos

Teatros” (Nery, 2012, p. 228). Nestas Casas de Fado localizadas nos bairros típicos de Lisboa, artistas como Alfredo Marceneiro, Hermínia Silva e Maria Teresa de Noronha apenas podiam cantar obras que não fossem envoltas de elementos de crítica social ao regime do momento.

Nas décadas seguintes, o fado continuou a expandir-se contrariando a ditadura, através da imprensa, da rádio, teatro e cinema. Ano após ano, difundiu-se como imagem da cultura portuguesa, designadamente através de artistas de renome como “Ercília Costa, Berta Cardoso, Madalena de Melo, Armando Augusto Freire, Martinho d’Assunção ou João da Mata”, entre outros (Pereira, 2008).

Ao falar da história do fado é inevitável não falar da grande Amália Rodrigues que, na opinião de Pereira (2008), se consagrou um ícone de tradição nacional, levando o fado para esteiras internacionais. Outros fadistas como Carlos do Carmo, também marcam a história deste género musical, tendo sido distinguido recentemente com um *Grammy*, fruto da sua obra artística (Pacheco, 2014).

Referindo-se aos últimos anos, Nery (2012) explica que, na passagem da *World Music* ao “Novo Fado” também denominado *fado contemporâneo*, este género ficou marcado por intérpretes vestidos com novas roupagens e tradições musicais. Entre estes, encontram-se: Mísia, Maria Ana Bobone, António Zambujo, Ana Moura, Camané, Kátia Guerreiro, Mariza, Carminho, Ricardo Ribeiro, Joana Amendoeira, entre outros.

2.3.2. CARACTERÍSTICAS DO FADO

2.3.2.1. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Uma das características do fado inclui o acompanhamento instrumental efetuado por dois instrumentos identitários deste tipo de repertório musical, são eles, “(...) duas guitarras: a guitarra clássica, chamada viola, e a guitarra portuguesa” (Koncová, 2011, p. 8).

Segundo Nery (2012, p. 118), o primeiro, a guitarra clássica, é um “instrumento com uma caixa de ressonância em forma de oito”. O seu tampo e fundo são planos, contendo um orifício circular, designado de boca. Possui “um braço direito e largo com trastos metálicos (...). É um instrumento com seis cordas, presas no próprio tampo através de

uma espécie de cavalete baixo”, podendo ser de *nylon* ou metálicas. (Henrique, 2004, pp. 155-156).

Quanto ao segundo, a guitarra portuguesa, Nery (2012, p. 119) explica que “trata-se de um instrumento de caixa, em forma de pêra, com o fundo chato e um braço curto, dividido cromaticamente por 12 a 17 trastos de metal”. Importa evidenciar que derivou da guitarra inglesa, existente em meados do século XVIII, sendo esta montada atualmente com “doze cordas metálicas, dispostas em seis ordens” (Henrique, 2004, p. 172). Na opinião de Sardinha citado por Morais (2002, p. 117), “A guitarra portuguesa é essencialmente conhecida pela sua ligação ao Fado”.

Nos dias de hoje, no *fado contemporâneo* não se utilizam apenas estes dois instrumentos integrantes do universo fadista. Atualmente, vários artistas recorrem ao uso de outro tipo de instrumentos musicais, como a bateria, o cajón, o piano, o contrabaixo, o violino, a viola de arco, o xequeré, a harpa, os bombos, o cavaquinho, as flautas, entre outros. Halpern (2004, p. 103) afirma que “Aos poucos, os novos fadistas foram enriquecendo o seu acompanhamento com outros instrumentos” mas, no entanto, “Uma coisa é certa, por muitos novos meios que tenham acrescentado, quase nenhum fadista abdicou da guitarra portuguesa” (*ibidem*).

2.3.2.2. TRAJES FADISTAS

Relativamente aos trajes que os fadistas vestem nas suas atuações, pode-se referir que variam consoante o género feminino e o género masculino do fadista. A imagem de marca da fadista portuguesa está integralmente ligada ao vestido comprido e ao xaile, ambos com cores escuras, nomeadamente o preto. Como menciona Frydberg (2012, p. 418) “(...) a mulher que canta usa algumas vezes vestidos longos e sempre um xaile nos ombros, este geralmente negro (...)”, estando relacionado com o traje utilizado antigamente, pela mítica Maria Severa.

Tendo como referência “a forma de vestir característica que recria a elegância imposta para os fadistas desde o tempo de Alfredo Marceneiro” (Frydberg, 2012, p. 420), os homens utilizam normalmente um “terno e gravata ou camisa branca com o blazer azul”, podendo ou não optar pelo uso do lenço no pescoço (*ibidem*).

Com o aparecimento do *fado contemporâneo* atrás referido, as fadistas alteraram o seu modo de vestir. Hoje em dia, podem não usar xaile e saia comprida, dado que podem vestir calças e usar diferentes cores, como o vermelho, branco, azul, amarelo, não se cingindo apenas ao preto.

Tanto o homem como a mulher fadista, ao cantarem o fado, incorporam na sua performance, técnicas e gestos corporais específicos, como é exemplo o gingar de cabeça. Segundo Felisberto (2011/2012, p. 18) o homem canta com “(...) as mãos no bolso, de olhos fechados e com a cabeça levemente erguida”. A mulher, na sua performance “(...) ainda usa a imposição das mãos como elemento para se chegar ao *ser fadista* (...)” (*ibidem*).

2.3.2.3. AS LETRAS E AS TEMÁTICAS DO FADO

O fado aborda nas suas letras alguns temas ou assuntos específicos. As suas letras, normalmente poemas compostos por várias estrofes, possuem um significado explícito que é encarnado pelo fadista no momento da interpretação musical. Koncová (2011, p. 10) refere que “(...) o fado conta diversas histórias da vida humana e dos seus aspectos, porém, em certas ocasiões e em certas épocas foi usado como veículo de expressão da crítica social ou da propaganda do estado”.

Nery (2012) afirma que Alberto Pimentel, já em 1904, considerava que o fado nas suas estrofes evocava o amor; o sofrimento; os trabalhos sociais; os aspetos da vida popular; os crimes; os desastres; os conflitos políticos e religiosos, entre outros. No entanto, na opinião de Maria Luísa Guerra, citada por Halpern (2004, p. 28), considera-se que as letras do fado retratam entre os quais, os seguintes temas: “Amor, ódio, ciúme, separação, dor, tristeza, despedida, traição, destino, desgraça, solidão, sorte, viagem, lembrança, ansiedade, amargura, fatalismo, esquecimento, política, lágrimas, medo, esperança, paixão, felicidade, condição humana, mudança, tempo, vida, morte, saudade e fado”.

2.3.3. TIPOS DE FADO

Ao longo dos anos, o fado tem assumido várias categorias desde o tempo das suas origens, que remontam ao início do século XIX. Tendo em conta a brochura ‘Guia do Fado’ (2010, p. 2), o primeiro fado que se conhece intitula-se de *Fado Marinheiro*,

tratando-se de um “Fado popular e anónimo, cantado nas proas dos navios em Lisboa, [que serviu] de modelo aos outros géneros de fado que surgiram” mais tarde. Ainda no mesmo século, nasceu o *Fado Corrido* e o *Fado Cotovia*, caracterizados como sendo a “Música popular das Ruas de Lisboa, das tabernas e pátios dos bairros populares. [Estes transmitiam] a tristeza e desilusão vivida na época, pelas gentes mais desfavorecidas” (*ibidem*).

Considerando a mesma brochura, o fado divide-se em *Fado Clássico* e *Fado Moderno*. Quanto ao primeiro, pode-se mencionar que se subdivide em *Fado de Lisboa* e *Fado de Coimbra*. Ambos os fados surgiram no século XIX, embora tenham vindo a sofrer algumas alterações com o passar do tempo. Fizeram parte do *Fado de Lisboa*: o *Fado Vadio*, presente no início do século XIX, “Marginal à igreja e à Alta Sociedade” e plenamente ligado à lenda mítica da Severa. Mais tarde surgiu o *Fado Aristocrata* (1880) e por fim, o *Fado Castiço* (1.^a metade do século XX) que era interpretado em Casas de Fado, respeitando determinadas temáticas associadas à época.

Relativamente ao *Fado de Coimbra*, pode-se referir que foi um fado adaptado pelos estudantes e levado para a cidade de Coimbra na segunda metade do séc. XIX. De acordo com o ‘Guia do Fado’ (2010, p. 2), este “é exclusivamente cantado por homens, ligado às tradições académicas das tunas da cidade”, vestidos com os seus trajes negros. Portanto, é normalmente “cantado em escadarias ou em serenatas, [abordando temas que] giram naturalmente em torno do quotidiano estudantil” (Nery, 2012, p. 137).

No que diz respeito ao *Fado Moderno*, é aquele que se manifesta a partir do século XX, incorporado por letras da autoria de poetas de renome, como Ary dos Santos e José Afonso, que tinham como objetivo fazer frente ao regime salazarista. Por último, importa ainda acrescentar o “Novo Fado” ou *fado contemporâneo*, estende-se para o século XXI e é atualmente interpretado por jovens fadistas como Mariza, Ana Moura, Carminho, Raquel Tavares, Mafalda Arnauth, Yolanda Soares, entre outros (Guia do Fado, 2010).

Para terminar, torna-se necessário salientar que o tipo de fado utilizado na concretização deste estudo foi o *fado de Lisboa*. Segundo Konková (2011) é considerado uma canção urbana, uma vez que surgiu na cidade de Lisboa e nos seus arredores, possui letras mais literárias, na sua maioria cantadas por vozes femininas e retrata temas como o amor,

desamor e saudade. Em suma, “(...) é aquele que hoje é conhecido mundialmente sob a simples denominação de «fado»” (*ibidem*, p. 12).

2.3.4. FADO – PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL DA HUMANIDADE PELA UNESCO

O património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é permanentemente recriado pelas comunidades e grupos em função do meio, da sua interacção com a natureza e a sua história, proporcionando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana.

Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial da Humanidade, UNESCO, 2003 (Artº 2, alínea 1)

De acordo com a EGEAC e Museu do Fado (2011), junho de 2010 foi o momento em que a Câmara Municipal de Lisboa apresentou a candidatura do Fado como Património Cultural Imaterial da Humanidade. Por sua vez, Nery (2012) afirma que 27 de novembro de 2011 foi a data em que o Comité Internacional da UNESCO, realizado em Bali, reconheceu o fado como Património Cultural Imaterial da Humanidade, tendo como embaixadores da sua candidatura, os fadistas Carlos do Carmo e Mariza.

Rui Vieira Nery, Presidente da Comissão Científica desta candidatura, referiu na brochura relativa à candidatura do fado, à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, que esta iniciativa foi uma forma de nos auxiliar

(...) a redescobrir, a conhecer, a compreender melhor e a consolidar, todos juntos, o papel fundamental que o Fado tem no nosso olhar sobre nós próprios, na nossa consciência da identidade portuguesa, na nossa capacidade simultânea de sermos quem somos mas de estarmos permanentemente abertos ao mundo (EGEAC & Museu do Fado, 2011, p. 7).

Esta candidatura contou com o apoio de diversas forças políticas, associações, coletividades e instituições, que de algum modo se encontram ligadas ao fado. Entre elas pode-se destacar a EGEAC E.E.M., o Museu do Fado e o Instituto de Etnomusicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Para além disso, também fizeram parte desta candidatura, como elementos da comissão científica, os nomes de Salwa Castelo-Branco e Sara Pereira (Nery, 2012).

O seu principal objetivo cingiu-se na investigação científica, em prol de um plano de salvaguarda referente ao fado. Segundo a EGEAC e Museu do Fado (2011, p. 9) este plano estabelece-se “em torno de cinco áreas programáticas fundamentais”, sendo elas: o envolvimento da sociedade civil; a implementação de programas educativos; a edição/investigação em torno do fado; a dinamização e revitalização de espaços

tradicionais de fado e por fim, ações de promoção no plano nacional e internacional do universo e da cultura do fado.

2.3.5. IMPORTÂNCIA DO FADO NO ENSINO DA MÚSICA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

É fundamental proporcionar experiências em que as crianças tenham acesso a épocas, culturas, estilos e géneros musicais, que lhes sejam desconhecidos. Pois como menciona Vasconcelos (2006, p. 6) um dos princípios orientadores da prática musical no 1.º CEB trata-se da “escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados”.

Neste sentido, o fado, género musical eleito para a implementação deste estudo foi escolhido tendo em conta que se trata de um género com o qual as crianças não estabelecem contacto diário e por ser um repertório caracteristicamente tradicional e português. E, porque se trata, de acordo com a opinião de Mariza, presente na brochura ‘Guia do Fado’ (2010, p. 4), de uma “força estruturante da cultura portuguesa, património vivo e condição criativa de uma identidade nacional que é cada vez maior e mais evidente”.

Para constatar a importância de abordar o fado no âmbito do ensino da música no 1.º CEB, a EGEAC e Museu do Fado (2011) referem, na brochura relativa à candidatura do fado, à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, que a inscrição do fado na Lista Representativa do Património Cultural e Imaterial da Humanidade pressupõe a concretização de um Plano de Salvaguarda do Património do Fado que, por sua vez, prevê a

Implementação de um Programa Educativo que promova gradualmente a integração transversal de conteúdos relacionados c/ o universo e cultura do fado nos programas escolares dos vários níveis de ensino – do básico ao superior – articulando as perspectivas académicas e científicas com o saber e a participação efectiva da comunidade do fado: intérpretes, músicos, autores, compositores, construtores de instrumentos (p. 17).

Para reforçar este facto, numa entrevista ao Diário de Notícias, a fadista Mariza defendeu e sugeriu a implementação do fado no ensino, afirmando que “as gerações mais novas vão ter maior curiosidade” (Mariza citada por Lusa, 2010).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se uma descrição do estudo, os instrumentos e técnicas de recolha de dados, os participantes, os procedimentos utilizados na recolha de dados e um enquadramento a respeito dos contributos do estudo.

3.1. DESCRIÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo desenvolveu-se durante a componente de Prática Pedagógica, inserida no 1.º semestre, do 2.º ano do mestrado. Esta prática ocorreu em 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente com uma turma do 3.º ano de escolaridade.

O estudo debruça-se sobre problemáticas do ensino e aprendizagem da música, incidindo sobre a utilização específica de um determinado género de repertório musical – o fado (Batista & Milhano, 2015). Teve como finalidade perceber quais as ideias dos alunos sobre o fado. Neste sentido, formulou-se a seguinte questão de partida: *Quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes a uma escola de Leiria sobre o fado?* Para responder a esta questão, definiram-se os seguintes objetivos:

- 1) Compreender qual a relação das crianças com o fado;
- 2) Conhecer os argumentos que as crianças utilizam para caracterizar o fado;
- 3) Perceber se as crianças alteram as suas ideias sobre o fado, após a vivência das propostas educativas.

Tendo em conta os objetivos delineados, este estudo define-se como um estudo de caso, dado que, na opinião de Sousa e Baptista (2011), consistiu no estudo de um fenómeno específico, num determinado espaço de tempo, no qual o investigador recolheu informação específica. Concordando com Yin (2010, p. 24) “o método do estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como (...) o comportamento dos pequenos grupos”, como foi o sucedido, uma vez que se procuraram conhecer as ideias dos alunos acerca de um determinado tipo de repertório musical – o fado.

A tipologia deste estudo insere-se no paradigma qualitativo, uma vez que procura centrar-se “na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” de um determinado grupo (Sousa & Baptista, 2011, p. 56). Assume

também um cariz interpretativo porque, na opinião de Freixo (2010, p. 109), “Centra-se no estudo dos significados das acções humanas e da vida social e intenta compreender e interpretar” a sua importância.

Baseia-se no método indutivo e descritivo dado que “(...) o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses como nos estudos quantitativos” (Sousa & Baptista, 2011, p. 56). Neste estudo, pretende-se ainda “desvendar a intenção, o propósito da acção, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem valor enquanto inserido nesse contexto” (Pacheco, 1993, p. 28), citado por Coutinho (2011, p. 26). Portanto, na opinião de Freixo (2010, p. 146), o investigador num estudo desta natureza “observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los”.

O estudo estrutura-se em três fases distintas. Na primeira e última fase foi aplicado, de forma individual, a cada um dos participantes, um guião referente às entrevistas semiestruturadas A e B. Este guião foi elaborado previamente pela investigadora antes da implementação das entrevistas (Anexo II e III). A entrevista A, tendo em conta o primeiro objetivo do estudo, teve como finalidade compreender qual a relação das crianças com o fado, enquanto que a entrevista B teve como intuito verificar se as ideias que as crianças possuíam sobre o fado se alteraram ou não, após a vivência e participação nas sequências pedagógicas realizadas na segunda fase do estudo.

Considerando o exposto acima, a segunda fase do estudo consistiu no desenvolvimento e concretização de duas sequências pedagógicas, cada uma delas com diferentes atividades de audição, interpretação e criação musical, tendo como repertório, o fado. Estas sequências foram realizadas com todos os alunos da turma. Na primeira sequência, relacionada com o *fado tradicional*, utilizou-se o fado *Cheira a Lisboa*, de Amália Rodrigues (intérprete e autora da letra), cujos compositores são Carlos Dias e César de Oliveira. Na segunda sequência, relacionada com o *fado contemporâneo*, utilizou-se a canção *Desfado*, interpretada por Ana Moura, criada por Pedro da Silva Martins (autor da letra e compositor). Foi ainda realizada uma atividade final que serviu de síntese à abordagem destes dois tipos de fado, em que se refletiu sobre a visualização de vídeos referentes à canção *Barco Negro*, interpretada num caso por Amália

Rodrigues e noutro por Mariza. Interessa acrescentar que este fado é da autoria de David Mourão Ferreira (autor da letra) e Caco Velho/Piratini (autor da música).

De forma a tornar mais claro o processo investigativo, apresenta-se de seguida (Figura 1), o desenho do estudo (Batista & Milhano, 2015):

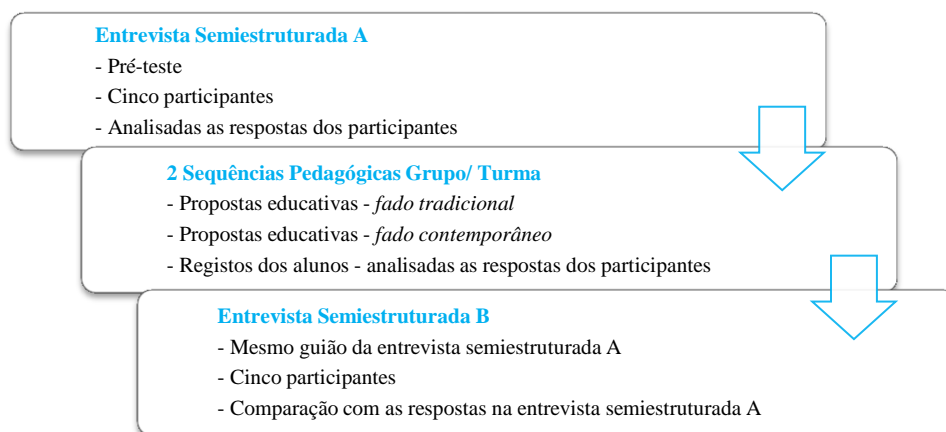


Figura 1- Desenho do estudo

3.2. INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram a entrevista semiestruturada, notas de campo e os registos elaborados pelos participantes no estudo, durante a realização de algumas propostas educativas. Quanto às técnicas de recolha de dados, recorreu-se à observação participante e à gravação audiovisual.

3.2.1. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Entrevistas

De acordo com Rosa e Arnoldi (2008, p. 17) a entrevista consiste na “discussão orientada para um objetivo definido, que através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa”. Esta por sua vez proporciona algumas vantagens ao investigador, na medida em que permite a repetição, o esclarecimento e a formulação de novas questões, e ainda o acesso a dados que não se encontram disponíveis em documentos e que possuem interesse para o estudo (*ibidem*). Neste caso, optou-se pela utilização da entrevista semiestruturada, porque de acordo com Sousa e Baptista (2011, p. 80) “Tem a vantagem de falar dos assuntos que se quer falar com maior liberdade e rigidez para o

entrevistado”. Além disso, segundo os mesmos autores este tipo de entrevista já possui um guião, com determinadas perguntas que devem ser colocadas ao entrevistado.

Como anteriormente mencionado, foram realizadas duas entrevistas, uma na fase inicial do estudo, denominada como entrevista semiestruturada A e a outra concretizada na fase final, intitulada como entrevista semiestruturada B. É importante mencionar que estas entrevistas continham as mesmas perguntas, usufruindo assim do mesmo guião de entrevista. Isto é, antes da concretização das entrevistas aos participantes foi elaborado pela investigadora, um guião de entrevista com diversas questões, organizadas em categorias específicas. As entrevistas possuíram as mesmas perguntas, com o intuito de averiguar se existia alteração de ideias por parte dos participantes após a sua participação nas atividades propostas. No ponto de vista de Sousa e Baptista (2011, p. 83) o guião da entrevista é “constituído por um conjunto (ordenado ou não) de questões abertas (resposta livre), semi-abertas (parte da resposta fechada e outra livre) ou fechadas”. Neste estudo foram utilizadas questões ordenadas e do tipo abertas que “devem evocar ou suscitar verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados” (Rosa & Arnoldi, 2008, p. 31).

Considerando o exposto, o guião estava estruturado em quatro partes. De acordo com Batista e Milhano (2015)

A primeira parte centrou-se em questões de motivação do entrevistado. Na segunda parte, os participantes responderam a um conjunto de oito questões relacionadas com a escuta de dois excertos musicais representativos de dois tipos de fado: o *fado tradicional* e o *fado contemporâneo*, Uma Casa Portuguesa, interpretado por Amália Rodrigues e *Chuva*, interpretado por Mariza, respetivamente. Nesta parte colocaram-se as seguintes questões: Já alguma vez ouviste esta música? Gostas desta música? Conheces alguém que costuma ouvir esta música? Sabes que género de música é esta? Sobre o que fala esta música? Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado? O que te fez sentir este fado? Sabes quem canta este fado? A terceira parte do guião é constituída por nove questões, centradas em torno das ideias das crianças sobre as características do fado, entre as quais a perceção e identificação de diferenças entre os dois tipos de fado escutados (*fado tradicional* e *fado contemporâneo*); a identificação de diferenças entre o fado e os outros géneros de música; as ideias das crianças sobre quem escuta e interpreta o fado, entre outras. Por fim, a última parte do guião é dedicada à finalização da entrevista (p. 6).

Para Cohen, Manion e Morison (2000, p. 105) citados por Sousa e Baptista (2011, p. 60), “uma investigação que não possa ser considerada válida é uma investigação sem qualquer utilidade”. Para tal, é relevante mencionar que o guião de entrevista acima referido foi verificado e validado por um professor especialista na área de música, pertencente à ESECS, tendo em conta os documentos presentes nos anexos II e III. Neste sentido, considerando o *feedback* obtido, redigiram-se de forma mais clara os

procedimentos a adotar no decorrer da entrevista e acrescentou-se, nessa versão, uma nova questão sobre o autor da letra dos excertos apresentados.

Ainda, antes da implementação da entrevista aos cinco participantes do estudo, realizou-se um pré-teste no dia 30 de setembro de 2014, entre as 10h45 min. e as 11h, a um aluno do sexo masculino (8 anos), selecionado aleatoriamente. A realização do pré-teste permitiu melhorar e refletir acerca do guião e de alguns aspetos inerentes à sua implementação, bem como ao modo como foi conduzida a entrevista. Assim, identificaram-se os seguintes aspetos a ter em conta: falar mais pausadamente; dar mais tempo ao entrevistado para responder às questões e explorar mais as respostas dadas pelas crianças.

Tendo em conta as respostas obtidas no pré-teste e o desconhecimento pela criança face a algumas questões colocadas sobre cada um dos fados, nomeadamente sobre as cantoras Amália Rodrigues e Mariza, considerou-se que a inclusão das questões sobre o autor do texto poderiam evidenciar o desconhecimento da criança face ao género musical, correndo o risco de existirem diversas questões para as quais não saberiam responder, podendo originar alguma desmotivação. Por outro lado, a inclusão de uma questão sobre o autor do texto implicaria, por inerência, a introdução de pelo menos mais duas questões, uma sobre o compositor e outra sobre o título da canção. Desta forma, a entrevista ficaria muito longa, com um maior número de questões. Considerando o acima exposto, optou-se por não integrar, na versão final do guião, esta sugestão em particular.

Notas de campo

Aquando do momento de recolha de dados, precisamente durante a realização das duas entrevistas e no decorrer das sequências pedagógicas proporcionadas aos alunos, optou-se pela elaboração de notas de campo. Na minha opinião, este tipo de instrumento de recolha de dados tornou-se benéfico para a investigação, sendo que no ponto de vista de Bogdan e Biklen (1994, p. 150) podem conceder “um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente” da influência dos dados obtidos.

Deste modo, optou-se por realizar as notas de campo em formato de papel e mais tarde foram transcritas, de forma a facilitar o desenvolvimento do estudo. As notas de campo elaboradas consistiram na captação “de uma imagem por palavras do local, pessoas, acções e conversas observadas” no decorrer do processo de recolha de dados (Bogdan & Biklen, 1994, p. 152).

Interessa acrescentar que as notas de campo vão integrar essencialmente a discussão de dados, de modo a clarificar, completar, ilustrar e esclarecer algumas informações, contextos ou situações que não sejam eventualmente explícitas para o leitor.

Registos dos alunos

As sequências pedagógicas desenvolvidas incluíram o preenchimento de algumas fichas de trabalho e o registo de algumas opiniões por parte dos alunos, contribuindo para a identificação e compreensão dos argumentos e das ideias das crianças, relativamente ao fado. Neste sentido, o registo escrito pode ser uma boa estratégia de apoio à aprendizagem do aluno, porque segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011) representa uma alternativa à memória humana.

Da primeira sequência pedagógica, alusiva ao *fado tradicional* obtiveram-se dois tipos de registos escritos, um referiu-se ao preenchimento individual de uma ficha de trabalho intitulada “Amália Rodrigues” (Anexo IV) e o outro consistiu na criação de uma nova letra para o refrão do fado *Cheira a Lisboa*, realizado em grupo.

Da segunda sequência pedagógica, relativa ao *fado contemporâneo* obtiveram-se também dois tipos de registos escritos. O primeiro referiu-se igualmente, ao preenchimento individual de uma ficha de trabalho, neste caso intitulada “Ana Moura” (Anexo V) e o segundo consistiu no registo da criação de uma sequência tímbrica, também elaborada em grupo.

Por fim, na atividade final, o registo escrito individual, consiste numa ficha de trabalho denominada “Amália e Mariza” (Anexo VI), que serviu de síntese à concretização das duas sequências pedagógicas mencionadas anteriormente.

3.2.2. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Observação

Durante a realização das duas entrevistas e no decorrer de todas as propostas educativas, decidiu-se adotar como técnica de recolha de dados a observação. De acordo com Freixo (2010, p. 195) “*Observação* significa constatação de um facto, quer se trate de uma verificação espontânea ou ocasional, quer se trate de uma verificação metódica ou planeada”. Sousa e Baptista (2011) acrescentam que este tipo de técnica implica a presença do investigador no local de colheita dos dados, como ocorreu.

Neste estudo recorreu-se à observação participante, dado que a investigadora estava a desempenhar o papel de estagiária no contexto em que se desenvolveu a investigação. De acordo com Sousa e Baptista (2011) a observação participante trata-se de

(...) uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende compreender, num dado meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas actividades/vivências das pessoas que nele vivem, realizando desta forma o trabalho de campo (p. 89).

Gravação audiovisual

Foi também utilizada a gravação audiovisual recorrendo a uma câmara de filmar. Decidiu-se gravar as duas entrevistas realizadas, bem como a concretização das atividades educativas proporcionadas em contexto de sala de aula. A utilização desta técnica foi essencial para o registo dos dados relativos à concretização das várias atividades do domínio musical, na medida em que implicavam respostas performativas, nomeadamente cantadas. Assim, estas gravações foram idealizadas com o intuito de não se perder informação importante.

Na opinião de Flick (2005, p. 170) “a utilização de máquinas de gravação torna o registo dos dados independente das perspetivas – tanto do investigador como dos sujeitos em estudo (...) [conseguindo-se assim] um registo naturalista dos acontecimentos (...)”. Com outra opinião, Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005, p. 155) defendem que este tipo de registo de dados acarreta algumas vantagens, na medida em que garante “a *conservação* intacta da informação «em bruto», isto é, tal e qual ela foi recolhida durante o trabalho de campo” e permite ainda, a sua posterior revisão.

3.3. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

3.3.1. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS A E B

As entrevistas foram concretizadas em dois momentos distintos. A entrevista semiestruturada A foi realizada na fase inicial do estudo, precisamente nos dias 6 e 7 de outubro de 2014, durante o intervalo da manhã entre as 10h30 min. e as 11h, bem como no período do almoço entre as 13h30 min. e as 14h. A entrevista semiestruturada B foi realizada na fase final do estudo, nomeadamente nos dias 12 e 13 de janeiro de 2015, no mesmo horário da entrevista inicial. A investigadora realizou ambas as entrevistas a sós com as crianças, de forma individual, numa sala pertencente à instituição direcionada para o apoio escolar. Estas foram gravadas com recurso a uma câmara de filmar, com o intuito de não se perder informação relevante.

Como já foi mencionado, as entrevistas A e B possuíram o mesmo guião de entrevista, que estava estruturado em quatro partes. Na primeira parte a investigadora colocou algumas questões de motivação ao participante entrevistado, de modo a motivá-lo e colocá-lo à vontade. Posteriormente, foram apresentados dois excertos de fado distintos, um referente ao *fado tradicional* e o outro ao *fado contemporâneo*. Os dois fados escolhidos foram respetivamente: *Uma Casa Portuguesa*, interpretado por Amália Rodrigues (letra de: Reinaldo Ferreira e música de: Matos Sequeira/Artur Fonseca) e *Chuva*, interpretado por Mariza (letra e música de Jorge Fernando). As crianças escutaram um excerto musical de cada vez, com duração de aproximadamente 1 minuto e 40 segundos. Primeiramente escutaram o *fado tradicional*, após o qual lhes foi colocado um primeiro conjunto de oito questões. De seguida, escutaram o *fado contemporâneo*, após o qual lhes foi repetido o mesmo conjunto de questões. Terminada a primeira parte da entrevista foram-lhes colocadas as nove restantes questões. O teor das questões apresenta-se no guião da entrevista (Anexo II e III) e acima exposto, na estrutura do guião da entrevista.

No decorrer das entrevistas, a estagiária investigadora optou por colocar algumas subquestões de modo a explorar mais as respostas dadas pelos alunos, mas essas questões não serão analisadas no capítulo que se segue. No entanto, também utilizou algumas palavras ou expressões que não constavam no guião de entrevista, umas vezes por lapso, outras pelo facto de tentar criar uma relação de confiança com o entrevistado.

No final das entrevistas, procedeu-se à sua transcrição (Anexo VII e VIII), na qual se tentaram manter as características naturais do discurso das crianças e da investigadora. O modo de análise utilizado foi a análise de conteúdo que, de acordo com Sousa e Baptista (2011), se trata de uma análise mais aprofundada, neste caso que teve em conta os temas e as categorias do guião. Após este procedimento, apresentaram-se e discutiram-se os dados obtidos, ilustrando-os com recurso a texto e tabelas.

3.3.2. SEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS – PROPOSTAS EDUCATIVAS

Após a concretização da entrevista A, foram desenvolvidas duas sequências pedagógicas, constituídas por diversas atividades de audição, interpretação e criação musical, tendo como repertório musical, o fado. Como foi exposto anteriormente, as propostas educativas foram realizadas com todos os alunos da turma, às segundas-feiras, das 14h10 min. às 15h, nas semanas em que a investigadora desempenhou o papel de aluna atuante. Todas as propostas educativas foram gravadas com recurso a uma câmara de filmar e elaboraram-se algumas notas de campo, que constam no seguinte capítulo.

A primeira sequência pedagógica relacionou-se com o *fado tradicional*, neste sentido, desenvolveu-se uma atividade de audição (Anexo IX), uma de interpretação (Anexo X) e uma de criação musical (Anexo XI), em torno do fado *Cheira a Lisboa*, interpretado por Amália Rodrigues. Por sua vez, a segunda sequência pedagógica referiu-se ao *fado contemporâneo*, na qual foram desenvolvidas igualmente, uma atividade de audição (Anexo XII), uma de interpretação (Anexo XIII) e uma de criação musical (Anexo XIV), em torno do fado *Desfado*, interpretado por Ana Moura. Depois da implementação destas duas sequências foi implementada uma atividade final (Anexo XV) que serviu de síntese a todo o trabalho realizado até ao momento, comparando os dois tipos de fado abordados. Consistiu assim, na visualização de vídeos referentes à canção *Barco Negro*, interpretada por Amália Rodrigues e Mariza.

A concretização destas sequências pedagógicas serviu para perceber se tiveram influência nas ideias dos participantes do estudo, relativamente ao fado. Para tal, as atividades concretizadas encontram-se ilustradas e discutidas no capítulo que diz respeito à apresentação e discussão de resultados, por meio de texto, tabelas e figuras (imagens) das respostas obtidas pelos alunos.

3.4. SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

3.4.1. PARTICIPANTES NA IMPLEMENTAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS

As sequências pedagógicas foram implementadas com todos os alunos da turma, com a qual se desenvolveu o presente estudo. Esta turma do 3.º ano de escolaridade, pertencente a uma escola do concelho de Leiria, era composta inicialmente por 18 alunos. Contudo, a meio da prática passou a ser constituída por 19 alunos, devido a uma transferência. Este grupo integrava 9 crianças do sexo feminino e 10 crianças do sexo masculino, com 7 e 8 anos de idade. Todos os alunos possuíam nacionalidade portuguesa.

3.4.2. PARTICIPANTES NA IMPLEMENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS A E B

As entrevistas semiestruturadas A e B foram aplicadas a um conjunto de cinco participantes. A amostra utilizada na implementação deste estudo foi conseguida de forma aleatória, da qual foram selecionadas seis crianças, de uma turma de 18 alunos (8 raparigas e 10 rapazes).

Desta, foram selecionadas seis crianças, sendo que uma foi definida para a concretização de um pré-teste e as restantes cinco, como participantes do estudo. Optou-se pela seleção aleatória, uma vez que, de acordo com Freixo (2010), esta técnica permite que todos os sujeitos tenham a possibilidade de integrarem a amostra. Foi atribuída uma letra (A-E), a cada um dos participantes, de modo a salvaguardar o direito ao anonimato e à confidencialidade. Neste sentido, concordando com Fortin (2009, p. 117) “os resultados devem ser apresentados de tal forma que nenhum dos participantes num estudo possa ser reconhecido nem pelo investigador, nem pelo leitor do relatório de investigação”. Dos participantes selecionados, apenas um elemento é do sexo masculino, enquanto os outros são do sexo feminino. Todos os participantes tinham 8 anos de idade, à exceção do participante E que tinha 7 anos (participante do sexo feminino) (Batista & Milhano, 2015, p. 5).

3.5. CONTRIBUTO DO ESTUDO

Este estudo foi realizado com o intuito de entender quais eram as ideias que as crianças tinham sobre o fado, mais concretamente, compreender a sua relação com este tipo de repertório, quais os argumentos por elas utilizados quanto à sua caracterização e verificar se existiu uma mudança de ideias relativamente a este género musical.

Para tal, foi necessário realizar um diverso conjunto de atividades musicais relacionadas com o fado e, desta maneira, tratou-se de colocar na ordem do dia um género musical

que não é totalmente conhecido pelo universo das crianças. Isto significa que este estudo contribuiu para colocar o fado no quotidiano das crianças e transmitir-lhes toda a sua importância e envolvimento, até porque segundo Vasconcelos (2006) valorizar o património musical português é um dos princípios orientadores pertencentes ao ensino da música no 1.º CEB. Neste sentido, torna-se crucial dar a conhecer aos alunos o papel do fado enquanto traço identitário de um país e das suas práticas culturais, dado que “Desde 27 de novembro de 2011, o fado é também, Património Cultural Imaterial da Humanidade, cujos embaixadores, foram os fadistas Carlos do Carmo e Mariza” (Batista & Milhano, 2015, p. 2).

Além disso, consta também deste leque de princípios orientadores “A escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados” (Vasconcelos, 2006, p. 6) e, nesta medida, esta investigação contribuiu para isso. Neste sentido, proporcionou-se aos alunos participantes o contacto com o fado, com épocas diferentes, dado o *fado tradicional* e o *fado contemporâneo* e ainda, com a diversidade de instrumentos utilizada nestes dois tipos de fado.

Para além disto, este estudo contempla uma índole didática, devido ao facto de permitir entender qual a relação que as crianças estabelecem com o fado. Assim, este fornece pistas aos professores de como as crianças veem este género musical e interpretam a sua importância na construção da sua própria cultura. Pois através das sequências pedagógicas realizadas sobre os dois tipos de fado, a criança pode ou não ter alterado as suas ideias acerca do repertório musical abordado.

Importa também mencionar que, para além de fornecer pistas aos professores, esta investigação contribui para que o leitor tenha uma visão mais alargada, de quais eram as ideias das crianças sobre o fado e como a implementação de propostas educativas do domínio da prática musical, pode ou não ter influência na mudança dessas mesmas ideias.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, pretende-se apresentar e discutir as respostas dadas pelos cinco participantes do estudo nas entrevistas semiestruturadas A e B e nos registos concretizados durante duas sequências pedagógicas. A primeira entrevista foi realizada na fase inicial do estudo e a segunda no final da investigação, após a concretização das duas sequências pedagógicas, cada uma com diferentes atividades de audição, interpretação e criação musical, tendo como repertório, o fado. As entrevistas possuíram o mesmo guião e este foi aplicado primeiramente como um pré-teste, a aluno selecionado aleatoriamente.

Este guião encontrava-se estruturado em quatro partes. A primeira parte centrou-se em questões de motivação. Na segunda parte, os participantes responderam a um conjunto de oito questões (Parte I) relacionadas com a audição de dois excertos musicais representativos dos dois tipos de fado: o *fado tradicional* e o *fado contemporâneo*, *Uma Casa Portuguesa*, interpretado por Amália Rodrigues e *Chuva*, interpretado por Mariza, respetivamente. Na terceira parte do guião as crianças tiveram que responder a um segundo conjunto de questões, neste caso, alusivas à Parte II. Por fim, a última parte do guião foi dedicada à finalização da entrevista.

De maneira a permitir uma fácil perceção das respostas dos participantes a determinadas questões, optou-se por apresentar os dados por meio de tabelas e revelar alguns exemplos de respostas, elaboradas por alguns participantes. Importa salientar que as respostas das restantes crianças podem ser consultadas nos anexos.

4.1. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A

Parte I

- Questão 1: *Já alguma vez ouviste esta música?*

Depois de escutarem o excerto musical *Uma Casa Portuguesa*, de Amália Rodrigues, todos os participantes mencionam nunca ter ouvido esta música, à exceção do participante D que afirma já ter escutado esta canção, em casa da sua avó.

Após a escuta do segundo excerto, *Chuva*, interpretado por Mariza constata-se que apenas o participante A refere que já ouviu esta música, enquanto que os restantes participantes respondem negativamente a esta questão.

- Questão 2: *Gostas desta música?*

Ao analisar as respostas obtidas a esta pergunta, relativamente ao primeiro excerto, verifica-se que o participante C é o único que não gosta da música *Uma Casa Portuguesa*, de Amália Rodrigues.

Tal como na questão anterior, somente o participante C refere não gostar do excerto musical *Chuva*, de Mariza.

- Questão 3: *Conheces alguém que costuma ouvir esta música?*

Observando-se os dados obtidos nesta questão, destaca-se novamente a resposta do participante C, que respondeu conhecer alguém que costuma ouvir esta música, referindo “A minha avó! A minha bisavó! No lar...” (Anexo VII). Contudo, os outros participantes salientam não conhecer ninguém que ouça a música interpretada por Amália Rodrigues.

Quanto ao segundo excerto apresentado, verifica-se mais uma vez que, o participante C é o único que indica conhecer alguém que tem o hábito de escutar a música *Chuva*, de Mariza, nomeadamente a sua bisavó. Relativamente aos outros participantes, constata-se uma resposta negativa quanto a esta pergunta.

- Questão 4: *Sabes que género de música é esta?*

Tabela 1- Respostas dos alunos à questão:
“Sabes que género de música é esta?”

4.- Sabes que género de música é esta?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	É Fado.	É fado!
B	Fado.	Fado.
C	Hmm... Fado.	Fado.
D	Não.	Não.
E	Não.	Não.

Tendo em conta os dados apresentados na tabela 1, observa-se que todos os participantes mantêm a mesma opinião, em ambos os excertos musicais. Constata-se assim, que apenas os participantes D e E não sabem identificar que género de música se trata, neste caso, o fado.

- Questão 5: Sobre o que fala esta música?

Tabela 2- Respostas dos alunos à questão: “Sobre o que fala esta música?”

5.- Sobre o que fala esta música?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	Não sabe.	Fala sobre emoções.
B	Fala de rosas.	Não sabe.
C	Fala de Portugal.	Falava de saudades.
D	Não sabe.	Não sabe.
E	Fala da Primavera e da Alegria.	Fala sobre uma cidade.

Como se pode verificar, apenas o participante D revela não identificar qual o tema contido nos dois excertos musicais escutados.

Destacam-se as respostas dadas pelos participantes C e E que identificam os temas sobre os quais incidem ambas as músicas, indicando que o primeiro excerto se refere a Portugal, à Primavera e à alegria

e o segundo, se refere ao tema da saudade, e também de uma cidade.

- Questão 6: Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Como demonstram os dados presentes na tabela 3, apenas os participantes A e E mencionam não se lembrar de quais os instrumentos musicais utilizados no primeiro fado escutado. Importa destacar as respostas do participante C, que refere a flauta transversal como um dos instrumentos escutados nos dois excertos, o que, na realidade, não se verificou. Relativamente às outras respostas oferecidas pelos alunos, prevalece a ideia

Tabela 3- Respostas dos alunos à questão: “Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?”

6.- Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	Não se lembra.	Viola.
B	Guitarra portuguesa.	Guitarra.
C	Flauta.	Flauta transversal.
D	Guitarra.	Viola e piano.
E	Não se lembra.	Piano.

de que são utilizadas a viola e a guitarra portuguesa (participantes A, B e D). Porém, alguns participantes mencionam ainda a existência do piano, instrumento musical que não integra nenhum dos excertos apresentados (participante D e E).

- Questão 7: O que te fez sentir este fado?

Após a análise das respostas dos alunos a esta pergunta, verifica-se que o excerto musical *Uma Casa Portuguesa* fez com que alguns verbalizassem a ideia de que se sentiram contentes e felizes, respetivamente, os participantes A, B, D e E. O participante

C foi o único que referiu que ao escutar o fado da Amália Rodrigues, sentiu que “Estava a ver a música num palco” (Anexo VII).

Da análise das respostas dos participantes, alusivas ao segundo excerto musical, constata-se que houve uma repetição de ideias, dado que os participantes A, B e D mencionaram, tal como nas respostas alusivas ao primeiro excerto, que o excerto do fado *Chuva* os fez sentir, nesta ordem, felizes, contentes e bem. Demonstrando uma resposta diferente, o participante C afirma que este excerto de música lhe fez sentir que estava sozinho em casa e que tinha saudades dos seus pais. Com outra opinião distinta, destaque também a resposta do aluno E que, ao escutar esta interpretação de Mariza, revela ter sentido “Um bocadinho de tristeza” (Anexo VII).

- Questão 8: *Sabes quem canta este fado?*

Ao observar as respostas obtidas à questão 8, verifica-se que nenhum dos participantes do presente estudo conhecia os intérpretes dos fados apresentados.

Parte II

- Questão 9: *Gostaste de escutar estes dois fados? Porquê?*

No que diz respeito a esta questão, verificou-se uma igualdade de respostas, sendo que todos os participantes partilharam que gostaram de escutar os dois fados, embora tenham mencionado motivos distintos.

O participante A afirma que gostou de ouvir o primeiro excerto porque nunca o tinha escutado e agora, que teve essa oportunidade, ficou a apreciá-lo. Além disso, manifesta que gostou do segundo excerto musical escutado porque já o conhecia e já gostava dele.

O participante B demonstrou ter gostado dos dois fados escutados, apontando como motivos o facto de ter gostado da música e do som.

O participante C justificou a sua resposta mencionando ter gostado dos dois fados porque o faziam sentir-se triste.

O participante D argumentou ter gostado de ambos os fados porque o faziam sentir-se mais calmo.

Por fim, o participante E refere que o motivo pelo qual o levou a gostar dos dois fados se centra no facto de lhe fazerem sentir-se bem.

- Questão 10: *Achas que estes dois fados que escutaste são parecidos? Porquê?*

Considerando as respostas obtidas nesta questão, constatou-se que a maioria dos participantes considerou os dois fados apresentados como sendo distintos. Assim, somente o participante D defende que os fados são parecidos, salientando: “Porque... parece que as senhoras têm quase a mesma voz” (Anexo VII).

Em contrapartida, os motivos que levaram os participantes a afirmar que os dois fados escutados se distinguem, são: o facto do segundo fado ser mais calmo que o primeiro (participante A); a constatação de diferenças nos instrumentos musicais (participante B); o tema de cada fado (participante C) e, por fim, o facto de considerarem que o primeiro fado é mais alegre e o segundo mais triste (participante E).

- Questão 11: *Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?*

Tabela 4- Respostas dos alunos à questão: “Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?”

	11.- Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?	Porquê?
A	Não.	Não é tão mexido, é mais calmo.
B	Não.	Não sabe.
C	Não.	Porque no fado se canta muito alto.
D	Sim.	Utilização dos mesmos instrumentos musicais.
E	Não.	Não sabe.

Considerando as respostas presentes na tabela 4, constata-se que o participante D é o único que considera o fado parecido com outros géneros musicais, referindo que o fado utiliza os mesmos instrumentos musicais que os outros géneros, tais como a viola, o piano e a guitarra.

Importa referir que, os participantes B e E não conseguem argumentar as suas ideias, mencionando que não sabem porque é que consideram que o fado não é parecido com os outros géneros de música.

- Questão 12: *Como se chamam as pessoas que cantam o fado?*

Ao analisar as respostas dos alunos a esta questão, verifica-se que os participantes C e D não sabem como se chamam as pessoas que cantam o fado. Importa acrescentar, que o participante C, em vez de referir como se chamam as pessoas que cantam o fado,

menciona, pelo contrário, um exemplo de um fadista, precisamente o nome Mariza. Em contrapartida, os participantes A, B e E mencionam que as pessoas que cantam o fado se chamam fadistas.

- Questão 13: *Conheces algum fadista? Qual?*

Nesta questão, verifica-se que os participantes A, B e D não conhecem nenhum fadista. No entanto, os participantes C e E demonstram conhecer a fadista Mariza.

- Questão 14: *Sabes como se vestem os fadistas?*

Os participantes A, B, D e E responderam que não sabiam como se vestem os fadistas, nem qual a cor que lhes está associada. No entanto, o participante C refere saber como se vestem os fadistas, mencionando que estes utilizam “roupas grandes, como os padres, podendo ser pretas, vermelhas ou cor de laranja” (Anexo VII).

- Questão 15: *Costumas ouvir fado?*

Tabela 5- Respostas dos alunos à questão: “Costumas ouvir fado?”

15. - Costumas ouvir fado?	
A	Às vezes.
B	Não.
C	Não.
D	Acha que sim...acho que às vezes ouço.
E	Às vezes.

Tendo em conta as respostas apresentadas na tabela 5, verifica-se que os participantes B e C responderam que não costumam ouvir fado. Os participantes A e E apresentam a mesma resposta, mencionando que escutam este género musical “Às vezes”. Por fim, o participante D respondeu “Acho que sim... acho que às vezes ouço” (Anexo VII), o que pode indiciar alguma

incerteza, eventualmente motivada pela não identificação do fado, ou então pela escuta diversificada de música, também referente a outros estilos e géneros musicais. No entanto, interessa acrescentar, que o participante D, assim como o participante E revelam na entrevista que ouvem este género de música (Anexo VII).

- Questão 16: *Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?*

Ao analisar as respostas dos alunos a esta questão, constata-se que os participantes A e C assumem uma atitude semelhante, uma vez que, em resposta anterior mencionaram conhecer um fado, mas posteriormente contradizem-se, referindo que afinal não conhecem nenhum. Os participantes B e D são os únicos que respondem negativamente a esta pergunta. Contudo, destaca-se a resposta do participante E que afirma conhecer

um fado, embora não se lembre do nome. Interessante é revelar que, após a proposta para cantar, o participante E interpreta vocalmente um pouco do refrão da canção *Desfado*, de Ana Moura.

- Questão 17: O que achas que é o fado?

Como se pode observar na tabela 6, o participante B é o único aluno que menciona não saber o que é o fado. Por outro lado, o participante A afirma que o fado é algo relaxante e que serve para acalmar. Já o participante D partilha que o fado é o que o faz sentir mais feliz. (Anexo VII)

Tabela 6- Respostas dos alunos à questão: “O que achas que é o fado?”

17.- O que achas que é o fado?	
A	É relaxante, para acalmar.
B	Não sabe.
C	É uma canção que me faz sentir alegre.
D	É o que me faz sentir mais feliz.
E	É alegria.

Quanto aos restantes participantes, salientam ideias semelhantes, revelando que o fado “é alegria” (participante E) e se trata de uma canção que o faz sentir alegre (participante C).

4.1.1. SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A

Tendo em conta a análise das respostas a esta entrevista, verifica-se que uma grande parte dos participantes respondeu nunca ter escutado os fados *Uma Casa Portuguesa* e *Chuva*, interpretados por Amália Rodrigues e Mariza, respetivamente. O facto de referirem nunca ter escutado os excertos apresentados, pode sugerir eventualmente, que não mantêm contacto, nos contextos que frequentam, com um determinado género de repertório musical, neste caso, o fado. Assim, pode-se considerar importante desenvolver experiências com os alunos, que lhes permitam vivenciar situações de escuta deste género de música, valorizando o património artístico e musical português (Vasconcelos, 2006).

Partindo da análise dos dados, sugere-se que a maioria dos participantes não está familiarizado com o fado. Esta ideia é suportada pelas dificuldades evidenciadas na identificação dos intérpretes deste género de música e pelo desconhecimento revelado sobre pessoas que conheçam que escutam fado. No entanto, um participante associou a escuta do fado às pessoas mais velhas, nomeadamente avós e bisavós. É possível sugerir que para estas crianças, o fado é um género musical cujo público-alvo são indivíduos com mais idade. Como salienta Carvalho (2009) citando a palavra da fadista Carminho,

numa entrevista ao Diário de Notícias, ainda prevalece um pouco a ideia de quem escutava fado “(...) era um público já maduro. Os jovens são mais rápidos, gostavam de ouvir coisas rápidas e cheias de energia”. Porém, acrescenta que o fado “Está a chegar por inteiro a outra geração”, querendo com isto sugerir que o fado nos dias de hoje não se encontra apenas associado às pessoas mais velhas, abrangendo diferentes faixas etárias, desde os mais jovens aos mais velhos.

Observando as respostas dos participantes, à questão ‘Gostas desta música?’ pode-se sugerir que os alunos possuem um espírito aberto. O facto de os participantes referirem que gostam de fado, contraria a ideia de que apenas se gosta daquilo que se conhece, revelando que têm uma mente aberta e estão dispostos a conhecer e a gostar de outros estilos e géneros musicais, com os quais não estão habituados a contactar. Assim, concordando com Vasconcelos (2006, p. 6), torna-se cada vez mais importante, neste nível de ensino “a escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados”.

Uma ideia pouco linear, presente nas respostas das crianças na entrevista A incide sobre os instrumentos musicais utilizados no fado. Os participantes mencionam a presença da viola e da guitarra portuguesa, instrumentos musicais característicos do fado. Mas também identificam outro tipo de instrumentos, como a flauta transversal e o piano, instrumentos estes não presentes nos excertos musicais apresentados. Como refere Koncová (2011, p. 8) uma das características gerais do fado trata-se do acompanhamento do fadista, “(...) por duas guitarras: a guitarra clássica, pelos fadistas chamada viola, e a guitarra portuguesa”. No entanto, é possível sugerir que estas crianças tenham mencionado outro tipo de instrumentos como a flauta transversal e o piano, pelo facto de hoje em dia, no *fado contemporâneo* se recorrer não só à guitarra portuguesa e à viola. Como afirma Halpern (2004, p. 103) “Aos poucos, os novos fadistas foram enriquecendo o seu acompanhamento com outros instrumentos”, como é o caso do piano, contrabaixo, violino, bombos, cavaquinho, flautas, cajón, xequeré, entre outros. Contudo, Halpern acrescenta que “Uma coisa é certa, por muitos novos meios que tenham acrescentado, quase nenhum fadista abdicou da guitarra portuguesa” (*ibidem*).

Tendo em conta as ideias apresentadas pelas crianças na questão ‘Conheces algum fadista?’ observa-se que apenas dois participantes afirmaram conhecer a Mariza. Assim, é possível sugerir que a maioria dos participantes não conhecia nenhum fadista,

aquando do momento da entrevista A. No entanto, pode-se considerar que somente um dos participantes conhece realmente a fadista, na medida em que no desenrolar da entrevista foi possível perceber que o participante C afirma conhecer a Mariza, só pelo facto de ter escutado o fado *Chuva*, apenas no momento da realização da entrevista A.

Da análise das respostas a esta entrevista, é possível também sugerir a ideia de que os participantes não demonstraram argumentos que lhes permitissem definir e caracterizar o fado como um género musical. Como menciona Felisberto (2011/2012, p. 1) “O Fado é um género musical tipicamente português (...)”. Todavia, observou-se que os alunos, na sua generalidade, conseguiram perceber auditivamente a existência de diferenças entre os dois fados escutados, diferenças essas subjacentes à escolha dos tipos de fado. É possível sugerir que as crianças identificaram diferenças, maioritariamente ao nível da constatação dos instrumentos musicais e motivações ao nível emocional (calma, tristeza). Neste caso, o fado de Mariza era mais triste e calmo, do que o fado *Uma Casa Portuguesa* interpretado pela Amália Rodrigues. No entanto, os instrumentos musicais eram os mesmos, a guitarra portuguesa e a viola. Assim, sugere-se que os alunos não conseguiram mencionar com clareza a natureza dessas diferenças nas suas respostas.

As diferenças existentes entre o fado *Uma Casa Portuguesa* e *Chuva* centram-se principalmente, no facto do primeiro se tratar de um *fado tradicional* e o segundo se definir como *fado contemporâneo*. De acordo com Koncová (2011)

Ao fado tradicional são associadas várias características estilísticas especiais, tais como a maneira dos fadistas se vestirem (as fadistas, por exemplo, cumprem a tradição de usar xaile e saia), o facto de ser cantado à noite e à meia-luz, os lugares típicos onde o fado costuma ser cantado (...), as tabernas e as casas de fado (p. 9).

Sugere-se ainda, o facto de no *fado tradicional* apenas se utilizar a guitarra portuguesa e a viola, como instrumentos musicais e, conseqüentemente possuir uma sonoridade diferente. Quanto ao *fado contemporâneo*, neste caso, é possível existir a presença de mais instrumentos musicais, as fadistas podem não usar xaile e saia comprida, podendo vestir calças, e usar diferentes cores, não se cingindo apenas ao preto. Considerando o exposto, é possível sugerir que as ideias dos participantes na entrevista A, se distanciam um pouco da opinião da autora citada.

Uma ideia clara para os participantes, no momento desta entrevista, foi a de que o fado não é parecido com os outros géneros musicais. É viável propor que para estas crianças,

o fado é diferente dos outros géneros de música, considerando o facto de não estarem habituados a escutar este tipo de repertório. Pois, como mencionam na questão ‘Costumas ouvir fado?’ é possível sugerir a ideia de uma incerteza, uma vez que dois dos participantes respondem que não costumam escutar fado e os restantes mencionam “Às vezes” (participante A e E) e “Acho que sim... acho que ouço” (participante D), sugerindo não saber, concretamente que género musical se trata.

É também possível referir que os participantes não demonstraram ter presente uma representação visual dos intérpretes de fados, nomeadamente as suas vestes, entre as quais a imagem do xaile, a atitude e a postura enquanto cantam. Os alunos revelaram ainda, algumas dificuldades na identificação dos temas presentes nas letras dos excertos de fado escutados. Esta ideia pode sugerir um desconhecimento por parte das crianças, relativamente à existência de temas específicos neste género musical. Como salienta Felisberto (2011/2012, p. 2) “Os temas ligados ao Fado são muito variados: a saudade, o amor, a nostalgia, o ciúme, a tragédia, as dificuldades da vida, as pequenas histórias do quotidiano, a cidade e tudo o que esta representa”. Embora alguns dos participantes tenham mencionado que as músicas falavam sobre saudade, uma cidade e emoções (A, C e E), apresentando desta forma uma resposta correta, uma vez que estes são alguns dos temas retratados no excerto de Mariza, existiram ainda alguns participantes (B e D) que não conseguiram mencionar que o fado *Uma Casa Portuguesa* retrata o povo português e os seus costumes identitários.

Tendo em conta as respostas às questões ‘Costumas ouvir fado?’ e ‘Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?’, é possível sugerir que as crianças não costumam escutar fado. Esta ideia é suportada nas dificuldades evidenciadas nas respostas a estas questões e pelo desconhecimento revelado sobre fados. No entanto, um dos participantes demonstrou conhecer a canção *Desfado*, interpretada por Ana Moura, na medida em que cantou um pouco do seu refrão. É possível sugerir que esta criança, num contexto exterior à escola, tenha acesso a este género musical.

Por fim, destaco o facto dos temas fadistas poderem sugerir alguma influência quanto ao estado de alma, vivenciado pelos participantes no momento da entrevista. Sou desta opinião dado que as ideias que sobressaem à questão ‘O que te fez sentir este fado?’, relacionam-se um pouco com os temas retratados nos excertos musicais apresentados. Discuto sobre esta ideia, considerando o facto de no momento de escuta do fado da

Amália Rodrigues, sendo este um tema mais alegre, ter provocado, como se evidenciou nas respostas dos alunos, alguma felicidade e contentamento. Por outro lado, o fado de Mariza, caracterizado como um fado mais calmo e triste, provocou, como sugerem as respostas de alguns dos alunos, uma sensação de saudades e um estado de tristeza.

4.2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA B

Parte I

- **Questão 1: *Já alguma vez ouviste esta música?***

Contrariamente ao que ocorreu na entrevista semiestruturada A, após a audição do excerto da Amália Rodrigues, a maioria dos alunos mencionou já ter ouvido esta música, à exceção do participante A e B. O participante C acrescentou que escutou este excerto em sala de aula, enquanto, que o participante E refere não se recordar em que ocasião escutou esta música. Já o participante D afirma ter escutado *Uma Casa Portuguesa* no carro, embora já tivesse escutado em contexto de sala de aula, aquando do momento da entrevista semiestruturada A.

Quanto ao segundo excerto apresentado, verifica-se que apenas o participante A menciona já o ter escutado. O participante B referiu “A mim pareceu-me que sim, mas estou entre sim e não” (Anexo VIII). Quanto aos restantes participantes, indicaram nunca ter ouvido o excerto musical de Mariza (participante C, D e E).

- **Questão 2: *Gostas desta música?***

Ao analisar as respostas a esta questão, verifica-se que todos os participantes mencionam gostar dos dois excertos musicais apresentados, nomeadamente, *Uma Casa Portuguesa* e *Chuva*.

- **Questão 3: *Conheces alguém que costuma ouvir esta música?***

Tendo em conta as respostas obtidas a partir desta pergunta, observa-se que o participante C e o participante D são os únicos que mencionam conhecer alguém que costuma ouvir *Uma Casa Portuguesa*, de Amália Rodrigues. O primeiro refere que a sua avó e bisavó costumam escutar esta música no lar, enquanto, que o segundo salienta

que a sua mãe escuta esta canção. Os outros participantes dizem não conhecer ninguém que ouça esta música.

Relativamente ao segundo excerto apresentado, destaca-se a resposta do participante C, na medida em que refere, mais uma vez, que a sua avó e bisavó têm o hábito de escutar a música *Chuva*, de Mariza. Os outros alunos respondem negativamente a esta pergunta.

-Questão 4: Sabes que género de música é esta?

Tabela 7- Respostas dos alunos à questão:
“Sabes que género de música é esta?”

4.- Sabes que género de música é esta?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	Fado tradicional.	Fado contemporâneo.
B	Fado.	Fado.
C	Fado.	Fado.
D	Não.	Não.
E	Fado.	Fado.

Como se pode verificar na tabela 7, o participante D é o único que demonstra não saber de que género de música se trata em ambos os excertos musicais. Contudo, sobressaem as respostas do participante A, que distingue o *fado tradicional*, de *fado contemporâneo*.

- Questão 5: Sobre o que fala esta música?

Como se pode observar na tabela 8, destacam-se as respostas dos participantes C e E, manifestando respostas idênticas, uma vez que referem que o primeiro excerto fala sobre uma casa portuguesa. Importa acrescentar, que o participante B é o único que indica não saber sobre o que falam ambas as letras dos excertos musicais escutados.

Tabela 8- Respostas dos alunos à questão:
“Sobre o que fala esta música?”

5.- Sobre o que fala esta música?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	Não sabe.	Sobre a vida da fadista.
B	Não sabe.	Não sabe.
C	Sobre a casa portuguesa.	Sobre o que há na terra.
D	Não se lembra.	Sobre uma cidade e alegria.
E	Uma casa portuguesa.	Sobre saudades.

Além disso, interessa referir que se evidenciam respostas distintas quanto ao excerto de Mariza. O participante A defende que este excerto fala sobre a vida da fadista, o participante C aponta que fala sobre o que há na terra, o participante D refere que fala sobre uma cidade e alegria e por fim, o participante E menciona que fala sobre saudades.

- Questão 6: Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Tendo em conta os dados inerentes à tabela 9, observa-se que nos excertos das fadistas Amália Rodrigues e Mariza, todos os participantes identificaram a presença da guitarra portuguesa e da viola. Os alunos C e E, mencionam a presença de outros instrumentos musicais, o violino e o piano, respetivamente, instrumentos estes não utilizados nos fados apresentados.

Tabela 9- Respostas dos alunos à questão: “Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?”

6.- Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?		
	Excerto musical <i>Uma Casa Portuguesa</i>	Excerto Musical <i>Chuva</i>
A	Guitarra portuguesa e viola.	Viola e guitarra portuguesa.
B	Guitarra portuguesa e viola.	Guitarra e viola.
C	Guitarra portuguesa, viola e violino.	Guitarra portuguesa e viola.
D	Guitarra portuguesa e viola.	Guitarra portuguesa e viola.
E	Guitarra e viola.	Piano, guitarra e viola.

- Questão 7: O que te fez sentir este fado?

Nesta questão, verifica-se que o fado *Uma Casa Portuguesa* provocou nos alunos, a verbalização de emoções e estados de alma semelhantes, na medida em que referiram terem-se sentido felizes (participantes A e B) e alegres (participantes C, D e E).

Quanto ao fado *Chuva*, observa-se que os alunos manifestaram estados de alma distintos. O participante A revelou que este fado o fez sentir calmo e relaxado. Os participantes B e C sentiram-se felizes ao escutar este excerto musical, embora o primeiro tenha confessado que, na sua opinião, o fado *Chuva* era mais triste que o fado *Uma Casa Portuguesa*.

O participante D mencionou que o fado de Mariza o fez sentir-se “Um bocadinho triste e um bocadinho contente” (Anexo VIII). E por fim, o aluno E revela que se sentiu triste ao escutar o segundo fado apresentado.

- Questão 8: Sabes quem canta este fado?

Analisando as respostas a esta pergunta, constata-se que os participantes A, B e D sabem que a Amália Rodrigues canta o fado *Uma Casa Portuguesa*. No entanto, os participantes C e E dizem não saber que a Amália Rodrigues é a fadista que o interpreta.

Em relação ao segundo fado, verifica-se que o participante A é o único que menciona saber que é Mariza quem interpreta o excerto musical *Chuva*.

Interessa mencionar a resposta do participante C, na medida em que parece demonstrar alguma confusão quanto a esta questão, dado que refere o nome de Amália Rodrigues, como a fadista que interpreta *Chuva*. Os restantes participantes salientam não saber quem canta o segundo fado apresentado.

Parte II

- Questão 9: *Gostaste de escutar estes dois fados? Porquê?*

Tal como na entrevista semiestruturada A, todos os participantes do estudo mencionam ter gostado de escutar os dois fados apresentados. Na justificação das suas respostas é possível identificar a presença de motivos distintos. O participante A, tal como na primeira entrevista, salienta que gostou de escutar os excertos apresentados porque já o conhecia e gostava da música, mas desconhecia o primeiro fado, ficando agora a conhecê-lo.

O participante B demonstrou ter gostado dos dois fados escutados pelo facto de o fazer sentir-se bem. Numa argumentação próxima, o participante C fundamentou a sua resposta referindo que os dois fados o fizeram sentir-se feliz e alegre. O participante D utilizou o mesmo argumento que o participante C uma vez que justificou ter gostado das duas músicas porque o fizeram sentir-se alegre. Por fim, o aluno E revelou ter gostado de escutar os dois fados não conseguindo explicar os seus motivos.

Da análise das respostas dadas a esta questão, sobressaem várias ideias: todos os participantes mencionaram gostar de ambos os fados; as justificações, quando apresentadas, centram-se em torno de dois motivos: o conhecimento anterior do fado escutado e motivações de ordem emocional.

- Questão 10: *Achas que estes dois fados que escutaste são parecidos? Porquê?*

Observou-se que os cinco participantes consideraram que os dois fados escutados não são parecidos. O participante A argumentou que o primeiro fado era mais alegre e que o segundo fado era mais calmo. Distingue ainda, que o primeiro fado corresponde ao *fado tradicional* e que o segundo fado, se trata de *fado contemporâneo*.

O participante B utilizou os mesmos argumentos que o participante A, embora inicialmente tenha demonstrado alguma indecisão quanto a esta questão, na medida em que referiu que os dois fados escutados eram mais ou menos parecidos. Verbalizou a ideia de que o *fado tradicional* é de outra época e o *fado contemporâneo*, corresponde à atualidade. Especificou ainda, acrescentando a justificação “Porque a Amália Rodrigues já é de outro tempo...” e “A Mariza é deste” (Anexo VIII).

O participante C também menciona que os dois fados não são parecidos porque “Um é do fado mais antigo”, referindo-se ao fado da Amália Rodrigues e “Um é mais do nosso tempo”, definindo o fado de Mariza. Para além disso, ressalva ainda que, no fado da Mariza, se utiliza um maior número de instrumentos musicais e se canta mais (Anexo VIII).

Na opinião do participante D, os excertos musicais apresentados distinguem-se porque o fado *Uma Casa Portuguesa* é mais alegre que a *Chuva*, e o primeiro utiliza mais instrumentos musicais. Por último, o participante E partilha o mesmo argumento que o participante D, uma vez que os dois fados são diferentes porque refere “Um é mais alegre e o outro é mais triste” (Anexo VIII).

Da análise das respostas dadas a esta questão, sobressaem várias ideias: todos os participantes salientaram que os dois fados escutados não são parecidos; as justificações apresentadas centram-se em torno de três motivos: a época em que se insere cada tipo de fado; a quantidade de instrumentos musicais utilizados e motivações de ordem emocional.

- Questão 11: *Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?*

Nesta questão, observa-se que todos os participantes, à exceção do participante E, consideram que o fado não é parecido com os outros géneros musicais.

O participante A argumenta que o fado é diferente dos outros géneros de música porque os fadistas se vestem com roupas pretas, nomeadamente vestidos longos e recorrem a instrumentos musicais diferentes.

O participante B considera que o fado se distingue dos outros géneros musicais, mas não consegue argumentar as suas ideias. No entanto, o participante C manifesta uma

opinião interessante, na medida em que menciona que no fado se canta mais que nos outros géneros musicais, prolongando-se as palavras durante muito mais tempo. Para além disso, afirma também que nos outros géneros de música, as canções são quase todas inglesas.

O participante D utiliza como argumento, o facto de os fadistas usarem xaile e utilizarem instrumentos musicais como a guitarra portuguesa e a viola. Para terminar, o participante E, que considerou o fado parecido com outros géneros musicais, justifica a sua opinião referindo que, às vezes, o fado é muito calmo e parece outra música.

Da análise das respostas dadas a esta questão, destacam-se diversas ideias: todos os participantes consideraram o fado, diferente dos outros géneros musicais, à exceção do participante E. As argumentações, quando apresentadas, centram-se em três motivos: a indumentária utilizada pelos fadistas; o recurso a determinados instrumentos musicais (guitarra portuguesa e viola) e as características da música e letras das canções.

- Questão 12: Como se chamam as pessoas que cantam o fado?

Relativamente às respostas obtidas através desta questão, constata-se que todos os participantes referem que as pessoas que cantam o fado se chamam fadistas.

- Questão 13: Conheces algum fadista? Qual?

Tabela 10- Respostas dos alunos à questão: “Conheces algum fadista? Qual?”

	13. - Conheces algum fadista?	Qual?
A	Sim.	Mariza, Amália Rodrigues e Ana Moura.
B	Sim.	Amália Rodrigues, Mariza, Ana Moura e Carlos.
C	Sim.	Mariza, Amália Rodrigues e João.
D	Sim.	António, Amália Rodrigues, Ana Moura e Mariza.
E	Sim.	Mariza, Amália Rodrigues e Ana Moura.

Observando as respostas dadas pelos participantes a esta questão, confere-se que todos os alunos dizem conhecer algum fadista. Considerando o exposto, verifica-se que todos os participantes indicam conhecer a Amália Rodrigues e a Mariza. Porém, destacam-se as respostas dos participantes B, C e D que acrescentam o nome de outros fadistas. O participante B salienta o

nome Carlos, referindo-se a Carlos do Carmo e o participante D menciona o nome António, denominando António Zambujo.

Por fim, o participante C refere o nome João, não mencionando ao certo a que fadista se refere.

- Questão 14: Sabes como se vestem os fadistas?

Ao analisar as respostas a esta pergunta, constata-se que todos os participantes possuem uma ideia dos trajes utilizados pelos fadistas. Posso começar por mencionar a opinião do participante A, que refere que as fadistas se vestem com vestidos longos e pretos e os fadistas se vestem de fato. Contudo, indica que no *fado contemporâneo*, as fadistas já não se vestem desta forma, afirmando que podem não vestir vestidos e não usar xaile. Além do que foi exposto, acrescenta que normalmente, no *fado contemporâneo* também começam a optar por outras cores, sem ser o preto, sendo esta a cor associada aos trajes fadistas.

O participante B referencia que os fadistas se vestem de preto e que, atualmente, no *fado contemporâneo*, as mulheres já podem usar calças, não se cingindo apenas aos vestidos compridos, utilizados no *fado tradicional*.

O participante C considera que os fadistas se vestem com roupas largas, longas, vestidos pretos e usam xaile. No entanto, menciona também, que por vezes, podem não usar xaile, não vestir vestidos longos e podem ainda, utilizar outras cores, afirmando que isso acontece “Quando é mais nesta altura” (Anexo VIII), querendo referir-se ao *fado contemporâneo*.

O participante D refere que os trajes fadistas englobam o vestido preto e o xaile. Porém, completa que os fadistas nem sempre se vestem assim, dado que podem utilizar vestidos vermelhos. Por conseguinte, o participante E associa as vestes fadistas ao uso do xaile, vestido, calças ou camisolas. Menciona ainda, que os fadistas podem vestir roupas de cor vermelha, azul ou preta. No entanto, não sabe definir a cor característica deste género musical.

- Questão 15: Costumas ouvir fado?

Como se verificou nas respostas a esta questão, a maioria dos alunos pertencentes à amostra referem que costumam ouvir fado, à exceção do participante D, que revela não ouvir este género musical.

Interessa partilhar, que o participante A escuta fado quando está no carro com a sua mãe. O participante B menciona que apenas ouviu fado em contexto de aulas, mais concretamente na escola. O participante C indica que escuta este género de música em casa e no lar da sua avó. No entanto, sobressai-se a resposta do participante E que confessa escutar fado no seu mp3, revelando conter o *Desfado*, de Ana Moura, na sua *playlist*.

- Questão 16: Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?

Como se pode constatar na tabela 11, o único participante que aceitou cantar um pouco, foi o participante A que cantou o refrão da canção *Desfado*, de Ana Moura.

Tabela 11- Respostas dos alunos à questão: “Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?”

	16.- Conheces algum fado?	Queres cantar um pouco?
A	<i>Desfado.</i>	Sim.
B	<i>Desfado.</i>	Não.
C	<i>Chuva e Uma Casa Portuguesa.</i>	Não.
D	<i>Cheira a Lisboa, Barco Negro e Desfado.</i>	Não.
E	<i>Desfado, Cheira Bem Cheira a Lisboa e O Tempo Não Para.</i>	Não.

Ao observar estas respostas, sobressai a resposta do participante E, na medida em que foi o único

que mencionou conhecer o fado *O Tempo Não Para*, de Mariza. No entanto, os outros participantes referem conhecer os fados: *Desfado*; *Chuva*; *Cheira Bem*, *Cheira a Lisboa* e *Barco Negro*, das fadistas Ana Moura, Mariza e Amália Rodrigues.

- Questão 17: O que achas que é o fado?

Observando as respostas apresentadas pelos alunos, verifica-se uma diversidade de ideias. Neste sentido, o participante A considera que o fado é um género de música. O participante B demonstra não conseguir definir o que é o fado, uma vez que começa por partilhar o que aprendeu sobre o fado, em sala de aula. Sendo assim, refere que aprendeu que existem diferentes tipos de fado, designadamente o *fado tradicional* e o *fado contemporâneo*. Para além disso, acrescenta que no fado se utiliza a guitarra portuguesa e a viola e termina a sua resposta, mencionando que os fadistas vestem fatos pretos e as fadistas, para além de usarem vestidos pretos, já podem usar calças e outras cores, como o branco, azul e vermelho.

O participante C afirma que o fado é um género musical muito alegre que, por sua vez, o faz sentir feliz. Já o participante D revela que o fado são canções que o fazem sentir

bem e alegre. Finalmente, o participante E partilha que o fado retrata uma mistura de emoções, uma vez que refere que este género musical se trata de “Alegria...Tristeza...” (Anexo VIII).

Da análise das respostas dadas a esta questão, sobressaem várias ideias: apenas dois participantes referem que fado se trata de um género musical, enquanto os restantes participantes argumentam que este género de música possui características particulares (indumentária fadista e instrumentos musicais específicos, como a viola e guitarra portuguesa) e provoca emoções.

4.2.1. SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA B

Tendo em conta a análise das respostas à entrevista semiestruturada B, pode-se sugerir que a maioria dos participantes demonstra conhecer o género musical fado. Esta ideia é suportada pela evidência de terem mencionado já ter escutado um dos excertos musicais apresentados durante esta entrevista e identificarem com menos dificuldades, comparativamente à primeira entrevista, os intérpretes dos fados escutados. Para além disso, alguns dos participantes conseguiram apresentar exemplos de pessoas, nomeadamente familiares que escutam este género de música, como a avó, a bisavó e, nesta entrevista, acrescenta-se o exemplo de uma mãe. Pode-se sugerir que para estas crianças, na entrevista B, o fado já não se encontra apenas associado às pessoas mais velhas, como se pôde evidenciar na primeira entrevista. Esta ideia é sustentada, considerando o facto de os participantes terem verificado ao longo das propostas educativas, realizadas no segundo momento desta investigação, que este género de repertório musical pode ser escutado por crianças, jovens adolescentes e adultos.

Nesta entrevista, observa-se que os participantes conseguem distinguir o *fado tradicional* do *fado contemporâneo* e identificar algumas das suas características, como por exemplo, os trajes utilizados em cada um dos fados, os instrumentos musicais que lhes estão associados e essencialmente, a época predominante de cada um. Esta última ideia é suportada pelo facto da maioria dos alunos mencionar na entrevista B, a ideia de que o *fado tradicional* (*Uma Casa Portuguesa*) é de outra época e o *fado contemporâneo* (*Chuva*), corresponde à atualidade. Como justificação, especificam o

seguinte: “Porque a Amália Rodrigues já é de outro tempo...” e “A Mariza é deste” (participante C) (Anexo VIII).

Nesta linha de pensamento, Koncová (2011, p. 10) defende que os fadistas costumam distinguir o *fado tradicional*, do *fado contemporâneo* mencionando que este último “(...) apareceu desde os anos 90 e persiste até à actualidade”. Apoiando as ideias presentes nas respostas dos alunos à entrevista B, acrescenta ainda, a evidência de uma rutura do *fado tradicional*, referindo que o fado da atualidade isto é, o *fado contemporâneo* “(...) tem sido cantado cada vez mais em espaços comerciais, o acompanhamento tem-se mudado das duas únicas guitarras para os mais diversos instrumentos” (*ibidem*).

Tendo em conta a questão ‘O que te fez sentir este fado?’ evidencia-se que os alunos demonstraram ideias semelhantes. Esta situação faz-me sugerir que o facto de os participantes já possuírem alguns conhecimentos acerca dos temas ligados a este género musical, pode influenciar a forma como sentem o fado, uma vez que podem associar os temas tratados aos possíveis estados de alma. Ou seja, se for um tema que retrata algo malicioso ou degradante, poderá sugerir um estado de alma triste ou pelo contrário, se retratar algo benéfico e motivador, poderá sugerir um estado de alma alegre. Com isto, poderá considerar-se que, nesta entrevista, os participantes sugerem uma maior consciência sobre os temas e os estados de alma e emoções provocadas pelos fados escutados.

Constata-se também que os participantes expuseram argumentos que apoiam a sugestão de que evidenciaram conhecimentos, que lhes permitiram perceber que o fado é diferente dos outros géneros de música, reconhecendo nele algumas das suas especificidades. Por exemplo, sugeriram a ideia dos fadistas usarem xaile, de neste género de música se utilizarem instrumentos musicais como a guitarra portuguesa e a viola (participante D), ou então, de reconhecerem que os outros géneros de música contemplam muitas vezes canções com letras escritas noutras línguas, como o inglês (participante C), enquanto que o fado se caracteriza por ser cantado em português. Para suportar esta ideia, de acordo com Frydberg (2012, p. 391) o género musical abordado neste estudo é “(...) considerado representação tipicamente portuguesa, ele está ligado à identidade do seu país de origem e ao imaginário que se tem sobre si próprio e também que os outros têm sobre Portugal e o povo português”. Assim, observo que esta ideia

pode sugerir que o participante C considera o fado como um género musical português, embora não o indique diretamente.

Tendo em conta esta ideia, aproveito para discutir sobre o facto de, para além de associarem o fado a algo que provoca emoções e altera os estados de alma, alguns dos participantes (A e C), nesta entrevista já caracterizam e definem o fado como um género musical. Na minha opinião, fica ainda a faltar, a indicação de se tratar de um género musical português que retrata uma época, os costumes e a identidade de um povo, neste caso, o nosso povo português.

Nesta entrevista, evidencia-se novamente, embora numa minoria, a ideia de que os alunos sugerem a presença de outros instrumentos musicais utilizados no fado, como o violino e o piano. Volta-se a argumentar que esta ideia pode sugerir o facto de tentarem querer distinguir ambos os fados escutados, sendo esta uma característica que difere o *fado tradicional* do *fado contemporâneo*, ou seja, a possível presença de outros instrumentos musicais. No entanto, volta-se também a recordar que nos excertos escutados apenas são utilizadas a guitarra portuguesa e a viola.

Ainda na entrevista B, interessa salientar que os participantes demonstram conhecer alguns nomes pertencentes ao universo fadista, tais como Amália Rodrigues, Mariza, Ana Moura, António Zambujo e Carlos do Carmo. É possível sugerir que esta ideia se tenha alterado, devido ao facto de as crianças terem tido a hipótese de participar em duas sequências pedagógicas, no âmbito da prática musical (fado), realizadas na segunda fase deste estudo. Nestas sequências, foram dados a conhecer alguns nomes de fadistas e fados por eles interpretados, entre os quais, os já mencionados anteriormente.

Para além disso, através da análise das respostas dadas pelos alunos participantes nesta entrevista, constata-se que são conhecedores de alguns outros fados, não trabalhados em sala de aula, tal como foi o caso das respostas dadas pelo participante E. Esta ideia pode ser suportada pelas respostas da maioria dos participantes nesta entrevista, que afirmaram escutar este género musical fora do contexto escolar. Este facto pode sugerir de certa forma alguma curiosidade da sua parte, em querer conhecer um pouco mais sobre este género de repertório musical, que até ao momento lhes era desconhecido. Esta situação sugere que para além de as crianças trazerem “(...) para o ambiente de aprendizagem musical os seus interesses e capacidades e os seus próprios contextos

sócio-culturais” (Vasconcelos, 2006, p. 4), estas são capazes de aproveitar aquilo que aprendem em sala de aula sobre o fado e tentam descobrir mais, conhecendo outras canções, revelando assim, uma atitude autodidata, com abertura para novas experiências.

Por fim, foi visível neste inquérito que, ao contrário do que aconteceu na primeira entrevista, todos os participantes partilharam a ideia de gostar desta música, mais concretamente dos fados *Uma Casa Portuguesa* e *Chuva*. Nesta situação, é possível sugerir que a frequência dos alunos nas propostas educativas relacionadas com o fado, nomeadamente, em atividades de audição, interpretação e criação musical possa ter influência nas respostas dos alunos à questão ‘Gostas desta música?’ Considerando o facto, de numa primeira fase o participante C ter mencionado não gostar das músicas inerentes a este género de repertório musical e, numa fase posterior, após a vivência das propostas educativas, ter sugerido a ideia de gostar dos fados escutados.

4.3. COMPARAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS NAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS A E B

Ao analisar e comparar os resultados de ambas as entrevistas concretizadas no âmbito desta investigação, é possível sugerir que se observam algumas mudanças nas conceções e nas ideias dos participantes sobre o fado. Deste modo, neste tópico, pretendo dar a conhecer quais as principais alterações que ocorreram na entrevista semiestruturada A e B, realizadas em momentos distintos, designadamente, antes e após a concretização de duas sequências pedagógicas.

Considero interessante começar por referir que se notou que a maioria dos participantes, contrariamente ao que aconteceu na entrevista A, mencionam na entrevista B, já ter escutado os excertos musicais apresentados. Além disso, constatou-se que o participante C alterou as suas respostas à questão 2 (Gostas desta música?), uma vez que inicialmente, reportou não gostar de fado e, posteriormente, na entrevista B, revelou gostar deste género musical.

Outra ideia manifestada na segunda entrevista, relaciona-se com a questão 3 (Conheces alguém que costuma ouvir esta música?). Na entrevista semiestruturada B, o participante D acrescenta ter a ideia de uma pessoa que conhece que costuma ouvir

fado, nomeadamente a sua mãe. Neste caso, sugere-se que a ideia de o fado estar associado a um público-alvo mais velho, designadamente avós e bisavós, deixa de fazer sentido na análise da entrevista B, na medida em que existe a presença de um argumento contraditório.

Observou-se também que, na segunda entrevista, existiu um maior número de alunos que afirmam saber que o fado é o género musical representado nos excertos musicais escutados, aquando do momento da segunda parte das entrevistas. No entanto, em relação à questão 5 (Sobre o que fala esta música?), constatou-se que na entrevista A, os alunos argumentaram e expuseram mais as suas ideias sobre os temas presentes nas letras dos excertos escutados, em comparação com as respostas dadas na entrevista B. Contudo, verificou-se que nesta última entrevista, a maioria das respostas fornecidas pelos alunos estavam corretas em comparação com as respostas dadas na primeira entrevista, na qual revelaram mais dificuldades.

Tendo em conta os dados da entrevista semiestruturada B, constatou-se que a maioria dos participantes passou a identificar a guitarra portuguesa e a viola, como instrumentos musicais característicos do fado. Além disso, verificou-se que os alunos tiveram maiores facilidades na distinção entre o *fado tradicional* e o *fado contemporâneo*, mencionando as suas principais diferenças, nomeadamente a indumentária fadista, as cores que lhes estão associadas, os instrumentos musicais utilizados, a sonoridade e os temas presentes nas letras.

Ainda, na entrevista B, os participantes expuseram argumentos que apoiam a sugestão de que evidenciaram conhecimentos que lhe permitiram distinguir o fado de outros géneros musicais, referindo por exemplo, o facto de os fadistas usarem xaile, de neste género de música se utilizarem instrumentos musicais como a guitarra portuguesa e a viola (participante D), ou então de reconhecerem que os outros géneros de música contemplam muitas vezes canções com letras escritas noutras línguas, como o inglês (participante C), enquanto que o fado se caracteriza por ser cantado em português.

Uma outra ideia patente na entrevista B, ao contrário do que aconteceu na primeira entrevista, refere-se ao facto dos cinco participantes terem sido capazes de mencionar alguns exemplos de fadistas, bem como o título de alguns dos seus fados. Por outro lado, interessa mencionar que se sobressai a resposta dada pelo participante E à questão

16 (Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?), em que menciona o fado intitulado *O Tempo Não Para*, de Mariza, que nunca tinha sido escutado em contexto de sala de aula.

Em síntese, e tendo em conta a comparação dos dados obtidos em ambas as entrevistas, é possível sugerir a existência de uma mudança em algumas das ideias apresentadas pelos alunos. Esta mudança está essencialmente patente na alteração do conteúdo do discurso apresentado por alguns dos participantes, nomeadamente quanto: à definição e caracterização do fado enquanto género musical; à distinção dos dois tipos de fado apresentados nas sequências pedagógicas; à distinção do fado e os outros géneros musicais; à perceção dos temas abordados nas letras fadistas e ao reconhecimento de nomes pertencentes ao universo fadista, bem como alguns fados.

4.4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DOS REGISTOS OBTIDOS NA 1.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

Na primeira sequência pedagógica foram realizadas três atividades do domínio da prática musical, designadamente atividades de audição, interpretação e criação musical, que tiveram como repertório musical, o fado. Esta primeira sequência foi desenvolvida em torno do *fado tradicional*, nomeadamente do fado *Cheira a Lisboa*, interpretado por Amália Rodrigues.

4.4.1. 1.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE AUDIÇÃO MUSICAL

Nesta atividade de audição musical os alunos escutaram a canção *Cheira a Lisboa*, interpretada por Amália Rodrigues. O desenvolvimento desta atividade incluiu um momento de questionamento, tendo sido colocadas aos alunos algumas das seguintes questões: *Já conheciam a canção que escutaram? Onde a conheceram? Conhecem a pessoa que interpreta esta canção? É uma voz feminina ou masculina? Conseguiram identificar alguns instrumentos musicais utilizados nesta canção? A que género musical pertence esta canção?*

Tendo em consideração as respostas dadas pelos alunos ao questionamento oral, nota-se que já tinham escutado esta canção, mas no entanto surgiram algumas respostas que indicam que os alunos não tinham a certeza de quem interpretava o fado *Cheira a Lisboa*, dado que responderam ser “Alice Vieira” ou “É alguma coisa que acaba em

Rodrigues...”. Até que um dos alunos responde corretamente “Amália Rodrigues!”. Contudo, também demonstraram alguma incerteza quanto aos instrumentos musicais utilizados, mencionando a presença do “violão”; do “violino” e do “piano”, instrumentos estes não utilizados no fado escutado.

Após um diálogo e a visualização de um *PowerPoint* referente à Amália Rodrigues e ao *fado tradicional*, os alunos tiveram que concretizar, de forma individual, uma ficha de trabalho intitulada “Amália Rodrigues” (Anexo IV). Esta ficha continha questões relacionadas com o título da canção escutada; o seu intérprete; identificação da voz do intérprete (masculina ou feminina); o tipo da canção (instrumental, vocal ou ambas) e por fim, a identificação dos instrumentos musicais utilizados no fado *Cheira a Lisboa*.

Ao analisar as respostas dadas pelos alunos a esta ficha de trabalho (Anexo XVI), verifica-se que todos os participantes indicaram que a intérprete do fado escutado é Amália Rodrigues, à exceção do participante E que refere o nome “Amélia Rodrigues”, em vez de “Amália Rodrigues” como intérprete deste fado. Constata-se também que todos os participantes afirmaram que a canção escutada se chamava *Cheira a Lisboa* e que se tratava de uma canção instrumental e vocal (feminina). Ainda, foi possível constatar que todos os participantes mencionaram que os instrumentos musicais utilizados neste fado foram a viola e a guitarra portuguesa, revelando respostas corretas.

As figuras que se seguem (Figura 2 e 3) registam algumas respostas dadas pelos participantes na ficha “Amália Rodrigues”.

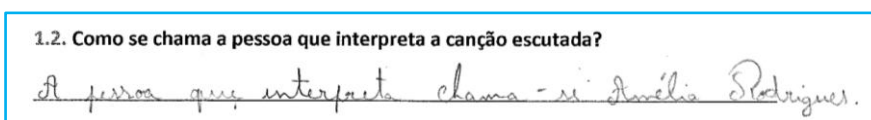


Figura 2- Resposta do participante E à questão 1.2. da ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

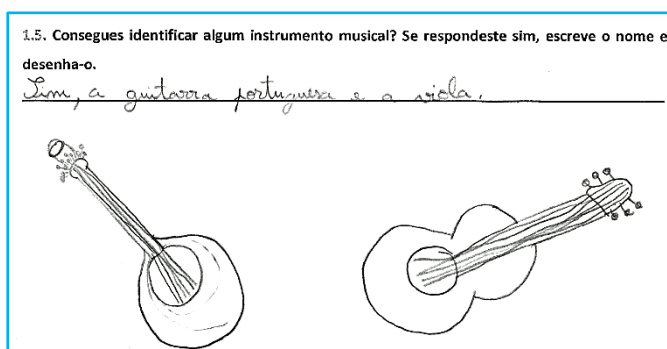


Figura 3- Resposta do participante B à questão 1.5. da ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

Tendo em conta esta atividade, sugere-se que as crianças manifestaram uma atitude de abertura, na medida em que se mostraram interessadas em aprender sobre o *fado tradicional*. Porque de acordo com as notas de campo elaboradas pela investigadora, após se ter colocado a canção a tocar, os alunos começaram desde logo a dançar e a tentar acompanhar a canção escutada, mesmo não conhecendo a letra da canção na sua totalidade. Neste sentido, sugere-se que se demonstraram dispostas a aprender sobre um repertório musical que lhes era desconhecido e que lhes poderia parecer eventualmente entediante, dada a época e o género musical em que se insere.

4.4.2. 1.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO MUSICAL

Nesta atividade de interpretação musical, os alunos cantaram, ou seja, interpretaram vocalmente, em grande e em pequeno grupo, o refrão da canção *Cheira a Lisboa*. Aquando da realização desta proposta educativa verificou-se que os alunos demonstraram interesse e tiveram facilidade em concretizar a atividade de interpretação musical. Para ilustrar esta situação, na reflexão n.º 4 em contexto de 1.º CEB II (Anexo XVII), refere-se que

(...) a turma se mostrou bastante participativa e começou logo a cantar sozinha, sem precisar muito do meu apoio e eu optei por sugerir que cantassem individualmente. Ao realizar esta sugestão, reparei que a maioria das crianças aceitou este desafio, até mesmo os alunos que não costumam participar muito neste género de propostas e que têm uma personalidade insegura e tímida. Além disso, não posso deixar de acrescentar que houve uma situação que me marcou particularmente, em que um aluno ao interpretar o fado se deixou emocionar (p. 2).

Neste sentido, é possível sugerir que as crianças revelaram um grande entusiasmo na participação das atividades de interpretação e que este fado criou oportunidades importantes para a expressão dos seus estados de alma e das suas emoções. Também criou oportunidades para que a turma e professores se envolvessem, emocional e musicalmente, com significado, permitindo a vivência e a partilha de momentos de ensino e de aprendizagem, que se revelaram marcantes para todos os presentes.

4.4.3. 1.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL

Nesta atividade de criação musical, a proposta consistiu na criação de uma nova letra para o refrão do fado *Cheira a Lisboa*. As regras apresentadas incluíam o respeito pelo tema da canção (cidade de Lisboa), a sua melodia, as rimas e a métrica de cada frase. Esta atividade foi concretizada em cinco grupos, três com quatro elementos e dois com três elementos. Aquando da realização da atividade educativa, foram visíveis algumas

dificuldades por parte dos alunos nomeadamente, na seleção de versos que rimassem entre si e que respeitassem a métrica da letra da canção.

No entanto, é possível sugerir que esta proposta educativa revelou ser um momento de aprendizagem significativa para os alunos, na medida em que relacionou e mobilizou, de modo concreto, competências do domínio da música com outras áreas do saber, designadamente o Português, assumindo-se assim, uma proposta interdisciplinar. Como se afirma na reflexão n.º 6 em contexto de 1.º CEB II (Anexo XVIII), Vasconcelos (2006, p. 12) defende que música é entendida como uma “(...) construção social e humana interage de modos diversos (...) com diferentes áreas do saber e do conhecimento artístico, humanístico, científico e tecnológico”.

As figuras que se seguem (Figura 4 e 5) registam alguns exemplos de letras para o refrão criadas pelos participantes (Anexo XIX).

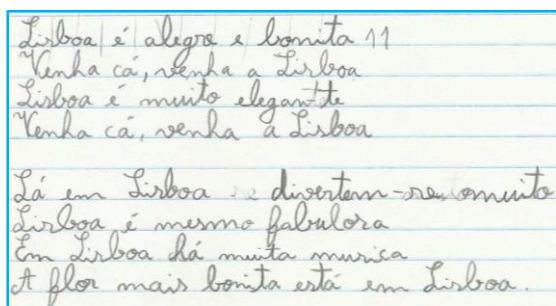


Figura 4- Refrão criado pelo grupo do participante A

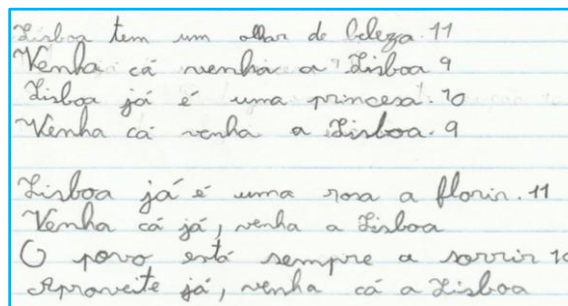


Figura 5- Refrão criado pelo grupo do participante C

4.5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS REGISTOS OBTIDOS NA 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

Esta sequência pedagógica centrou-se também na concretização de três atividades do domínio da prática musical: audição, interpretação e criação musical, que tiveram como repertório musical, o fado. Foi desenvolvida em torno do *fado contemporâneo*, nomeadamente da canção *Desfado*, interpretado por Ana Moura.

4.5.1. 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE AUDIÇÃO MUSICAL

Esta atividade respeitou os mesmos passos metodológicos desenvolvidos na atividade de audição musical da 1.ª sequência pedagógica. Deste modo, as crianças tiveram que escutar uma canção alusiva ao *fado contemporâneo*, neste caso *Desfado*, interpretado

por Ana Moura. Posteriormente, responderam a algumas questões relacionadas com o fado escutado.

À semelhança do que aconteceu na primeira sequência pedagógica, após um diálogo e a visualização de um *PowerPoint* referente à Ana Moura e ao *fado tradicional*, os alunos concretizaram, individualmente, uma ficha de trabalho intitulada “Ana Moura” (Anexo V). Esta ficha continha questões relacionadas com o título da canção escutada; o seu intérprete; a identificação dos instrumentos musicais utilizados no fado *Desfado* e, por fim, uma questão referente à organização da letra deste fado, respeitando a sua estrutura formal (verso, refrão e parte instrumental).

Durante o diálogo, a investigadora constatou que os alunos já conheciam o fado interpretado por Ana Moura, uma vez que aquando do momento de escuta da canção a maioria dos alunos começou logo a cantar o seu refrão. Quando questionados acerca do nome deste fado, os alunos não conseguiram responder, no entanto uma aluna (não pertencente à amostra) respondeu com certeza que a intérprete do *Desfado* se chama “Ana Moura!”.

Ao analisar as respostas dadas pelos alunos a esta ficha de trabalho (Anexo XX), constata-se que todos os participantes mencionam que a canção escutada se chama *Desfado*, e que esta é interpretada por Ana Moura.

Tabela 12- Respostas dos alunos à questão 1.3. da ficha de trabalho “Ana Moura”

	1.3.- No fado que escutaste, que instrumentos musicais identificaste?
A	Guitarra portuguesa; viola; xequeré e contra baixo.
B	Guitarra portuguesa; viola; maracas; sinos; piano; pandeireta e xequeré.
C	Violino; viola; contra baixo; guitarra portuguesa; piano elétrico e violão.
D	Xequeré; guitarra portuguesa; viola; maracas; violão e piano.
E	Viola; guitarra portuguesa; xequeré.

Quanto aos instrumentos musicais utilizados neste fado (conforme a tabela 12), observa-se que os alunos mencionam outro tipo de instrumentos musicais, não se cingindo apenas à guitarra portuguesa e à viola, instrumentos associados ao *fado tradicional*.

Neste caso, os participantes acrescentam instrumentos como o xequeré, as maracas, o violão, o piano, o violino, o piano elétrico, o contra-baixo, os sinos e a pandeireta, todos eles presentes no fado escutado. É possível sugerir que esta atividade se revelou enriquecedora e que permitiu suscitar o interesse das crianças por este género de música, considerando o facto de um dos alunos ter levado para o contexto de sala de

aula, um dos instrumentos musicais visualizados no *PowerPoint* sobre o *fado contemporâneo*, designadamente um cavaquinho. Tendo em conta o desenrolar da atividade, é ainda possível sugerir que embora os alunos já tivessem escutado algumas canções alusivas ao *fado contemporâneo*, não conseguiam associar por exemplo uma canção interpretada por António Zambujo, como sendo um fado, dada a sua sonoridade e instrumentos musicais utilizados. Neste sentido, sugere-se que antes de as crianças conhecerem este tipo de fado, associavam este género musical apenas a canções melancólicas.

4.5.2. 2.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO MUSICAL

Nesta atividade, os alunos interpretaram elementos inerentes ao ritmo da obra musical, designadamente através da marcação da pulsação e do compasso, com recurso aos sons do corpo e a instrumentos musicais de altura indefinida, tais como as clavas e as caixas chinesas. Esta atividade foi realizada em dois grupos, constituídos por nove elementos, permitindo quer a alternância quer a simultaneidade das tarefas interpretativas. No decorrer desta proposta educativa constatou-se que os alunos manifestaram facilidade no desempenho das tarefas propostas. Como se pode verificar na reflexão n.º 8 em contexto de 1.º CEB II (Anexo I), afirma-se “(...) que o grupo conseguiu perceber com facilidade estes conceitos e exemplificar como se produziam” (p. 1).

Pode sugerir-se que os alunos demonstraram constituir um grupo coeso, entusiasmado e motivado aquando do momento da realização da atividade, atitudes e comportamentos eventualmente motivados pelo facto de terem tido a oportunidade de contactar e utilizar instrumentos musicais, atividade da prática musical apontada em estudos de Milhano (2014) como uma das preferidas pelas crianças. Como refere Vasconcelos (2006, p. 9) a criança deve ter a oportunidade de tocar “(...) instrumentos acústicos e electrónicos, convencionais e não convencionais, individualmente e em grupo, na interpretação de música instrumental ou vocal acompanhada (...)”.

4.5.3. 2.^a SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL

Nesta atividade, os alunos criaram uma nova sequência tímbrica, com pelo menos dois sons (utilizando objetos ou partes do corpo), para marcar a pulsação ou o compasso da canção *Desfado*. É possível sugerir que os alunos gostaram e, após as orientações dadas para a sua realização, tiveram facilidade na realização desta atividade, na medida em

que, na reflexão n.º 10 em contexto de 1.º CEB II (Anexo XXI) se afirma ter constatado “(...) que a turma ficou entusiasmada por poder criar uma sequência de sons e fê-lo em grupos, partilhando e discutindo ideias e opiniões” (p. 2). Esta atividade, a meu ver, permitiu assim, para desenvolver o respeito pelo outro, dado que tiveram de ouvir as sugestões dos colegas.

As figuras que se seguem (Figura 6 e 7) registam alguns exemplos de criações de sequências tímbricas elaboradas por alguns participantes (Anexo XXII).

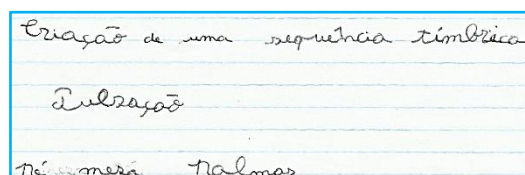
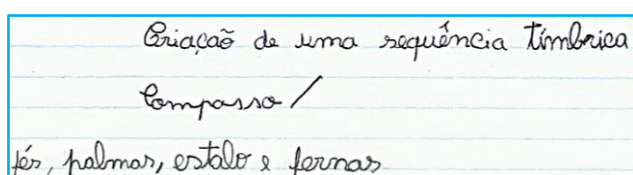


Figura 6- Sequência criada pelo grupo dos participantes C e D **Figura 7-** Sequência criada pelo grupo dos participantes A e E

4.6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DOS REGISTOS OBTIDOS NA ATIVIDADE FINAL – COMPARAÇÃO DO *FADO TRADICIONAL* E *CONTEMPORÂNEO*

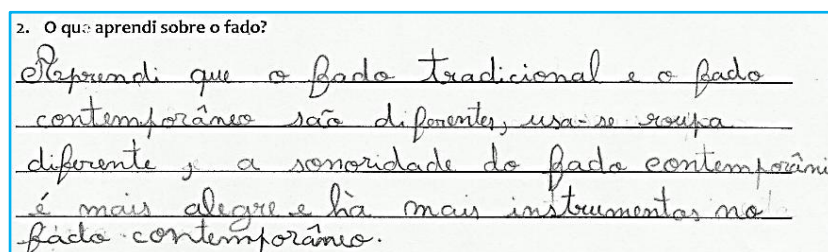
Esta atividade final serviu de síntese à concretização das duas sequências pedagógicas e incidiu sobre os dois tipos de fado (*fado tradicional* e *fado contemporâneo*). Nesta atividade, refletiu-se sobre a visualização de vídeos referentes a duas interpretações distintas da canção *Barco Negro*, interpretada num caso por Amália Rodrigues e noutro por Mariza. Os alunos realizaram uma ficha de trabalho intitulada “Amália e Mariza” (Anexo VI), na qual foram colocadas algumas questões, entre as quais, questões de correspondência que procuravam associações entre os fados escutados e os dois tipos de fado abordados; questões sobre o que aprenderam sobre o fado e o que mais gostaram de aprender.

Ao analisar as respostas obtidas nesta ficha de trabalho (Anexo XXIII), observa-se que todos os participantes conseguiram associar o fado de Amália Rodrigues e o fado de Mariza ao *fado tradicional* e ao *fado contemporâneo*, respetivamente. Em síntese, as aprendizagens dos participantes centram-se nas questões estudadas ao longo das duas sequências pedagógicas, nomeadamente na distinção dos dois tipos de fado, especificamente no que diz respeito à indumentária fadista, às cores que lhe estão associadas, aos instrumentos musicais utilizados e à sua sonoridade (participante B). Destacam-se as respostas dos participantes C e E, uma vez que são os únicos que ressaltam que aprenderam que o fado se trata de um género musical. Salienta-se ainda,

a resposta do participante D que menciona “Também aprendi que o *fado tradicional* é a preto e o *contemporâneo* é às cores” (Figura 9). Esta última resposta remete para algumas interpretações, entre as quais a mais provável, a associação estabelecida entre o *fado tradicional* e alguns dos vídeos a preto e branco visualizados durante as aulas dada a época em que foram gravados, e a associação do *fado contemporâneo* aos vídeos a cores, dado serem mais recentes. Outra possibilidade interpretativa é a da associação comum do conceito de cor ao conceito de timbre, isto é, remetendo para a associação entre as cores e cada tipo de fado dada a paleta tímbrica que lhes está associada, assinalando a existência de uma maior variedade de diferentes timbres instrumentais presentes no *fado contemporâneo* face ao *tradicional*.

Tendo em consideração os resultados apresentados pode sugerir-se que a vivência e participação nas duas sequências pedagógicas, expostas anteriormente, foram cruciais para as crianças, na familiarização com o fado. Verifica-se que após a sua concretização, a maioria das crianças revelou uma alteração nas suas ideias sobre este género de repertório. Assim, é possível sugerir que os resultados obtidos a partir destes registos são o ponto de partida das ideias manifestadas pelos alunos na entrevista B.

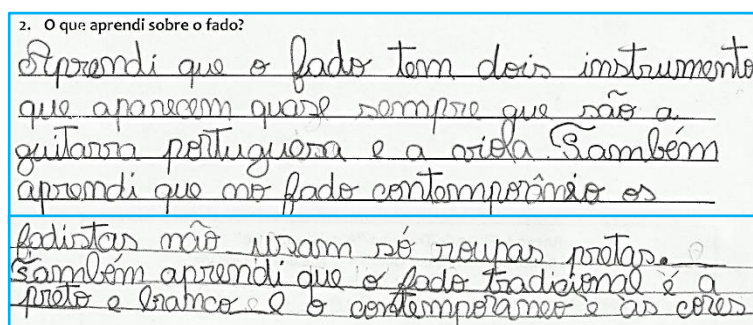
As figuras que se seguem (Figura 8 e 9) retratam algumas respostas dadas pelos participantes (Anexo XVIII) na questão ‘O que aprendi sobre o fado?’, presente na ficha “Amália e Mariza”.



2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que o fado tradicional e o fado contemporâneo são diferentes, usa-se roupa diferente e a sonoridade do fado contemporâneo é mais alegre e há mais instrumentos no fado contemporâneo.

Figura 8- Resposta do participante B à questão 2 da ficha de trabalho “Amália e Mariza”



2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que o fado tem dois instrumentos que aparecem quase sempre que são a guitarra portuguesa e a viola. Também aprendi que no fado contemporâneo os fadistas não usam só roupas pretas. Também aprendi que o fado tradicional é a preto e branco e o contemporâneo é às cores.

Figura 9- Resposta do participante D à questão 2 da ficha de trabalho “Amália e Mariza”

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo reflete as conclusões obtidas com este estudo, tendo em conta os objetivos delineados e todo o trabalho realizado ao longo da dimensão investigativa. Apresentam-se ainda neste capítulo, as limitações do estudo e possíveis sugestões para investigações futuras.

Neste estudo procurou-se entender *Quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes a uma escola de Leiria sobre o fado?* Para responder a esta pergunta de partida foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas e individuais a cinco crianças, implementadas em dois momentos distintos, precisamente, antes e após a concretização de sequências pedagógicas. Estas foram desenvolvidas através da realização de atividades do domínio da prática musical, tendo como repertório musical, o fado.

Tendo em conta o primeiro objetivo do estudo, designadamente *Compreender qual a relação das crianças com o fado* procedeu-se à análise da entrevista semiestruturada A. Através da análise à primeira entrevista constata-se que as crianças não estavam familiarizadas com o género musical fado, dado que tiveram dificuldades em definir e caracterizar o fado; identificar intérpretes; denominar fados; reconhecer os temas fadistas, bem como em distinguir os tipos de fado escutados e as suas principais características.

Tendo em conta o segundo objetivo do estudo, nomeadamente *Conhecer os argumentos que as crianças utilizam para caracterizar o fado* analisaram-se igualmente as respostas dadas na entrevista semiestruturada A, bem como os registos elaborados pelos alunos aquando do momento de concretização das sequências pedagógicas, desenvolvidas em torno do género musical fado.

Tendo em conta o terceiro objetivo do estudo, designadamente *Perceber se as crianças alteram as suas ideias, após a vivência das propostas educativas* analisou-se a entrevista semiestruturada B. Nesta última fase do estudo, após a concretização das sequências pedagógicas, a maioria das crianças revelou, comparativamente às respostas apresentadas na primeira fase (entrevista A), uma mudança de ideias sobre o fado. Esta mudança está essencialmente patente na alteração do conteúdo do discurso apresentado

por alguns participantes uma vez que conseguiram utilizar vocabulário específico de música, e argumentar com menos dificuldades vários aspetos relativos: à definição e caracterização do fado enquanto género musical; à distinção dos dois tipos de fado apresentados nas sequências pedagógicas; à distinção do fado e os outros géneros musicais; à perceção dos temas abordados nas letras fadistas e ao reconhecimento de nomes pertencentes ao universo fadista, bem como alguns fados.

Deste modo, é possível sugerir que a vivência e participação dos alunos nas atividades de audição, interpretação e criação musical, tendo como repertório musical o fado, tiveram uma grande influência na relação das crianças com este género musical. Este facto é considerado, na medida em que existiu uma mudança de ideias após o contacto com as propostas educativas do domínio da prática musical, como também se revelaram alterações ao nível dos argumentos utilizados para caracterizar o fado.

Tendo em conta os resultados apresentados neste estudo e no âmbito da ação educativa em 1.º CEB, considera-se que existe uma atitude aberta, interessada e uma manifesta vontade das crianças, na vivência e participação, em sala de aula, de atividades do domínio da prática musical que possam, também, valorizar o património artístico e musical português (Vasconcelos, 2006), nomeadamente o fado.

Desta forma, como mencionam Batista e Milhano (2015) parece evidente a necessidade de criar, desenvolver e apoiar um conjunto vasto e diversificado de oportunidades de participação e aprendizagem musical que permitam às crianças a possibilidade de desenvolverem as suas capacidades musicais e nutrir as suas ideias, as suas atitudes, o seu empenho e as suas perceções sobre a música e a importância que referem ter nas suas vidas (Milhano, 2011). Além disso, “A vivência de experiências de aprendizagem musical pode assumir um importante relevo na formulação das perceções das crianças, nas opiniões e atitudes que constroem e reconstroem sobre a música (...)” (Milhano, 2014, p. 190).

Considero importante acrescentar que este estudo permitiu, no contexto da Prática Pedagógica Supervisionada em 1.º CEB, desenvolver e aprofundar um conjunto de aprendizagens de carácter científico e didático relacionadas com os aspetos que caracterizam a ação educativa neste nível de ensino, designadamente no domínio da música. Neste sentido, o processo subjacente à realização desta pesquisa ampliou as

oportunidades para adquirir novos conhecimentos, nomeadamente sobre as problemáticas do ensino e aprendizagem da música no 1.º CEB e a descoberta e aprofundamento de conhecimentos relacionados com o universo musical, com a teoria musical e a cultura fadista. Esta pesquisa permitiu ampliar competências no âmbito da planificação, registo e análise dos comportamentos e aprendizagens dos alunos, articular entre teoria e prática na preparação, orientação e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem da música concretizado com a implementação das sequências pedagógicas. Para além disso, esta investigação permitiu desenvolver competências reflexivas e melhor compreender a importância de uma atitude crítica e fundamentada para a intervenção pedagógica.

Por fim, julgo ser possível sugerir que a realização deste estudo permitiu a todos os intervenientes ter acesso a experiências diferenciadas de aprendizagem, envolvimento e participação musical, tendo na sua génese um repertório musical emblematicamente português.

5.1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

No decorrer deste estudo foram surgindo algumas limitações das quais destaco essencialmente a falta de tempo. Considero que o facto de termos apenas dois dias de Prática Pedagógica por semana se revelou uma limitação, uma vez que apenas tinha disponível 60 minutos por semana para concretizar todas as propostas idealizadas.

Outra limitação observada durante a realização do estudo centra-se no facto da atuação ser concretizada de forma rotativa, desempenhando assim, o papel de aluna atuante em semanas alternadas. Desta forma, não tinha 60 minutos disponíveis por semana para desenvolver as atividades com as crianças, mas sim apenas 60 minutos de duas em duas semanas.

5.2. SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Tendo em conta a importância, no 1.º CEB, da “(...) escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados [e da] valorização do património artístico, em particular, o património musical português” (Vasconcelos, 2006, p. 6) considera-se importante continuar a implementar em sala de aula, atividades do domínio da prática musical, tendo como repertório

musical o fado. Neste sentido, seria aliciante desenvolver o mesmo estudo com outro tipo de fado, como o fado de Coimbra, sensibilizando de igual forma, o público mais jovem para a escuta deste género musical tipicamente português.

Seria interessante também desenvolver o mesmo estudo com outros anos de escolaridade, como por exemplo o 2.º e o 4.º ano, com o intuito de perceber se as ideias de ambas as faixas etárias se alteram ou se revelam semelhantes.

Nesta investigação, procurou-se estudar as ideias de cinco crianças sobre o fado, desta forma considero que seria proveitoso tentar estudar as ideias de um número mais significativo de participantes, de modo a poder verificar se existe uma ideia generalizada dos resultados obtidos.

Dado que o fado é Património Cultural Imaterial da Humanidade, desde 27 de novembro de 2011, outra sugestão que seria interessante centra-se em tentar conhecer as ideias das crianças relativamente a outro género musical tradicionalmente português, elegido recentemente também como Património Cultural Imaterial da Humanidade, justamente o cante alentejano.

Para terminar, como futura educadora e professora do 1.º CEB considero importante continuar a participar em futuras investigações na componente educativa dado que de acordo com Alarcão (2001, p. 6) “(...) todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome, é no seu fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor”.

CONCLUSÃO

Ao finalizar o presente relatório de mestrado que retrata o meu percurso educativo realizado ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, posso confessar que a sua concretização contribuiu para o meu enriquecimento profissional, social, bem como pessoal.

Considero que este percurso se revelou um grande desafio, na medida em que serviu para superar alguns obstáculos, receios e fragilidades, tornando-me mais consciente da importância do papel de educador e professor do 1.º CEB. Através deste percurso, penso que foi possível desenvolver diversas aprendizagens significativas que irão ser úteis na construção do meu perfil enquanto educadora e professora do 1.º CEB.

No que se refere à dimensão reflexiva, posso salientar que esta contribuiu para que eu me tornasse numa pessoa mais observadora, crítica e como o próprio nome sugere, mais reflexiva. Considero que ao observar e refletir sobre o meu desempenho pessoal; ao questionar-me sobre os meus erros e sobre a forma como devo melhorar as minhas intervenções; ao aceitar o *feedback* e as críticas provenientes dos professores, contribuiu para que eu revelasse alguma evolução no papel da função docente.

A dimensão reflexiva permitiu-me ainda, verificar a existência de uma enorme diversidade de contextos educativos. Embora tenha realizado duas práticas na mesma instituição, considero que todos os grupos de crianças, o meio envolvente, o momento em que ocorreram se revelaram distintas mas igualmente semelhantes, na medida em que todas elas possibilitaram o meu crescimento e a aquisição de novas aprendizagens. Com todas estas vivências, percebi que pretendo ser uma educadora/ professora orientadora, que proporciona ambientes e atividades enriquecedoras centradas essencialmente na criança, que leva os seus alunos a questionarem-se acerca do mundo que os rodeia, que não lhes transmite as respostas mas que os leva a descobrir caminhos para as soluções, tornando-os cidadãos ativos e críticos nas sociedades em que se inserem.

No que diz respeito à dimensão investigativa, posso salientar que o estudo desenvolvido permitiu alargar os meus conhecimentos na área de Expressão Musical, uma vez que se centrou em problemáticas sobre o ensino e aprendizagem da música, nomeadamente no

âmbito do fado. Os conhecimentos adquiridos inserem-se nomeadamente, na descoberta e aprofundamento de conceitos relacionados com a teoria musical e a cultura fadista.

Considero importante partilhar que, inicialmente, estava com algum receio de não conseguir desenvolver este estudo, pelo facto de não me sentir segura em relação à área da música e por esta ter sido, por vezes, pouco explorada ao longo das Práticas Pedagógicas que realizei. No entanto, penso que consegui atingir os objetivos previamente estabelecidos. Julgo que consegui realizar atividades que motivaram as crianças, suscitando-lhes o interesse sobre um género musical que eventualmente lhes era desconhecido. Neste sentido, este estudo possibilitou o desenvolvimento de competências no que se refere à concretização de planificações, à preparação da ação e à reflexão das intervenções pedagógicas proporcionadas.

Confesso que foi aliciante constatar as ideias alternativas das crianças relativamente ao fado. Por outro lado, foi surpreendente a sua grande evolução demonstrada após a vivência e participação nas atividades do domínio da prática musical. Deste modo, considero que foi uma investigação gratificante, dado que me proporcionou a aquisição de novas aprendizagens mas, acima de tudo, possibilitou o acesso a diferentes experiências, a participação musical e o contacto dos alunos com um repertório musical identitário do nosso país.

A dimensão investigativa permitiu-me também, evidenciar o quão crucial é o papel de um professor-investigador, uma vez que tive a oportunidade de o desempenhar durante o desenvolvimento desta investigação.

Para finalizar, considero que todo este processo se veio a revelar proveitoso, uma vez que me possibilitou compreender que o papel de educador e de professor do 1.º CEB são distintos, contudo têm um objetivo em comum, o interesse no desenvolvimento global das crianças, tendo em conta as suas características e necessidades. Tendo em consideração todas as experiências vivenciadas, confesso que este percurso me concedeu a certeza do caminho que pretendo enveredar, precisamente, trabalhar com crianças e fazer parte das suas vidas e do seu percurso escolar. Para tal, apesar de ter concluído esta etapa com uma enorme felicidade e orgulho, considero que o meu percurso não termina aqui, pelo contrário, tenho a consciência de que para desempenhar a função docente, terei de investir cada vez mais na aquisição e reformulação de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, No.1.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Editora McGraw – Hill.
- Baptista, A.; Viana, F. L. & Barbeiro, L. F. (2011). O Ensino da Escrita: Dimensões Gráfica e Ortográfica. *Cadernos PNEP*. Lisboa: ME – DGIDC.
- Bartolomeu, L. (2010). Intervenção atempada: da avaliação à intervenção educativa no contexto de creche – a escala de avaliação Growing Skills II. *Cadernos de Educação de Infância*, 91, 29-30.
- Batista, L. & Milhano, S. (2015). *O fado no 1.º Ciclo do Ensino Básico – um estudo de caso com crianças do 3.º ano de escolaridade*. Leiria: Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação (no prelo).
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, M.; Vieira, C.; Uva, M. & Tavares, T. (2009). Género e Currículo na Educação de Infância. *Guião de Educação. Género e Cidadania*. Lisboa: CIG.
- Carvalho, C. (2009). O fado despe-nos. *Diário de Notícias Online: Notícias Magazine*. Acedido em 10 de fevereiro, 2015, em http://www.dn.pt/revistas/nm/interior.aspx?content_id=2131546
- Carvalho, P.d. (2003). *História do Fado*. 5.ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Coelho, A. (2007). Breves notas sobre a educação entre os 0 aos 3 anos em Portugal. *Cadernos de Educação de Infância*, 80, 9-11.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Craveiro, C. (2004). A observação e o registo educacional : um tópico para formação reflexiva no âmbito da supervisão. *Saber (e) Educar*, 9, 47-61. Acedido em 15 de março, 2014, em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/259>
- Damas, A. (2012). *Como planificar de acordo com as características e necessidades dos diferentes contextos, nomeadamente no que concerne à heterogeneidade das crianças e dos respetivos grupos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Santarém: Escola Superior de Educação. Acedido em 1 de dezembro, 2014, em <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1036/1/Andreia%20Sofia%20dos%20Santos%20Damas.pdf>

EGEAC & Museu do Fado (2011). *Candidatura do Fado à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade*. Acedido em 10 de fevereiro, 2015, em http://www.candidaturadofado.com/wp-content/themes/candidatura/docs/brochura_apresentacao_candidatura_fado.pdf

Estanqueiro, A. (2012). *Boas Práticas na Educação - O Papel dos Professores*. Editorial Presença: Lisboa.

Felisberto, F. (2011/2012). *Fado...Um estado de alma*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Acedido em 11 de março, 2015, em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2314/1/15323.pdf>

Ferreira, K. & Assis, O. (2012). A Postura do Educador e as Interações Socioafetivas entre Crianças na Creche: Alguns Apontamentos. In *XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*, UNICAMP – Campinas, 1-13, 2012. Acedido em 11 de março, 2014, em http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2919p.pdf

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. 1.^a Edição. Monitor – Projectos e Edições, Lda.

Fonseca, R. (2011). *O Novo Fado – Uma Leitura Transcultural*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Ciências Humanas – Universidade do Minho. Acedido em 11 de março, 2015, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24017/1/Ricardo%20Xavier%20Machado%20Silva%20Fonseca.pdf>

Fortin, M. (2009). *O processo de investigação: da concepção à realização*. 5.^a Edição. Loures: Lusociência.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Edições Terra e Paz.

Freixo, M. J. V. (2010). *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Frydberg, M. B. (2012). O fado que nós cantamos, é a sina que nós seguimos – Jovens fadistas portugueses e a emoção como meio de se construírem enquanto artistas. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 32, 390-426. Acedido em 10 de fevereiro, 2015, em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/MarinaBayFrydbergArt.pdf>

Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-nascidos e crianças em Idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Guia do Fado. (2010). Acedido em 13 de julho, 2014, em <http://www.fnac.pt/Localization/pt-PT/Guides/MiniSites/GuiaFado.aspx>

Halpern, M. (2004). *O Futuro da Saudade: O Novo Fado e os Novos Fadistas*. 1.^a Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Henrique, L. L. (2004). *Instrumentos Musicais*. 4.^a Edição. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas – Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M.; Banet, B. & Weikart, D. (1979). *A Criança em Acção*. 3.^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Koncová, K. (2011). *A canção do fado – uma música e várias raízes*. Dissertação de Mestrado, Masarykova univerzita. Acedido em 16 de fevereiro, 2015, em http://is.muni.cz/th/342296/ff_b/bakalarska_prace_Koncova.pdf

Lessard-Hébert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. 2.^a Edição. Lisboa: Instituto Piaget.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula*. Lisboa: Lidel.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2012). *50 Técnicas de Avaliação Formativa*. Lisboa: Lidel.

Lusa (2010). Fado/ Unesco: Mariza sugere ensino do Fado na escola. *Diário de Notícias Artes Online*. Acedido em 13 de julho, 2014, em [http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2137527&seccao=M%EF%BF%BDsica&utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+DN-Artes+\(DN+-+Artes\)&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2137527&seccao=M%EF%BF%BDsica&utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+DN-Artes+(DN+-+Artes)&page=-1)

Machado, F. (2011). *A participação dos pais na escola: o caso de Jardins de Infância da Misericórdia da Maia*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Trabalho – Porto. Acedido em 11 de março, 2014, em http://www.iset.pt/iset/DissertacoesPDF/16_fernanda_machado_web.pdf

Martinho, M., & Ponte, J. (2005). Comunicação na sala de aula de Matemática - Práticas e reflexão de uma professora de Matemática. In *Actas do XVI Seminário de Investigação em Educação Matemática*, Évora, 1-19, 2005. Acedido em 30 de março, 2015, em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/textos/Martinho-Ponte_05%20SIEM_.pdf

Medeiros, R. (2012). *Relatório de Estágio Supervisionado das Práticas Supervisionadas I e II: Da experiência de estágio no Pré-Escolar e 1.º Ciclo ao contributo da interdisciplinaridade na educação para a cidadania*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências da Educação – Universidade dos Açores. Acedido em 21 de maio, 2014, em

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1534/1/DissertMestradoRitaMariaSilvaMedeiros2012.pdf>

Meirinho, S. (2012). *Práticas educativas num jardim-de-infância para a aprendizagem das ciências – Escutar educadoras e escutar crianças*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação – Universidade de Lisboa. Acedido em 20 de março, 2015, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7688/1/ulfpie042965_tm.pdf

Milhano, S. (2008). A Prática Musical: Educação, Cultura e Inovação. *Revista de Animação e Educação*, Associação Nacional de Animação e Educação, 1-16. Acedido em 10 de fevereiro, 2015, em <http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2008/12/a-pratica-musical-sandrina-milhano.pdf>

Milhano, S. (2009). Música na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico – dos benefícios e enriquecimentos educativos generalizados ao apuramento de vocações. In *Actas do XVII Colóquio AFIRSE – a escola e o mundo do trabalho*, CIID – Leiria, 12-14 fev. 2009 (1-8).

Milhano, S. (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. 1.ª Edição. Leiria: Folheto Edições & Design, Centro de Investigação Identidades e Diversidades.

Milhano, S. (2011). Reshaping identities musically: a cross-sequential research with children. In Ascott, R. & Girão, L.M. (eds.), *CR12 Presence in the Mindfield: Art, Identity and the Technology of Transformation*. Universidade de Aveiro, (181-186).

Milhano, S. (2012a). Novos contextos e práticas de educação musical: um estudo com crianças do 1.º CEB. In *Atas da Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação*. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, (1-14).

Milhano, S. (2012b). *Primary School Children's Opportunities and Motivations in Music: A Research In Different Contexts of Music Education*. EDULEARN12 International Association for Technology, Education and Development. Barcelona, Spain, (1-10).

Milhano, S. (2014). *Contextos e oportunidades de aprendizagem e o desenvolvimento das identidades musicais das crianças*, In Fontes, A., Sousa, J., Lopes, M.S. P., Mónico, S. (Org.) *Cultura e Participação: Animação Sociocultural em contextos Iberoamericanos*. Leiria, Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural. Nodo de Leiria, (189-198).

Ministério da Educação – DEB (Ed.) (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Autor.

- Ministério da Educação (2012). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: ME & DGIDC.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.
- Monteiro, F. (1997). *Interpretação e Educação Musical*. Porto: Fermata Editora.
- Morais, M. (Coord.). (2002). *A Guitarra Portuguesa*. Estar Editora.
- Muller, L. D. (2002). A interação professor-aluno no processo educativo. *Integração*, 31, 276-280. Acedido em 1 de julho, 2014, em http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf
- Nery, R. V. (2004). *O outro lado do Fado*. Coleção O Fado do Público. Corda Seca-Edições de Arte, SA & Público – Comunicação Social, SA.
- Nery, R. V. (2012). *Para Uma História do Fado*. 2.^a Edição. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores e Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Neves, A., Campos, C., Fernandes, D., Conceição, J. & Alaiz, V. (1994). Observe! Vai ver que encontra. *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*, 1-5. Acedido em 1 de julho, 2014, em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:f76M0Kjl7u0J:www.dgidc.min-edu.pt/avaliacaointerna/data/avaliacaointerna/Ensino_Secundario/Documentos/observe.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt
- Oliveira, I. & Serrazina, L. (2002). A reflexão e o professor como investigador. *Refletir e investigar sobre a prática profissional*, 29-42. Acedido em 1 de julho, 2014, em http://apm.pt/files/127552_gti2002_art_pp29-42_49c770d5d8245.pdf
- Pacheco, N. (2014). Academia Latina distingue Carlos do Carmo com Grammy pela sua obra. *Jornal Público Online*. Acedido em 11 de julho, 2014, em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/academia-latina-distingue-carlos-do-carmo-com-grammy-pela-sua-obra-1661175>
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul: Artmed.
- Pereira, I. (Coord.). (2010). *O Ensino do Português no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Construção de Saberes Profissionais no contexto do PNEP e do novo Programa de Português*. Vol. I. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho – Serviço de Publicações.

Pereira, S. (2008). *Circuito Museológico, in Museu do Fado 1998-2008*. Lisboa: EGEAC/Museu do Fado. Acedido em 11 de julho, 2014, em <http://www.museudofado.pt/gca/index.php?id=17>

Ponte, J. P. (2008). Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional. *PNA*, 2 (4), 153-180.

Portaria n.º 262/2011 de 31 de agosto. Diário da República n.º 167 – I Série. Ministério da Solidariedade e da Segurança Social.

Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche. Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas. *Infância e Educação: Investigação e Práticas*, Revista do GEDEI (Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância), 1, 85-106.

Portugal, G. (2009). Para o educador que queremos, que formação assegurar? *Exedra*, 1, 9-24. Acedido em 11 de março, 2014, em <http://www.exedrajournal.com/docs/01/9-24.pdf>

Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.

Post, J. & Hohmann, M. (2004). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva – Publicações S. A.

Reis, P. (2011). *Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente*. Lisboa: ME. Acedido em 1 de julho, 2014, em de http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf

Relvas, M. (2009). O lugar da Música no Ensino Básico: Música para todos. In *Congresso do 1.º Ciclo “De Pequenino se Trilha o Caminho”*, Porto, 1-4, dez. 2009. Acedido em 8 de julho, 2014, em <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/799/1/O%20lugar%20da%20M%C3%BAasic%20no%20Ensino%20B%C3%A1sico.pdf>

Rosa, M. & Arnoldi, M. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação de resultados*. 1.ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica.

Silva, A. R. (2013). *A utilização dos materiais didáticos na área da Matemática no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Beja – Escola Superior de Educação. Acedido em 2 de julho, 2014, em <https://repositorio.ipbeja.pt/>

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios segundo Bolonha*. 2.ª Edição. Lisboa: Pactor.

Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

UNESCO. (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial da Humanidade (Artº2, alínea 1)*. Indonésia, Bali. Acedido em 11 de julho, 2014, em <http://www.candidaturadofado.com/>

Valente, A. (2012). *O trabalho de grupo e a aprendizagem cooperativa no 1.º CEB*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação – Universidade de Aveiro. Acedido em 20 de março, 2014, em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/10341/1/7239.pdf>

Vasconcelos, A. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical.

Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural – Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento.

Wuytack, J. & Palheiros, G. (1995). *Audição Musical Activa*. Livro do Professor. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 4.ª Edição. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

ANEXO I – REFLEXÃO N.º 8 EM CONTEXTO DE 1.º CEB II

A presente reflexão refere-se à 7.ª semana de intervenção, mais concretamente aos dias 24 e 25 de novembro de 2014. No decorrer desta semana desempenhei a função de aluna atuante, em que tive a responsabilidade de conduzir as aulas, contando com o auxílio da minha colega Andreia que assumiu o papel de aluna observadora. Neste sentido, esta reflexão tem como tópicos os seguintes pontos: a minha opinião sobre o plano apresentado e a minha atuação; as mudanças que eu efetuará; as principais dificuldades sentidas por mim e pelas crianças; se tive a necessidade de aprofundar conhecimentos de forma a melhorar a minha intervenção e por fim, se verifiquei progressos no decorrer destes dois dias.

Ao refletir sobre as tarefas propostas esta semana e sobre a minha atuação, menciono que não alteraria o plano apresentado. Penso que as atividades se adequaram às necessidades e interesses do grupo de alunos e, para além disso, à semelhança do que se tem verificado nas últimas semanas, considero que foram ao encontro do que os programas oficiais defendem que deve ser trabalhado com esta faixa etária.

Começo esta reflexão por mencionar que os alunos, na minha opinião, esta semana, apenas tiveram dificuldades numa atividade, precisamente na atividade de Matemática, realizada na 2.ª feira (24 de novembro de 2014), em que se pretendia rever o conceito de múltiplo. Reformulo esta ideia, uma vez que dificuldade não é o termo adequado, mas sim confusão, dado que revelaram alguma confusão quanto ao conceito de múltiplo. No decorrer desta proposta, notei que alguns alunos ainda demonstravam sentir alguma confusão, pelo facto de um número poder ser múltiplo de dois números em simultâneo, e o algarismo 0 ser considerado múltiplo de todos os números.

Quanto às atividades em que os alunos sentiram menos dificuldades, a meu ver verificaram-se nas várias áreas curriculares. Começo por nomear a tarefa em que os alunos tiveram de criar novas quadras, em que se mostraram muito interessados e participativos. Foi notório o entusiasmo em querer partilhar com os colegas da turma as criações que elaboraram em trabalho a pares. Este género de propostas são muito importantes, pois permitem à criança trabalhar o Português, brincando com os sons, as letras e as palavras. Outra atividade em que os alunos revelaram facilidade foi na atividade de Expressão Musical, mais concretamente na marcação da pulsação e compasso da canção “Desfado”, de Ana Moura.

À semelhança do que tem vindo a acontecer, esta atividade vai constar no meu relatório de mestrado, sendo a 2.ª atividade de interpretação que realizo no desenrolar desta investigação. Nesta proposta educativa, foram abordados conceitos desconhecidos para as crianças, como a pulsação e o compasso. Na minha perspetiva, o grupo conseguiu perceber com facilidade estes conceitos e exemplificar como se produziam. Além disso, tiveram outro elemento que os manteve motivados no decorrer da atividade, isto é, a utilização de instrumentos musicais. Partilho que resolvi integrar instrumentos musicais nesta proposta, uma vez que permite motivar as crianças, mas também como defende Vasconcelos (2006, p. 9), a criança deve ter a oportunidade de tocar “ [...] instrumentos acústicos e electrónicos, convencionais e não convencionais, individualmente e em grupo, na interpretação de música instrumental ou vocal acompanhada [...] ”. Os instrumentos que optei por trazer para o contexto de sala de aula foram as clavas e a caixa chinesa, dado que são instrumentos fáceis de tocar, por crianças desta idade. Ao refletir sobre

esta proposta, considero que foi benéfica para o ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que ao trazer objetos, com os quais os alunos não estão habituados a contactar, permite captar a sua atenção e mantê-los interessados e motivados naquilo que estão a fazer. Damas (2012, p. 33) defende que o professor “deverá ter consciência de que é importante programar tarefas que sejam motivadoras para as crianças e que vão ao encontro dos seus interesses e necessidades [...]”.

Ainda no que diz respeito às atividades em que os alunos revelaram menos dificuldades, acrescento a resolução de problemas matemáticos (atividade realizada dia 25 de novembro de 2014). Considero que os alunos conseguiram resolver todos os problemas apresentados, embora num problema eu tivesse reparado que alguns alunos ainda recorrem constantemente à operação adição, em vez de utilizarem espontaneamente a multiplicação. Por exemplo em vez de identificarem que $(2 \times 12 = 24)$, optam por representar da seguinte forma: $(12 + 12 = 24)$. Reflito que enquanto futura professora do 1.º Ciclo, a minha função é levar as crianças a utilizarem, nesta fase, a multiplicação. Este aspeto é muito importante, uma vez que ao ajudar a criança a estabelecer estes passos, estou a auxiliá-la a desenvolver algumas noções matemáticas.

De forma a terminar este ponto, acrescento o facto de as crianças não terem tido dificuldades na realização de exercícios, relacionados com a classificação de palavras quanto à acentuação. Fiquei com a ideia de que gostam desta matéria, por poderem utilizar a mnemónica EGA, sendo algo que os ajuda nesta classificação. De acordo com Castilho (1851) citado por Azevedo (1993) o uso das mnemónicas permite ao indivíduo reter a informação com maior facilidade e firmeza. Nesta proposta educativa tiveram ainda a oportunidade de entoar poemas, e verifiquei que os alunos estavam com imensa vontade de poder partilhar com a restante turma, o trabalho realizado em casa, dado que tiveram de decorar três pequenos poemas como trabalho de casa no fim-de-semana.

Além disto, também reparei que gostaram muito da exploração do *PowerPoint* sobre os Primeiros Socorros. Foi notório o interesse em participarem no diálogo exploratório, pois estavam sempre a querer contar situações que tinham vivido relacionadas com esta temática e, visualizar todos os utensílios presentes na caixa de primeiros socorros da instituição. Esta situação gerou uma consequente dificuldade da minha parte, mais concretamente, na capacidade de controlar o entusiasmo dos alunos no decorrer da exploração do *PowerPoint*. Hoje em dia, considero que ainda sinto algumas dificuldades em controlar estas situações. Por um lado, quero imenso que os alunos partilhem as suas opiniões mas por outro, não posso deixar que essas partilhas demorem muito tempo, levando a que a atividade se torne muito extensa e consequentemente, impeça a realização de outras tarefas inicialmente planeadas. Foi isso que aconteceu, ou seja, o grupo tinha planeado demorar menos tempo na exploração do *PowerPoint*, de modo a conseguir concretizar o *Jogo da Verdade e Mentira* e no entanto, apenas foi possível jogar 15 minutos. Esta situação gerou alguma tristeza por parte dos alunos, uma vez que eles estavam a gostar de participar neste jogo. Para além disso, também gostava de ter solicitado a alguns alunos que dramatizassem algumas situações de socorrismo, em que tinham a oportunidade de mostrar aquilo que aprenderam durante a aula. No entanto, não houve essa possibilidade, dada a questão do tempo.

Estes aspetos fazem-me refletir mais uma vez que planificar no 1.º Ciclo do Ensino Básico, não é algo estanque nem linear. Todo o processo de planeamento pode vir a ser modificado em prol das necessidades e interesses dos alunos, pois estes são o foco da aula. Como refere Januário (1992) citado por Damas (2012, p. 32) no processo de planificação é essencial pôr em prática um conjunto de conteúdos essenciais ao contexto com que se está a trabalhar, tendo em conta as características das crianças [...]”.

Outra dificuldade que senti durante esta semana cinge-se à atividade de Expressão Musical, realizada no dia 24 de novembro de 2014. Senti que os alunos estavam muito entusiasmados com a atividade e mostraram ser um grupo coeso, na marcação da pulsação e do compasso da canção. No entanto, faltou-me controlar melhor as entradas dos alunos, isto é, deveria ter predefinido melhor quando é que cada grupo deveria iniciar a marcação da pulsação ou a marcação do compasso, uma vez que a turma estava dividida em dois grupos distintos.

Relativamente às restantes propostas, considero que não tive grandes dificuldades, uma vez que consegui cumprir com os objetivos inicialmente propostos para cada atividade, respeitando sempre, os interesses dos alunos no seu processo de ensino-aprendizagem.

Importa ainda referir que no desenrolar da preparação dos conteúdos a abordar na presente semana, senti alguma necessidade em rever alguns conceitos específicos, para uma melhor abordagem dos assuntos, nomeadamente na utilização de alguns utensílios na prestação de um primeiro socorro. Antigamente, para prestar auxílio a uma pessoa que tivesse realizado um corte ou ferida, desinfetava-se essa mesma ferida com álcool ou água oxigenada. Atualmente deparei-me com o facto, de que apenas é permitida a utilização de betadine (líquido ou creme), na desinfeção de qualquer ferida. Outro aspeto que também tive a necessidade de rever foi o facto de, numa hemorragia nasal, a pessoa que está a sofrer essa hemorragia, ter de inclinar a cabeça para trás. Hoje em dia, este procedimento está errado, pois deve-se pelo contrário, inclinar a cabeça ligeiramente para a frente e pressionar as narinas. Portanto, concluo que reformulei algumas ideias com as temáticas que abordei esta semana.

Quanto aos progressos, considero que nestes dois dias de prática me mantive fiel à atuação que tenho vindo a apresentar ultimamente, e não revelei grandes mudanças. Assim sendo, julgo que no decorrer desta semana não apresentei progressos mas também não denegri a minha prestação ao nível da intervenção.

Referências bibliográficas:

Azevedo, M. (1993). *Estratégias de estudo e aprendizagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa – Faculdade de Ciências. Acedido em 1 de dezembro, 2014, em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/mazevedo/materiais/me&tes/aprendiz06estrateg.pdf>

Damas, A. (2012). *Como planificar de acordo com as características e necessidades dos diferentes contextos, nomeadamente no que concerne à heterogeneidade das crianças e dos respetivos grupos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Santarém: Escola Superior de Educação. Acedido em 1 de dezembro, 2014 em

<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1036/1/Andreia%20Sofia%20dos%20Santos%20Damas.pdf>

Vasconcelos, A. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical.

ANEXO II – GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O presente guião de entrevista é aplicado a seis alunos pertencentes a uma turma do 3.º ano de escolaridade, de uma escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, respeitante ao concelho de Leiria. Estes seis alunos são definidos de forma aleatória, sendo que um é determinado para a realização de um pré-teste.

O tema deste estudo cinge-se em perceber quais **as ideias dos alunos sobre o fado**.

Relativamente à questão de partida, pretende-se entender **quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes uma escola de Leiria sobre o fado?**

Os objetivos da implementação deste estudo são:

- Compreender qual a relação das crianças com o fado;
- Conhecer os argumentos que as crianças utilizam para caracterizar o fado;
- Perceber se as crianças alteram as suas ideias, após a vivência das propostas educativas.

Primeiramente são apresentados dois excertos de fado distintos, um referente ao denominado *fado tradicional*, e o outro ao *fado contemporâneo*. Os dois fados escolhidos são respetivamente:

- *Amália Rodrigues – Uma Casa Portuguesa.*
- *Mariza – Chuva.*

As crianças escutam um excerto musical de cada vez e caso estas peçam para escutar de novo os fados, podem fazê-lo. Assim sendo, os alunos escutam primeiro o *fado tradicional*, após o qual é colocado o primeiro conjunto de questões e, de seguida, escutam o *fado contemporâneo* após o qual é repetido esse mesmo conjunto de questões. Terminada a primeira parte da entrevista são colocadas as restantes questões.

1.ª Parte

1. *Já alguma vez ouviste esta música?*
2. *Gostas desta música?*
3. *Conheces alguém que costuma ouvir esta música?*
4. *Sabes que género de música é esta?*

5. *Sobre o que fala esta música?*
6. *Quais são os instrumentos musicais utilizados neste fado?*
7. *O que te fez sentir este fado?*
8. *Sabes quem canta este fado?*

2.ª Parte

9. *Gostaste de escutar estes dois fados? Porquê?*
10. *Achas que os dois fados que escutaste são parecidos? Porquê?*
11. *Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?*
12. *Como se chamam as pessoas que cantam o fado?*
13. *Conheces algum fadista? Qual?*
14. *Sabes como se vestem os fadistas?*
15. *Costumas ouvir fado?*
16. *Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?*
17. *O que achas que é o fado?*

ANEXO III – CATEGORIAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Tema:

- Perceber quais as ideias dos alunos sobre o fado.

Questão de partida:

- Quais as ideias das crianças do 3.º ano de escolaridade pertencentes a uma escola de Leiria sobre o fado?

Objetivos do estudo:

- Compreender qual a relação das crianças com o fado;
- Conhecer os argumentos que as crianças utilizam para caracterizar o fado;
- Perceber se as crianças alteram as suas ideias, após a vivência das propostas educativas.

Blocos temáticos:

Bloco Temático A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado.

Bloco Temático B – Tarefa.

Bloco Temático C – Exemplos/ Experiências.

Bloco Temático D – Finalização.

<i>Blocos Temáticos</i>	<i>Objetivos Específicos</i>	<i>Exemplos de questões a colocar</i>	<i>Ações a desenvolver/ Tópicos</i>
<i>A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</i>	<ul style="list-style-type: none">▪ Legitimar a entrevista;▪ Motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">▪ “Estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?”;▪ “Para me ajudares no trabalho, achas que podes responder a algumas perguntas?”;▪ “Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar, posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem aparecer a	<ul style="list-style-type: none">▪ Criar uma relação de confiança e à vontade com o entrevistado;▪ Informar o participante sobre o tema do estudo e os objetivos pretendidos com esta entrevista;▪ Explicar a importância da sua participação para a implementação deste estudo;▪ Pedir autorização para

		tua cara?”.	gravar a entrevista; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar a confidencialidade da informação prestada pelo entrevistado, no decorrer da entrevista.
B – Tarefa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escutar dois excertos de fado distintos; ▪ Identificar a música que ouve; ▪ Mencionar se gosta da música que ouve; ▪ Nomear quem ouve esta música; ▪ Definir o tema abordado na música; ▪ Mencionar os instrumentos musicais utilizados no fado; ▪ Partilhar o que a música lhe transmite; ▪ Identificar o nome das pessoas que cantam o fado escutado. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Já alguma vez ouviste esta música?”; ▪ “Gostas desta música?”; ▪ “Conheces alguém que costuma ouvir esta música?”; ▪ “Sabes que género de música é esta?”; ▪ “Sobre o que fala esta música?”; ▪ “Quais os instrumentos musicais utilizados neste fado?”; ▪ “O que te fez sentir este fado?”; ▪ “Sabes quem canta este fado?”. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escutar dois excertos de fado distintos, sendo apresentados um de cada vez. ▪ A criança responde às questões colocadas pela investigadora, de modo a: demonstrar o seu gosto musical; associar os excertos musicais ao tipo de pessoas que ouve fado; nomear o género musical escutado; identificar a temática presente na letra da música; referir o que os fados lhe transmitiu; mencionar quem canta os excertos de fado que escutaram; indicar quais são os instrumentos associados a este género musical.
C – Exemplos/ Experiências	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Referir se gostou de escutar os dois fados; ▪ Enumerar as diferenças entre o <i>fado tradicional</i> e o <i>fado contemporâneo</i>; ▪ Descrever as diferenças entre o fado e os outros tipos de música; ▪ Justificar as suas respostas; ▪ Identificar as pessoas que cantam fado; ▪ Referir se conhece 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Gostaste de escutar estes dois fados? Porquê?”; ▪ “Achas que estes dois fados que escutaste são parecidos? Porquê?”; ▪ “Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música? Porquê?”; ▪ “Como se chamam as pessoas que cantam o fado?”; ▪ “Conheces algum fadista? Qual?”; ▪ “Sabes como se vestem os 	O aluno responde às questões colocadas pela investigadora, de forma a: mencionar se gostou dos fados escutados; comparar o fado com outros géneros de música; enumerar as diferenças entre o <i>fado tradicional</i> e o <i>fado contemporâneo</i> ; definir algumas das características inerentes ao fado (quem canta este tipo de música e as suas vestes típicas); nomear as pessoas que cantam o fado, dando um

	<p>algum fadista;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Caracterizar a indumentária fadista; ▪ Mencionar se costuma escutar este género musical; ▪ Indicar um exemplo de uma canção alusiva ao fado; ▪ Explicar o que entende por fado. 	<p>fadistas?";</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ “Costumas ouvir fado?”; ▪ “Conheces algum fado? Queres cantar um pouco?”; ▪ “O que achas que é o fado?”. 	<p>exemplo; referir se costuma ouvir este género de música e do que se trata.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cantar um excerto de um fado que conheça.
<i>D - Finalização</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Demonstrar uma atitude de gratidão e agrado para com a disponibilidade do participante nesta entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade”; ▪ “Gostaste de responder a estas perguntas?”; ▪ “Voltarias a responder?”; ▪ “Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?”. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agradecer pela disponibilidade e auxílio prestado na realização desta entrevista. ▪ Compartilhar com o entrevistado, a informação concedida aquando da realização deste instrumento de recolha de dados.

ANEXO IV – FICHA DE TRABALHO “AMÁLIA RODRIGUES”

Anexo IV - Ficha de Trabalho “Amália Rodrigues”
Escola Básica [REDACTED] – 3.º ano de escolaridade

Nome: _____

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

“Cheira a Lisboa”

“Cheira a Coimbra”

“Cheira a Porto”

“Cheira a Leiria”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina

Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental


Vocal


Instrumental e vocal


1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

1.4. Ordena e cola no espaço que se segue a letra da canção que escutaste.


INSTRUMENTAL 


Quer o destino que eu não creia no destino
E o meu fado é nem ter fado nenhum 
Cantá-lo bem sem sequer o ter sentido
Senti-lo como ninguém, mas não ter sentido algum


Ai que tristeza, esta minha alegria 
Ai que alegria, esta tão grande tristeza
Esperar que um dia eu não espere mais um dia
Por aquele que nunca vem e que aqui esteve presente


Ai que saudade
Que eu tenho de ter saudade
Saudades de ter alguém
Que aqui está e não existe 
Sentir-me triste
Só por me sentir tão bem
E alegre sentir-me bem
Só por eu andar tão triste

INSTRUMENTAL 

Ai se eu pudesse não cantar "ai se eu pudesse"
E lamentasse não ter mais nenhum lamento 
Talvez ouvisse no silêncio que fizesse
Uma voz que fosse minha cantar alguém cá dentro

Ai que desgraça esta sorte que me assiste 
Ai mas que sorte eu viver tão desgraçada
Na incerteza que nada mais certo existe
Além da grande certeza de não estar certa de nada

Ai que saudade
Que eu tenho de ter saudade
Saudades de ter alguém
Que aqui está e não existe 
Sentir-me triste
Só por me sentir tão bem
E alegre sentir-me bem
Só por eu andar tão triste

Ai que saudade
Que eu tenho de ter saudade
Saudades de ter alguém
Que aqui está e não existe 
Sentir-me triste
Só por me sentir tão bem
E alegre sentir-me bem
Só por eu andar tão triste

INSTRUMENTAL 

ANEXO VI – FICHA DE TRABALHO “AMÁLIA E MARIZA”

Anexo VI- Ficha de Trabalho “Amália e Mariza”

Escola Básica [REDACTED] – 3.º ano de escolaridade

Nome: _____

1.- Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.

fado 1

fado contemporâneo

fado 2

fado tradicional

2.- O que aprendi sobre este fado?

3.- O que mais gostei de aprender sobre o fado?

ANEXO VII – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A

Entrevista Semiestruturada A - Aluno A

A presente entrevista foi realizada ao **aluno A** (8 anos, sexo feminino), no dia 6 de outubro de 2014, entre as 10 horas 30 minutos e as 10 horas e 45 minutos. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas, pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o intervalo da manhã são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Eu estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho, achas que me podes responder a algumas perguntas?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que eu te vou colocar, posso gravar a nossa conversa, sem mostrar a tua cara?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu agora vou dar-te a escutar dois excertos de duas músicas e depois vou fazer umas perguntas acerca delas. Sabes o que é um excerto?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- É um bocadinho de uma música. Tá bem? Eu vou pôr a primeira...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não conheces ninguém?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno A- É fado.

Estagiária Investigadora- E sobre o que fala esta música conseguiste perceber?

Aluno A- Ah... Não.

Estagiária Investigadora- Não tens nenhuma ideia? Sobre o que é que falava?

Aluno A- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Estagiária Investigadora- E que instrumentos musicais é que eram utilizados neste fado? Conseguiste perceber?

Aluno A- (Silêncio) Ah...

Estagiária Investigadora- Nenhum?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Nem um? Não te lembras de nenhum?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não.

Estagiária Investigadora- O que é que te fez sentir este fado?

Aluno A- Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Triste... Contente...

Aluno A- Contente...

Estagiária Investigadora- Contente?

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno A- Não...

Estagiária Investigadora- É uma senhora que se chama Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Agora vou pôr o outro excerto.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno A- Já.

Estagiária Investigadora- Já? E gostas desta música?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno A- Não...

Estagiária Investigadora- Não? Ninguém?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno A- É fado!

Estagiária Investigadora- Sobre o que fala esta música?

Aluno A- Ah... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quando estavas a ouvir conseguiste perceber do que é que falava?

Aluno A- Sobre... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, não tenhas medo...

Aluno A- Ah... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Sobre?

Estagiária Investigadora- Não tem mal se estiver errado...

Aluno A- Das emoções...

Estagiária Investigadora- Sobre as emoções?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Só isso?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Quais é que eram os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno A- Uma viola...

Estagiária Investigadora- Uma viola... (Pausa)

Aluno A- Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Mais algum?

Aluno A- Hmm, não...

Estagiária Investigadora- Então e o que é que este fado te fez sentir?

Aluno A- Feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz?

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno A- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- É a Mariza. Chama-se Mariza.

Estagiária Investigadora- Gostaste de ouvir estes dois fados?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Ah... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Porque é que gostaste de ouvir estes dois fados?

Aluno A- Porque, ah... O primeiro nunca tinha ouvido e... já... E agora ouvi... E o segundo porque... já conhecia e gostava... E gosto... de fado.

Estagiária Investigadora- Muito bem. Qual destes fados é que gostaste mais então?

Aluno A- Do segundo.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Porque já conhecia a música.

Estagiária Investigadora- Achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Porque o segundo era mais calmo que o primeiro.

Estagiária Investigadora- Essas são as principais diferenças que tu encontras?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Ah... (Silêncio) Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que achas que o fado tem de diferente dos outros géneros?

Aluno A- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Por exemplo do Rock e do Pop...

Aluno A- Ah, não é tão mexido, é mais calmo.

Estagiária Investigadora- Como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno A- Ah... fa-distas.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fadista?

Aluno A- Hmm... Não.

Estagiária Investigadora- Não? Sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Estagiária Investigadora- Nem assim as cores que eles usam?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Costumas ouvir fado?

Aluno A- Às vezes.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fado?

Aluno A- Conheço.

Estagiária Investigadora- Queres cantar um bocadinho? (Risos)

Aluno A- Ah... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Qual é o fado que conheces?

Aluno A- Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te estás a lembrar?

Aluno A- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- Então, o que achas que é o fado?

Aluno A- Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que tu achas que é o fado?

Aluno A- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Para ti o que é o fado?

Aluno A- É relaxante, para ah... acalmar...

Estagiária Investigadora- É?

Aluno A- É.

Estagiária Investigadora- Mais alguma coisa?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Então obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que voltarias a responder?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- E ficaste contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, obrigada!

Aluno A- De nada.

Entrevista Semiestruturada A - Aluno B

A presente entrevista foi realizada ao **aluno B** (8 anos, sexo feminino), no dia 6 de outubro de 2014, entre as 13 horas 30 minutos e as 13 horas e 45 minutos. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas, pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o período da hora de almoço são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Então, eu estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho, achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar posso gravar a nossa conversa, sem mostrar a tua cara e referir o teu nome?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música e depois vou fazer perguntas acerca delas. Tá bem? Vou pôr agora o primeiro...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Já alguma vez ouviste esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Gostas desta música?

Aluno B- Sim!

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno B- (Silêncio) Acho... (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno B- Fado.

Estagiária Investigadora- Sobre o que é que fala esta música, conseguiste perceber?

Aluno B- (Silêncio) Não consegui perceber muito bem.

Estagiária Investigadora- Não? Mas ficaste com alguma ideia?

Aluno B- Eu percebi a palavra rosa.

Estagiária Investigadora- Rosa? Achas que fala de rosas?

Aluno B- Mais ou menos.

Estagiária Investigadora- Não tens nenhuma ideia? O que é que achas?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Quais é que eram os instrumentos musicais utilizados neste fado? Conseguiste perceber?

Aluno B- (Silêncio) Hmm... (Silêncio) Uma guitarra portuguesa.

Estagiária Investigadora- Uma guitarra portuguesa... Mais algum?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- E o que é que te fez sentir este fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quando escutaste, o que é que ele te fez sentir?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Estavas triste... Contente...

Aluno B- Contente.

Estagiária Investigadora- Fez-te sentir contente?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno B- Não sei o nome.

Estagiária Investigadora- Chama-se Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Então agora vou colocar o outro (pausa) excerto.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno B- Sim, é gira.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno B- Fado.

Estagiária Investigadora- Sobre o que fala esta música? Conseguiste perceber?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Não sabes sobre o que é que fala?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Quais é que foram os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno B- Uma guitarra.

Estagiária Investigadora- Mais algum?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- E este fado o que é que te fez sentir?

Aluno B- Contente também.

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- É a Mariza. É uma senhora chamada Mariza. Já alguma vez ouviste falar?

Aluno B- Acho que não...

Estagiária Investigadora- Então e gostaste de ouvir estes dois fados?

Aluno B- Sim, foram muito giros.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno B- Gostei da música e gostei do som.

Estagiária Investigadora- Qual destes dois fados é que tu gostaste mais?

Aluno B- Do primeiro.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Estagiária Investigadora- Era mais alegre.

Aluno B- Era mais alegre...

Estagiária Investigadora- E achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno B- Não muito...

Estagiária Investigadora- Porque é que dizes que não são muito parecidos?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quais é que são as suas principais diferenças?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Escutaste um, depois escutaste o outro, quais é que foram assim as diferenças que tu notaste?

Aluno B- Não sei explicar.

Estagiária Investigadora- Não sabes? Achas que foi nos instrumentos, nos sons?

Aluno B- Acho que foi mais nos sons.

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê? Porque é que achas que é diferente?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que o fado tem que os outros géneros de música não têm por exemplo?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não faz mal se errares! (Risos) É a tua opinião...

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno B- Fadistas.

Estagiária Investigadora- E conheces algum fadista?

Aluno B- (Silêncio) Hmm... (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes como é que os fadistas se vestem?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Nem assim as cores que eles usam?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Estagiária Investigadora- Costumas ouvir fado?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Aluno B- Não ouço muitas vezes.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fado?

Aluno B- (Silêncio) (Risos) Não costumo ouvir muitas vezes fado, por isso não sei muitas coisas sobre ele.

Estagiária Investigadora- Mas das poucas vezes que ouviste, não te lembras de nenhum assim que tenhas ouvido?

Aluno B- Não...

Estagiária Investigadora- Então, o que achas que é o fado? O que é para ti o fado?

Aluno B- (Silêncio) O fado para mim é... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que tu achas que é?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não tens opinião?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Pronto, ok...

Estagiária Investigadora- Então, obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder às perguntas?

Aluno B- Gostei muito.

Estagiária Investigadora- Voltarias a responder?

Aluno B- Sim! (Risos)

Estagiária Investigadora- E ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno B- Muito.

Estagiária Investigadora- Eu é que agradeço, obrigada!

Entrevista Semiestruturada A - Aluno C

A presente entrevista foi realizada ao **aluno C** (8 anos, sexo masculino), no dia 7 de outubro de 2014, entre as 10 horas 45 minutos e as 11 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o intervalo da manhã são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Então, eu estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno C- Sim!

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho, achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno C- Sim...

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar posso gravar a nossa conversa, sem mostrar a tua cara e referir o teu nome?

Aluno C- Sim...

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música e depois vou fazer-te perguntas acerca delas. Vou colocar então o primeiro excerto... E vais escutar com atenção...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então já alguma vez ouviste esta música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno C- Não...

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno C- Não... Sim!

Estagiária Investigadora- Quem?

Aluno C- A minha avó! A minha bisavó! No lar...

Estagiária Investigadora- No lar?

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno C- (Pausa) Hmm... Fado.

Estagiária Investigadora- É Fado...

Estagiária Investigadora- Sobre o que é que falava esta música, conseguiste perceber?

Aluno C- Portuguesa.

Estagiária Investigadora- Música portuguesa...

Estagiária Investigadora- Falava sobre o quê?

Aluno C- Não sei.

Estagiária Investigadora- Não sabes? Quando disseste portuguesa era o quê?

Aluno C- Portugal!?

Estagiária Investigadora- Fala de Portugal?

Aluno C- Deve ser... Sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- E sabes quais é que são os instrumentos que foram utilizados neste fado?

Aluno C- Ah... Cantar...

Estagiária Investigadora- Não percebi...

Aluno C- Cantar!

Estagiária Investigadora- Cantar? Os instrumentos musicais?

Aluno C- A flauta...

Estagiária Investigadora- A flauta... Mais algum?

Aluno C- (Silêncio) Não.

Estagiária investigadora- Só?

Estagiária Investigadora- E o que é que te fez sentir este fado?

Aluno C- (Silêncio) Estava... Ah... (Pausa) Estava a ver a música num palco.

Estagiária Investigadora- Fez-te sentir que estavas a ouvir a música num palco?

Estagiária Investigadora- E sabes quem é que canta este fado?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Amália Rodrigues. Já ficas a saber uma coisa...

Estagiária Investigadora- Agora vou dar-te a escutar o segundo excerto. (Pausa) Vamos ouvir...

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Quem?

Aluno C- A minha bisavó.

Estagiária Investigadora- A tua bisavó...

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno C- Fado.

Estagiária Investigadora- Fado.

Estagiária Investigadora- E sobre o que é que falava esta música?

Aluno C- (Silêncio) Hmm... Para mim eu acho que... tinha saudades.

Estagiária Investigadora- Falava de saudades? Mais alguma coisa?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Saudades de quê?

Aluno C- De casa.

Estagiária Investigadora- De casa... A pessoa que estava a cantar tinha saudades de casa, era isso?

Estagiária Investigadora- E quais eram os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno C- A flauta transversal...

Estagiária Investigadora- A flauta transversal.

Aluno C- A flauta. E mais nenhum.

Estagiária Investigadora- E mais nenhum?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- E o que te fez sentir este fado?

Aluno C- Tava... tava sozinho em casa e tinha saudades da minha mãe e do meu pai.

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Mariza.

Estagiária Investigadora- Gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno C- (Silêncio) Porque... estava a sentir triste.

Estagiária Investigadora- Gostaste de ouvir porque te sentias triste?

Estagiária Investigadora- E qual destes fados é que tu gostaste mais?

Aluno C- Do segundo.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Estagiária Investigadora- Porque só falava de saudades.

Estagiária Investigadora- Achas que os dois fados que escutaste eram parecidos?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê? Quais é que eram as principais diferenças?

Aluno C- Porque um falava sobre Portugal e o outro falava sobre saudades.

Estagiária Investigadora- E achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno C- Porque...

Estagiária Investigadora- Tira a mão da boca para eu ouvir.

Aluno C- Porque no fado cantam ah... cantam muito alto e nos outros não tão assim a cantar como canta-se o fado.

Estagiária Investigadora- Ok. E como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno C- Uma chama-se Mariza... E outra chama-se...

Estagiária Investigadora- As pessoas no geral...

Aluno C- Mariza!?

Estagiária Investigadora- Mariza? Isso é um exemplo de algum fadista.

Aluno C- Ela chama-se Mariza, é a Mariza.

Estagiária Investigadora- As pessoas que cantam o fado chamam-se fadistas. Tu conheces alguma fadista?

Aluno C- Sim (Risos) Mariza... e... e...

Estagiária Investigadora- E é só?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- E sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno C- Com roupas grandes.

Estagiária Investigadora- Tira a mão da boca para ouvir.

Aluno C- Com roupas grandes!

Estagiária Investigadora- Que tipo de roupas?

Aluno C- Como aquelas roupas como os padres usam, assim grandes... Só que sem serem brancas.

Estagiária Investigadora- E são de que cor?

Aluno C- Algumas são pretas, outras são vermelhas, outras são cor de laranja...

Estagiária Investigadora- E tu costumava ouvir fado?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- E conheces algum fado?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno C- Ai! Não sei! (Risos)

Estagiária Investigadora- Não, não conheces?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Então, o que é que tu achas que é o fado?

Aluno C- Não sei.

Estagiária Investigadora- Não sabes o que é o fado? Não tens nenhuma ideia do que é o fado? O que é para ti o fado?

Aluno C- É uma canção que me faz sentir alegre.

Estagiária Investigadora- É? Só isso?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, já terminámos a nossa entrevista. Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Responde às... ah, gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que voltarias a responder?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares...

Aluno C- Sim...

Estagiária Investigadora- E participares no meu trabalho?

Aluno C- Sim...

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada A - Aluno D

A presente entrevista foi realizada ao **aluno D** (8 anos, sexo feminino), no dia 7 de outubro de 2014, entre as 13 horas e 30 minutos e as 13 horas e 45 minutos. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o período da hora de almoço são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Eu estou a fazer um trabalho para a minha escola e achas que me podes ajudar?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- E enquanto respondes às perguntas que te vou colocar achas que posso gravar a nossa conversa, sem mostrar a tua cara?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música. Dois excertos é um bocadinho de cada música, de duas músicas... Vou dar-te a escutar e depois vou fazer umas perguntas acerca delas. Então agora vou colocar o primeiro excerto a tocar, vamos ouvir... e depois vais tentar responder às perguntas.

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno D- Acho que sim.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno D- Gosto.

Estagiária Investigadora- Onde é que achas que ouviste esta música?

Aluno D- (Silêncio) Em casa da minha avó.

Estagiária Investigadora- Então conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não? Não conheces ninguém que costuma ouvir estas músicas?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não faz mal se errares...

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária investigadora- Que género é que tu achas que é, esta música?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Sobre o que é que esta música falava, conseguiste perceber?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não tenhas medo...

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quando ouviste a música, o que é que achas que a música falava? Falava sobre quê?

Aluno D- Sobre... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Sobre?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não tens ideia?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- E quais eram os instrumentos musicais utilizados neste fado? (Pausa) Conseguiu identificar algum?

Aluno D- Acho que sim...

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária investigadora- Diz, não tenhas medo de errar. (Pausa) Qual é que foi o instrumento que pensas que estava lá neste fado?

Aluno D- Uma guitarra.

Estagiária Investigadora- Uma guitarra... Mais algum?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não... Então e o que é que este fado te fez sentir?

Aluno D- Fez-me sentir feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz? E sabes quem é que canta este fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Amália Rodrigues. Ficas a conhecer.

Estagiária Investigadora- Então agora eu vou colocar o outro excerto para escutares.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não? Sabes que género de música é esta?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- E sobre o que é que falava esta música? Conseguiu perceber quando estavas a escutar? (Pausa) Sobre o que é que falava?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- E algum instrumento, conseguiste identificar algum instrumento neste fado?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno D- Viola e... acho que havia um piano.

Estagiária Investigadora- Viola e um piano... Mais algum?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- O que é que te fez sentir este fado?

Aluno D- Fez-me sentir bem.

Estagiária Investigadora- Bem? Sabes quem é que canta este fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Mariza.

Estagiária Investigadora- Gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno D- Gostei.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno D- Porque fizeram-me sentir mais calma.

Estagiária Investigadora- Qual destes dois fados gostaste mais?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Do primeiro ou do segundo? Ou gostaste dos dois?

Aluno D- Gostei dos dois.

Estagiária Investigadora- Foi? Achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno D- Porque... parece que as senhoras têm quase a mesma voz.

Estagiária Investigadora- Mais alguma coisa?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- São essas as principais diferenças que tu encontras?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com outros géneros de música?

Aluno D- (Silêncio) Sim.

Estagiária Investigadora- Sim? É parecido? Porquê? Porque é que dizes que é parecido (Pausa) com os outros géneros... (Pausa) O que é que tu encontras no fado que também encontras nos outros géneros de música?

Aluno D- (Silêncio) Encontro quase os mesmos instrumentos, às vezes.

Estagiária Investigadora- Que instrumentos?

Aluno D- Tipo: viola, piano, guitarra...

Estagiária Investigadora- Mais algum?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- E sabes como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- São fadistas. Conheces algum fadista?

Aluno D- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- Então sabes como é que eles se vestem?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não tens uma ideia de como é que os fadistas se vestem?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Costumas ouvir fado?

Aluno D- (Silêncio) Acho que sim... acho que às vezes ouço.

Estagiária Investigadora- Porque é que dizes que achas?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Achas que ouves onde? E como?

Aluno D- Acho que ouço... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não tenhas medo de falar...

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Ouves onde?

Aluno D- Às vezes ouço no rádio...

Estagiária Investigadora- No rádio? (Pausa) Com quem?

Aluno D- Com a minha mãe... e com o meu irmão.

Estagiária Investigadora- Em casa, no carro?

Aluno D- Acho que é em casa.

Estagiária Investigadora- Então e conheces algum fado? Lembras-te de algum?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Então, o que é que tu achas que é o fado? (Pausa) O que é o fado para ti?

Aluno D- Para mim o fado é... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, não tenhas medo... para ti, na tua opinião, o que achas que é o fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que tu achas que é?

Aluno D- É... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Sim, diz... Não tenhas medo de errar! (Pausa) É o quê o fado para ti?

Aluno D- Para mim é o que me faz sentir mais feliz.

Estagiária Investigadora- Fado é o que te faz sentir mais feliz? Mais alguma coisa?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Estagiária Investigadora- Então, obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Ah... Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno D- Gostei.

Estagiária Investigadora- E achas que voltavas a responder?

Aluno D- (Pausa) Acho que sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- E ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada A – Aluno E

A presente entrevista foi realizada ao **aluno E** (7 anos, sexo feminino), no dia 7 de outubro de 2014, entre as 13 horas e 45 minutos e as 14 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o período da hora de almoço são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E para me ajudares no trabalho, achas que me podes responder a umas perguntas?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E enquanto respondes às perguntas que eu te vou colocar, posso filmar a nossa conversa, sem mostrar a tua cara?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de duas músicas e depois vou fazer-te perguntas acerca delas. Vou então colocar o primeiro excerto.

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Sabes?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Quando escutaste a música conseguiste perceber sobre o que é que ela fala?

Aluno E- Da primavera... Da alegria... E não me lembro de mais.

Estagiária Investigadora- E... lembraste quais eram os instrumentos musicais utilizados neste fado? Consequiste perceber algum?

Aluno E- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não? E o que é que te fez sentir este fado?

Aluno E- Feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz? E mais alguma coisa?

Aluno E- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Então agora vou colocar o segundo excerto da outra música.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Já alguma vez ouviste esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Conseguiu perceber sobre o que é que fala esta música?

Aluno E- De uma cidade.

Estagiária Investigadora- E mais?

Aluno E- Não sei.

Estagiária Investigadora- Quais é que são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno E- Piano... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Lembras-te de mais algum?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Só o piano?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Então o que te fez sentir este fado?

Aluno E- Um bocadinho de tristeza.

Estagiária Investigadora- Foi?

Estagiária Investigadora- Sabes quem canta este fado?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- É uma senhora chamada Mariza.

Estagiária Investigadora- Gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Porque é que gostaste de escutar estas duas músicas?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Fizeram-te sentir bem?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Foi por isso?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual destes fados é que tu gostaste mais? Do primeiro ou do segundo?

Aluno E- Do segundo.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno E- Porque eu já conhecia a cantora.

Estagiária Investigadora- Já conhecias a Mariza?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Já tinhas escutado canções da Mariza?

Aluno E- Já.

Estagiária Investigadora- Em que momento é que escutaste?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Voltando aos dois fados... Quais é que eram... Achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Quais eram as principais diferenças que tu notaste?

Aluno E- O primeiro tinha mais alegria... (Pausa) O segundo tinha mais tristeza.

Estagiária Investigadora- Foi só?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Não notaste mais nada?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Conheces outros géneros de música? Por exemplo a música clássica, o Rock, o Pop... Achas que o fado é parecido com esses géneros de música?

Aluno E- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Porque é que tu dizes que não?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Qual é que é a principal diferença que o fado tem dos outros géneros?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Não faz mal.

Estagiária Investigadora- Ah... Como é que se chamam as pessoas que cantam o fado? Sabes?

Aluno E- (Silêncio) Fadistas.

Estagiária Investigadora- Fadistas... E conheces algum fadista?

Aluno E- Hmm... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Conheces algum fadista?

Aluno E- (Silêncio) Acho que não.

Estagiária Investigadora- Não? Não te lembras de nenhum?

Aluno E- Hmm, não...

Estagiária Investigadora- Há bocado disseste que conhecias a Mariza?

Aluno E- É a única que eu conheço e mais outra que eu não me lembro do nome.

Estagiária Investigadora- E como é que ela é?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Nem as cores que eles usam?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Costumas ouvir fado?

Aluno E- Às vezes.

Estagiária Investigadora- E costumavas ouvir onde?

Aluno E- Em casa.

Estagiária Investigadora- Com alguém?

Aluno E- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fado?

Aluno E- Conheço, mas não sei o nome.

Estagiária Investigadora- E sabes um bocadinho da letra?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Queres cantar um bocadinho?

Aluno E- (Silêncio) (Risos)

Estagiária Investigadora- Não tenhas vergonha. (Pausa) Eu canto contigo se quiseres...

Aluno E- Ai que saudades que eu tenho de ter saudades... E depois já não sei mais, só sei esta mesma parte.

Estagiária Investigadora- Saudades de ter alguém que aqui está e não existe... É da Ana Moura! Era essa a fadista que te lembravas?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Muito bem. Então, o que achas que é o fado? O que é para ti o fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Na tua opinião, o que é o fado para ti?

Aluno E- É alegria.

Estagiária Investigadora- É alegria?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Mais alguma coisa?

Aluno E- Não me lembro de mais nenhuma.

Estagiária Investigadora- Então, obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E voltarias a responder?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada, então!

ANEXO VIII – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA B

Entrevista Semiestruturada B - Aluno A

A presente entrevista foi realizada ao **aluno A** (8 anos, sexo feminino), no dia 12 de janeiro de 2015, entre as 10 horas e 45 minutos e as 11 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o intervalo da manhã são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Então eu estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Ah, para me ajudares no trabalho achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- E enquanto respondes às perguntas que eu te vou colocar, posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem aparecer a tua cara?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Sim? Então, eu vou dar-te a escutar, em primeiro lugar, dois excertos de músicas, de duas músicas e depois vou fazer-te algumas perguntas acerca delas. Está bem?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Então vou mostrar-te o primeiro excerto...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Gostas desta música?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno A- Fado tradicional.

Estagiária Investigadora- Muito bem. E sobre o que é que fala esta música, conseguiste perceber?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Nenhuma ideia?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Então, quais é que são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno A- A guitarra portuguesa e a viola.

Estagiária Investigadora- E o que é que te fez sentir este fado?

Aluno A- Feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- (Silêncio) Porque é... é alegre este fado.

Estagiária Investigadora- Muito bem. Sabes quem é que canta este fado?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Não fazes assim nenhuma ideia? Quem é que tu achas que canta este fado?

Aluno A- Hmm, Amália?

Estagiária Investigadora- Amália quê?

Aluno A- Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Muito bem. É a Amália Rodrigues e chama-se Uma Casa Portuguesa.

Estagiária Investigadora- Então agora vou dar-te a escutar o outro excerto.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Sim? E gostas desta música?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Onde é que ouviste esta música?

Aluno A- Na rádio.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Tu ouves!

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- E mais? Ouves o rádio porquê? Porque alguém ouve...

Aluno A- Pois...

Estagiária Investigadora- Quem é? Quando escutaste esta música quem é que... estavas sozinha?

Aluno A- Não, tava no carro com a minha mãe.

Estagiária Investigadora- Hmm, então e sabes que género de música é esta?

Aluno A- Fado contemporâneo.

Estagiária Investigadora- E conseguiste perceber o que é que... sobre o que é que fala esta música?

Aluno A- (Silêncio) Fala de... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não tenhas medo...

Aluno A- Da vida... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Da vida? De quem?

Aluno A- Da vida da... fadista.

Estagiária Investigadora- Da vida da fadista. O que é que te leva a dizer isso?

Aluno A- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não consegues explicar?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Então e quais são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno A- A viola... A guitarra portuguesa... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Sim... (Silêncio) Achas que é só ou tem mais algum?

Aluno A- (Silêncio) Hmm, acho que é só.

Estagiária Investigadora- E o que é que te fez sentir este fado?

Aluno A- Fez-me sentir calma.

Estagiária Investigadora- Calma... E mais? Só calma?

Aluno A- E relaxada...

Estagiária Investigadora- Relaxada... Então, sabes quem é que canta este fado?

Aluno A- Mariza.

Estagiária Investigadora- Mariza, muito bem! E chama-se... sabes? O nome?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Chuva.

Estagiária Investigadora- Então e gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- (Silêncio) Porque... um eu não conhecia e agora já conheço e o outro eu conhecia e gosto da música.

Estagiária Investigadora- E qual destes fados gostaste mais?

Aluno A- Do segundo.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- (Silêncio) Hmm, já conhecia a música e já sabia como é que ela era.

Estagiária Investigadora- Muito.

Estagiária Investigadora- Achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Porque num a música é mais... mais alegre e noutra é mais calma.

Estagiária Investigadora- Qual é que é mais alegre e mais calma?

Aluno A- (Silêncio) O fado tradicional é mais alegre.

Estagiária Investigadora- Então as suas principais diferenças são essas, certo? Acabaste de me dizer as tuas, as suas diferenças...

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com os outros géneros musicais?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno A- Porque os fadistas não... vestem-se com roupas... com vestidos longos e pretos e não se vestem normais.

Estagiária Investigadora- É por isso que o fado é diferente dos outros géneros musicais?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Não há mais nenhuma razão, que te lembres?

Aluno A- Têm instrumentos diferentes. Usam outros instrumentos.

Estagiária Investigadora- E é só? Ou há mais alguma coisinha?

Aluno A- Não... É só.

Estagiária Investigadora- Então, sabes como se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Como?

Aluno A- Fadistas.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fadista?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno A- Mariza...

Estagiária Investigadora- Sim...

Aluno A- Amália Rodrigues... Ana Moura... Hmm... E mais ninguém.

Estagiária Investigadora- E um homem? Não te lembras de nenhum?

Aluno A- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Falámos de um homem! Mais do que um... (Pausa) Não te lembras? Ganhou um Grammy... Carlos do Carmo... António Zambujo...

Estagiária Investigadora- Ah... Sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- E então como é que se vestem os fadistas?

Aluno A- Com roupas... As fadistas vestem-se com vestidos longos e pretos e os fadistas vestem-se com um fato.

Estagiária Investigadora- É sempre assim?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Então?

Aluno A- No fado contemporâneo as fadistas já não se vestem com essas roupas, vestem roupas (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Como é que são as roupas das fadistas contem... do fado contemporâneo?

Aluno A- Ah... Já não usam vestidos e...

Estagiária Investigadora- Podem não usar...

Aluno A- Sim, e também já... podem não usar xaile.

Estagiária Investigadora- E as cores? Achas que se vestem sempre da mesma cor?

Aluno A- Não.

Estagiária Investigadora- Então?

Aluno A- Vestem-se com outras cores.

Estagiária Investigadora- Mas qual era a cor... a cor associada aos fadistas, qual é?

Aluno A- Preto.

Estagiária Investigadora- Então quando é que se vestem sempre, normalmente sempre de preto?

Aluno A- No fado tradicional.

Estagiária Investigadora- E quando já começam a optar por outras cores, é no...

Aluno A- No fado contemporâneo.

Estagiária Investigadora- Então, costumavas ouvir fado?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Em que ocasiões?

Aluno A- (Silêncio) Quando estou no carro da minha mãe, às vezes dá fado.

Estagiária Investigadora- Muito bem. Conheces algum fado?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno A- Ah...

Estagiária Investigadora- Queres cantar um pouco?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno A- O Desfado.

Estagiária Investigadora- O Desfado. Queres cantar um pouco?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, força!

Aluno A- Ai que saudade que eu tenho de ter saudade, saudades de ter alguém que aqui está e não existe. Sentir-me triste só por me sentir tão bem, alegre sentir-me bem só por eu andar tão triste.

Estagiária Investigadora- Muito bem! Ah... O que achas que é o fado?

Aluno A- Um género, género de música.

Estagiária Investigadora- É?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Mais alguma coisa?

Aluno A- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Ok. Então, dou por terminada a nossa entrevista. Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade.

Estagiária Investigadora- Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Voltarias a responder?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno A- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada B - Aluno B

A presente entrevista foi realizada ao **aluno B** (8 anos, sexo feminino), no dia 12 de janeiro de 2015, entre as 13 horas e 45 minutos e as 14 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o período da hora de almoço são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Então eu estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho, achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem aparecer a tua cara?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música e depois vou fazer-te algumas perguntas acerca delas. Ok?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Então vou colocar o primeiro excerto...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não??

Aluno B- Acho que não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não conheces ninguém?

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno B- Fado.

Estagiária Investigadora- É o fado... E sobre o que é que fala esta música, conseguiste perceber?

Aluno B- (Silêncio) Hmm, não.

Estagiária Investigadora- Não escutaste a música? O que é que falava a música?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que falava a música?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não conseguiste perceber?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Então quais é que são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno B- A guitarra portuguesa... E a viola.

Estagiária Investigadora- E a viola... Muito bem! Ah... O que te fez sentir este fado?

Aluno B- Feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz... Sabes quem canta este fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quem é que tu achas, das fadistas que tu conheces que canta este fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não faz mal se errares...

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Qual é a tua ideia?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz...

Aluno B- A Amália?

Estagiária Investigadora- A Amália Rodrigues! É verdade! Ah... A música é Uma Casa Portuguesa da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Então agora vou colocar o segundo excerto.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno B- (Silêncio) A mim pareceu-me que sim, mas estou entre sim e não.

Estagiária Investigadora- Lembras-te onde é que ouviste?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não? E gostas desta música?

Aluno B- Sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno B- Fado. (Risos)

Estagiária Investigadora- E sobre o que fala esta música, conseguiste perceber?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Assim uma ideia...

Aluno B- (Silêncio) Não...

Estagiária investigadora- Não tenhas medo...

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Então e quais é que são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno B- A guitarra portuguesa... A viola...

Estagiária Investigadora- Mais algum?

Aluno B- Que eu reparasse não.

Estagiária Investigadora- O que é que te fez sentir este fado?

Aluno B- Feliz também.

Estagiária Investigadora- Também? Igual? O outro é o mesmo sentimento? (Pausa) Que o outro que ouviste anteriormente?

Aluno B- Não, o outro era... mais... alegre assim.

Estagiária Investigadora- E este?

Aluno B- Este é mais... triste!

Estagiária Investigadora- Então e sabes quem é que canta este fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Assim das fadistas... (Pausa) Quem é que tu achas que canta este fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Um nome! Diz um nome que aches... Não faz mal se estiver mal. (Pausa) Quem é que tu achas?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Força!

Aluno B- Hmm... Não... não sei.

Estagiária Investigadora- Não sabes... Então quem canta este fado é a Mariza. E é a Chuva, o tema... A canção tem o título Chuva.

Estagiária Investigadora- Então e gostaste de ouvir estes dois fados?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno B- (Silêncio) Não sei explicar.

Estagiária Investigadora- Porque te faz sentir bem...

Aluno B- Sim, eu sinto.

Estagiária Investigadora- É por isso?

Aluno B- Sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- Então e qual destes fados é que tu gostaste mais?

Aluno B- Do primeiro.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Estagiária Investigadora- Porque era mais alegre.

Estagiária Investigadora- Muito bem. E achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno B- Mais ou menos.

Estagiária Investigadora- Porquê, mais ou menos?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, não tenhas medo... (Pausa) O que é que o primeiro... Quais é que são as principais diferenças?

Aluno B- Um é... tradicional e o outro é, o outro é contemporâneo.

Estagiária Investigadora- E qual é que é o tradicional?

Aluno B- É o primeiro.

Estagiária Investigadora- E o segundo é o quê?

Aluno B- É contem... Ai...

Estagiária Investigadora- Contemporâneo. Então mas tu disseste que achavas que os dois fados eram parecidos. Onde é que eram parecidos? (Pausa) Em que aspetos?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, diz...

Aluno B- Agora acho que não...

Estagiária Investigadora- São diferentes?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Então quais as principais diferenças então, entre um e o outro? Disseste que um era tradicional e o outro era contemporâneo. Mas conseguiste perceber isso porquê?

Aluno B- Porque a Amália Rodrigues já é de outro tempo...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno B- E a Mariza é deste.

Estagiária Investigadora- Mas na música conseguiste perceber algumas diferenças entre eles? (Pausa) Na canção que escutaste? Nas duas aliás... (Pausa) Não deu para perceber as diferenças?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Então achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê? (Pausa) O que é que o fado tem de diferente dos outros géneros de música?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que o fado tem de diferente dos outros géneros?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que caracteriza o fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Consegues lembrar-te? O que é que caracteriza o fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não?

Aluno B- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- Então e como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno B- Fadistas.

Estagiária Investigadora- E conheces algum fadista? (Pausa) Nomes?

Aluno B- A Amália Rodrigues...

Estagiária Investigadora- Mais?

Aluno B- A Mariza... a Ana Moura... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Mais algum? (Pausa) Um homem?

Aluno B- Carlos...

Estagiária Investigadora- Carlos?

Aluno B- Não me lembro do outro. (Risos)

Estagiária Investigadora- Carlos do Carmo. Mais algum?

Aluno B- Não.

Estagiária Investigadora- E sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno B- Vestem-se de preto... agora podem usar... ah... antigamente, só se podia usar vestidos compridos e agora já se pode usar calças e...

Estagiária Investigadora- Quem As mulheres ou os homens?

Aluno B- As mulheres.

Estagiária Investigadora- As mulheres. E mais?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Vestem-se de preto. (Pausa) Disseste antigamente... E agora, qual é a diferença? Qual é a diferença? Antigamente era que fado, que queres dizer?

Aluno B- Tradicional. E agora é contemporâneo.

Estagiária Investigadora- Então e costumam ouvir fado?

Aluno B- Só na escola. (Risos)

Estagiária Investigadora- Só na escola? Nas aulas?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fado?

Aluno B- É o Desfado.

Estagiária Investigadora- E queres cantar um bocadinho?

Aluno B- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- Não? De certeza?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Então o que achas que é o fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que achas que é o fado? Para ti o que é o fado?

Aluno B- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Tivemos que fazer uma pergunta disso não foi? O que é que tu escreveste lá? O que achas que é o fado? O que é que tu aprendeste?

Aluno B- Eu aprendi que há diferentes tipos de fado. O fado tradicional e o fado contemporâneo e... (Silêncio) ah... Se usa... Usam-se sempre os instrumentos: a guitarra portuguesa e a viola.

Estagiária Investigadora- E mais?

Aluno B- Agora os fadistas... Os fadistas usam sempre fatos pretos. Antes só se podiam usar vestidos compridos, agora já podem usar calças as mulheres...

Estagiária Investigadora- E é só preto?

Aluno B- Não, podem ser outras cores...

Estagiária Investigadora- Como por exemplo?

Aluno B- Branco... Azul, vermelho e assim...

Estagiária Investigadora- Então o que é o fado?

Aluno B- (Risos)

Estagiária Investigadora- É um...

Estagiária Investigadora- Para ti o fado é isso? Vários tipos de fado?

Estagiária Investigadora- Então, obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Voltarias a responder?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno B- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada A - Aluno C

A presente entrevista foi realizada ao **aluno C** (8 anos, sexo masculino), no dia 13 de janeiro de 2015, entre as 10 horas e 30 minutos e as 10 horas e 45 minutos. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o intervalo da manhã são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno C- Sim!

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho, achas que me podes responder a algumas perguntas?

Aluno C- Sim!

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem aparecer a tua cara?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música e depois vou fazer-te algumas perguntas acerca das músicas, está bem? Tens que estar atento! Então, aqui está o primeiro excerto.

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então já alguma vez ouviste esta música?

Aluno C- Já.

Estagiária Investigadora- Quando?

Aluno C- Na sala.

Estagiária Investigadora- Na sala? De aula?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Com que professora?

Aluno C- (Risos) Com a professora Liliana.

Estagiária Investigadora- Hmm, não sei se foi bem esta! Mas gostas desta música?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- E conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Quem?

Aluno C- A minha avó.

Estagiária Investigadora- A tua avó?

Aluno C- A minha avó e a minha bisavó, no lar...

Estagiária Investigadora- Hmm, e sabes que género de música é esta?

Aluno C- Fado.

Estagiária Investigadora- Tu costumavas ouvir com elas?

Aluno C- Mais ou menos, de vez em quando.

Estagiária Investigadora- Então, e sobre o que é que fala esta música?

Aluno C- Sobre a casa portuguesa!?

Estagiária Investigadora- Quais são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno C- A guitarra portuguesa, viola... violino...

Estagiária Investigadora- A guitarra portuguesa e a viola! O violino não...

Estagiária Investigadora- O que te fez sentir este fado?

Aluno C- Alegre.

Estagiária Investigadora- Alegre?

Estagiária Investigadora- Sabes quem canta este fado?

Aluno C- Hmm... não.

Estagiária Investigadora- Não fazes nenhuma ideia? Quem é que tu achas que foi?

Aluno C- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Foi a Amália Rodrigues. E... Acertaste! A canção chama-se Uma Casa Portuguesa.

Estagiária Investigadora- Agora vou dar-te a escutar o segundo excerto. Vamos estar atentos!

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Gostas desta música?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Sim? Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Quem?

Aluno C- A minha avó e a minha bisavó.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno C- Fado.

Estagiária Investigadora- Sobre o que fala esta música?

Aluno C- Sobre o que há na terra.

Estagiária Investigadora- Sobre?

Aluno C- O que há na terra.

Estagiária Investigadora- O que há na terra? Como assim?

Aluno C- Ela fala sobre o que há na terra.

Estagiária Investigadora- Hmm, o que há? Objetos ou pessoas?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Quais são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno C- Guitarra portuguesa.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- Viola.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- Hmm. (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Achas que tem mais algum?

Aluno C- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- E este fado, o que te fez sentir?

Aluno C- Feliz.

Estagiária Investigadora- Feliz? Sabes quem é que canta este fado?

Aluno C- Hmm... Amália Rodrigues!?

Estagiária Investigadora- Não. Este é a Mariza. Uma senhora loira, de cabelo curtinho e a canção chama-se Chuva.

Estagiária Investigadora- Gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno C- Porque me senti feliz e alegre.

Estagiária Investigadora- Fizeram-te sentir?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Qual destes fados é que tu gostaste mais?

Aluno C- O da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno C- Porque é mais alegre...

Estagiária Investigadora- Que o segundo?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Só por isso?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que os dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Então? Quais são as principais diferenças?

Aluno C- Um é do fado mais antigo.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno C- O primeiro da Amália Rodrigues. Que é... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras do nome? (Pausa) E o outro?

Aluno C- É mais desta altura.

Estagiária Investigadora- Como é que se chama?

Aluno C- Chuva.

Estagiária Investigadora- Sim, mas queres dizer o tipo de fado não é? Não te lembras?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Então... Mas quais são as principais diferenças que tu encontras entre um fado e o outro?

Aluno C- Um é mais do nosso tempo.

Estagiária Investigadora- Qual?

Aluno C- O segundo, da Mariza.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- E o da Amália Rodrigues é mais (Pausa) de... mais antigo.

Estagiária Investigadora- Sim, mas que diferenças é que tu encontras num e noutra para dizer que um é mais antigo e que o outro é de agora...

Aluno C- Porque um... um canta-se muito mais... com um bocado de mais instrumentos.

Estagiária Investigadora- Sim, qual?

Aluno C- O da Mariza.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- E o da Amália Rodrigues tem muito menos instrumentos.

Estagiária Investigadora- E é só essas diferenças?

Aluno C- As que eu sei sim!

Estagiária Investigadora- Muito bem. Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Então, porquê? O que é que o fado tem de diferente dos outros géneros?

Aluno C- Porque o fado ah...ah... canta-se mais, dizem-se mais as palavras muito mais tempo... e os outros cantam, ah... nos outros as músicas são quase todas inglesas...

Estagiária Investigadora- Os outros? E mais? Então estás a dizer que o fado é o quê?

Aluno C- É um género musical.

Estagiária Investigadora- E mais? Consegues dizer mais?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Então como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno C- Fadistas.

Estagiária Investigadora- E conheces algum fadista?

Aluno C- Mariza... (Silêncio) Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- O que é que demos mais nas aulas?

Aluno C- Ah... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, diz...

Aluno C- Foi um João... (Silêncio) Já não me lembro...

Estagiária Investigadora- Mais mulheres, não consegues? Só a Amália Rodrigues e a Mariza?

Aluno C- Que eu me lembre sim...

Estagiária Investigadora- E homens, não? Não te lembras?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Ah, sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno C- Com... com roupas largas, longas, vestidos pretos com xaile. Hmm... mais nada.

Estagiária Investigadora- E é sempre com vestido preto e xaile?

Aluno C- Não, não!

Estagiária Investigadora- Então? Tira a mão da boca para se ouvir.

Aluno C- Às vezes não têm xaile...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- E não têm vestidos longos. E têm... podem ter outras cores.

Estagiária Investigadora- E quando é que isso acontece?

Aluno C- Quando é mais nesta altura.

Estagiária Investigadora- É no fado contemporâneo, não é? E há o fado tra-...

Aluno C- -dicional.

Estagiária Investigadora- Ah, costumavas ouvir fado?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Em que ocasião?

Aluno C- De vez em quando.

Estagiária Investigadora- Mas onde?

Aluno C- Em casa da minha avó.

Estagiária Investigadora- Só?

Aluno C- E no lar da minha avó.

Estagiária Investigadora- Só?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- E conheces algum fado?

Aluno C- A Chuva.

Estagiária Investigadora- A Chuva... Mais?

Aluno C- A Casa Portuguesa (Pausa) E mais nenhum.

Estagiária Investigadora- Nenhum da aula? Lembras-te o que é que demos nas aulas?

Aluno C- Lembro, só que já não me lembro bem do nome.

Estagiária Investigadora- Então e queres cantar um pouquinho dessas que disseste agora, que mencionaste?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Então, o que achas que é o fado?

Aluno C- (Silêncio) Fado é um género musical...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- Que é muito alegre...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno C- Faz-me sentir feliz. (Pausa) E mais nada.

Estagiária Investigadora- Só faz sentir feliz?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- É um género musical que te faz sentir feliz...

Aluno C- Hmm, hmm.

Estagiária Investigadora- Mais alguma coisa?

Aluno C- Não.

Estagiária Investigadora- Ok. Então, ah... dou por terminada a entrevista. Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Voltarias a responder?

Aluno C- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno C- Muito, sim!

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada B - Aluno D

A presente entrevista foi realizada ao **aluno D** (8 anos, sexo feminino), no dia 13 de janeiro de 2015, entre as 10 horas e 45 minutos e as 11 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o intervalo da manhã são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Então, eu estou a fazer um trabalho para a minha escola e achas que me podes ajudar?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Para me ajudares no trabalho achas que me podes responder a algumas perguntas?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes às perguntas que te vou colocar posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem mostrar a tua cara?

Aluno D- (O aluno responde de um modo não audível)

Estagiária Investigadora- Diz?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Sim? Tens de falar um bocadinho mais alto, tá bem? Pode ser?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de duas músicas. Depois vou fazer-te algumas questões acerca delas. Pode ser?

Aluno D- Pode.

Estagiária Investigadora- Então, este é o primeiro excerto. Vamos ouvir...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não, nunca?

Aluno D- (Silêncio) Só uma vez.

Estagiária Investigadora- Uma vez? Quando e onde?

Aluno D- No carro.

Estagiária Investigadora- No carro? E gostas desta música?

Aluno D- Gosto.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno D- A minha mãe.

Estagiária Investigadora- A tua mãe? Tu ouves com ela?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não sabes que género?

Aluno D- Não.

Estagiária investigadora- Sobre o que fala esta música?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, não tenhas medo...

Aluno D- Não me lembro.

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Ah, e não te lembras dos instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno D- Lembro-me.

Estagiária Investigadora- Quais são?

Aluno D- A guitarra portuguesa.

Estagiária Investigadora- Muito bem.

Aluno D- E a viola.

Estagiária Investigadora- E a viola... Só?

Aluno D- Não. Não me lembro dos outros.

Estagiária Investigadora- Então o que te fez sentir este fado?

Aluno D- (Silêncio) Alegre.

Estagiária Investigadora- Alegre?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quem canta este fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária investigadora- Aluno D- Não tenhas medo!

Aluno D- Acho que é a Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- É a Amália Rodrigues, muito bem! E a canção chama-se Uma Casa Portuguesa.

Estagiária Investigadora- Então agora vou dar-te a escutar o outro excerto de música.

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então e esta música, já alguma vez ouviste?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- E gostas desta música?

Aluno D- Gosto.

Estagiária Investigadora- Gostas? Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não sabes que género é?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Sobre o que é que falava esta música?

Aluno D- Sobre uma cidade.

Estagiária Investigadora- Sobre uma cidade...

Aluno D- Alegria.

Estagiária Investigadora- Alegria...

Aluno D- Não me lembro.

Estagiária Investigadora- Quais são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quais são aqueles que estão sempre?

Aluno D- A guitarra portuguesa e a viola.

Estagiária Investigadora- E achas que tem mais algum? (Pausa) Para além destes dois...

Aluno D- Acho que sim, mas não sei qual...

Estagiária Investigadora- Ah, o que é que te fez sentir este fado?

Aluno D- Um bocadinho triste e um bocadinho contente.

Estagiária Investigadora- Um bocadinho triste e um bocadinho contente?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quem canta este fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- É a Mariza. Já ouviste falar?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Falámos nas aulas.

Aluno D- Estava a pensar nela...

Estagiária Investigadora- E a canção chama-se Chuva.

Estagiária Investigadora- Ah, gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno D- Gostei.

Estagiária Investigadora- Porque é que gostaste?

Aluno D- (Silêncio) Porque me fez sentir um bocadinho alegre.

Estagiária Investigadora- E qual destes fados é que tu gostaste mais de escutar?

Aluno D- O da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno D- Porque é mais alegre.

Estagiária Investigadora- E achas que estes dois fados que escutaste são parecidos?

Aluno D- (Silêncio) Não.

Estagiária Investigadora- Não? Porque é que dizes que não são parecidos? Quais as suas principais diferenças? (Pausa) Entre um fado e o outro...

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Disseste que não são parecidos, então? São diferentes, não é? Porque é que dizes que são diferentes?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que te leva a dizer que são diferentes?

Aluno D- (Silêncio) Porque...

Estagiária Investigadora- Sim, não tenhas medo... (Risos) Porque?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Qual é a principal diferença que tu encontras entre um e outro? Ouviste o primeiro, ouviste o segundo. (Pausa) O que é que achas de diferente?

Aluno D- Que um tinha mais instrumentos do que o outro...

Estagiária Investigadora- Qual é que tinha mais?

Aluno D- Da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Tinha mais instrumentos? E mais?

Aluno D- Um é mais alegre que o outro.

Estagiária Investigadora- Qual é que era mais alegre?

Aluno D- O da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- E mais?

Aluno D- (Silêncio) Mais nada.

Estagiária Investigadora- Então achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Então o que é que o fado tem que os outros géneros não têm?

Aluno D- Usam xaile...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Quem é que usa o xaile?

Aluno D- Os fadistas.

Estagiária Investigadora- E mais? É essa a principal diferença do fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Mais?

Aluno D- Tem a guitarra portuguesa e a viola e nas músicas normais não aparecem.

Estagiária Investigadora- Pode não aparecer não é? E mais? Consegues dizer (Pausa) outras diferenças?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é que o fado tem mais que os outros géneros musicais não têm...

Aluno D- Mais instrumentos...

Estagiária Investigadora- Tem mais instrumentos o fado?

Aluno D- Acho que sim.

Estagiária Investigadora- Que instrumentos?

Aluno D- Os bombos...

Estagiária Investigadora- Então o fado tem a guitarra portuguesa, a viola, como disseste e ainda tem bombos? E mais?

Estagiária Investigadora- É em todo o tipo de fado que tem bombos?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Então? Qual é o tipo de fado que tem bombos?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- No fado contemporâneo, não é? Lembras-te do nome do outro?

Aluno D- Tradicional.

Estagiária Investigadora- Fado tradicional... E agora se eu te pedisse consegues distinguir? Se são os dois fados tradicionais ou fados contemporâneos?

Aluno D- O da Amália Rodrigues é contemporâneo e o da Mariza é tradicional.

Estagiária Investigadora- É ao contrário.

Aluno D- (Risos)

Estagiária Investigadora- Então e como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno D- Fadistas.

Estagiária Investigadora- Fadistas! E tu conheces algum fadista?

Aluno D- Já vi na televisão um, que acho que se chamava António ou qualquer coisa...

Estagiária Investigadora- António, sim há um! António Zambujo era?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- E mais? E estas senhoras?

Aluno D- Amália Rodrigues... Ana Moura e Mariza.

Estagiária Investigadora- Muito bem. E conheces mais algum? (Pausa) Um senhor, não? E uma senhora?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Ah... sabes como se vestem os fadistas?

Aluno D- Com vestido preto, com xaile...

Estagiária Investigadora- Vestem-se sempre assim?

Aluno D- Não, às vezes é vestidos vermelhos...

Estagiária Investigadora- E quando é que isso varia? (Pausa) Quando é que as fadistas usam vestidos vermelhos? (Pausa) É em que fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- É mais no fado contemporâneo! Então a cor que está mais associada aos fadistas é?

Aluno D- Preto.

Estagiária Investigadora- Costumas ouvir fado?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Conheces algum fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Lembras-te de algum?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Que ouvimos na aula....

Aluno D- (Silêncio) Cheira a Lisboa....

Estagiária Investigadora- Cheira a Lisboa... De quem era?

Aluno D- Da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- E mais?

Aluno D- Barco Negro...

Estagiária Investigadora- Barco Negro... De quem é?

Aluno D- Da Mariza e...

Estagiária Investigadora- Da Mariza...

Aluno D- E da Amália Rodrigues.

Estagiária Investigadora- Que interpretaram, viste um vídeo...

Aluno D- E o Desfado.

Estagiária Investigadora- De quem?

Aluno D- Da Ana Moura.

Estagiária Investigadora- Muito bem. E queres cantar um bocadinho de alguma delas?

Aluno D- Não.

Estagiária Investigadora- Não? De certeza?

Aluno D- De certeza.

Estagiária Investigadora- Então, o que achas que é o fado?

Aluno D- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que é o fado para ti?

Aluno D- São canções que me fazem sentir bem, alegre e isso.

Estagiária Investigadora- É para ti o fado?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Muito bem, então dou por terminada a nossa entrevista. Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno D- Gostei.

Estagiária Investigadora- E voltarias a responder?

Aluno D- Sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno D- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada!

Entrevista Semiestruturada B – Aluno E

A presente entrevista foi realizada ao **aluno E** (7 anos, sexo feminino), no dia 13 de janeiro de 2015, entre as 13 horas e 45 minutos e as 14 horas. Esta entrevista desenrolou-se numa das salas pertencentes à escola onde foi implementado o estudo e o ambiente era calmo. No entanto, como decorreu durante o período da hora de almoço são audíveis alguns ruídos de fundo. Importa acrescentar que, para o seu sucesso, a investigadora tentou estabelecer um clima de proximidade e confiança.

Estagiária Investigadora- Estou a fazer um trabalho para a minha escola, achas que me podes ajudar?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E para me ajudares no trabalho, achas que podes responder a algumas perguntas?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Enquanto respondes a estas perguntas que te vou colocar, posso gravar a nossa conversa, sem referir o teu nome e sem aparecer a tua cara?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Então, eu vou dar-te a escutar dois excertos de música e depois vou-te fazer algumas perguntas acerca delas. Está bem?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Então vamos começar pelo primeiro excerto. Vamos escutar...

(Audição do primeiro excerto musical intitulado Uma Casa Portuguesa, de Amália Rodrigues)

Estagiária Investigadora- Então, já alguma vez ouviste esta música?

Aluno E- Acho que sim.

Estagiária Investigadora- Em que ocasião? Recordas-te?

Aluno E- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- Não? E gostas desta música?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Não? Ninguém? Sabes que género de música é esta?

Aluno E- (Silêncio) Fado.

Estagiária Investigadora- É o fado. Conseguiste perceber sobre o que fala esta música?

Aluno E- Uma casa portuguesa.

Estagiária Investigadora- É verdade... E quais é que são os instrumentos musicais utilizados neste fado?

Aluno E- Viola.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno E- A guitarra.

Estagiária Investigadora- Sim. Achas que é só ou tem mais algum?

Aluno E- Não sei.

Estagiária Investigadora- Mas esses tem, certo?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Verdade.

Estagiária Investigadora- Então o que é que te fez sentir este fado?

Aluno E- Alegria.

Estagiária Investigadora- Sentiste-te alegre?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quem é que canta este fado?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Não tens nenhuma ideia?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- É a Amália Rodrigues e chama-se Uma Casa Portuguesa, como tu disseste.

Estagiária Investigadora- Muito bem! Então agora vou dar-te a escutar o segundo excerto. Vamos ouvir...

(Audição do segundo excerto musical intitulado Chuva, de Mariza)

Estagiária Investigadora- Então, e já alguma vez ouviste esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Nunca? Gostas desta música?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E conheces alguém que costuma ouvir esta música?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Sabes que género de música é esta?

Aluno E- Fado.

Estagiária Investigadora- É o fado... Conseguiste perceber sobre o que é que fala esta música?

Aluno E- Saudades.

Estagiária Investigadora- Sobre as saudades? O que te leva a dizer isso?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não consegues explicar?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então e nesta música... Quais é que são os instrumentos musicais (Pausa) utilizados neste fado?

Aluno E- Piano...

Estagiária Investigadora- Piano... E é só?

Aluno E- Guitarra. (Silêncio)

Estagiária Investigadora- E mais?

Aluno E- (Silêncio) Viola.

Estagiária Investigadora- Viola, muito bem.

Estagiária Investigadora- Achas que tem mais algum?

Aluno E- Não sei.

Estagiária Investigadora- Ok... Então o que é que te fez sentir este fado?

Aluno E- Mais triste.

Estagiária Investigadora- Do que o outro?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quem canta este fado?

Aluno E- Quem?

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno E- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- É a Mariza. E o tema, ah... o título da canção é Chuva.

Estagiária Investigadora- Então, gostaste de escutar estes dois fados?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Porque é que gostaste de ouvir?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Já disseste um pouquinho, há pouco não? (Pausa) Porquê?

Estagiária Investigadora- Gostaste de ouvir, certo?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E porquê?

Aluno E- (Silêncio) (Risos)

Estagiária Investigadora- Consegues explicar?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então e qual destes fados é que tu gostaste mais?

Aluno E- Do primeiro.

Estagiária Investigadora- Porquê? Porque é que gostaste mais do primeiro do que do segundo fado?

Aluno E- Era mais alegre.

Estagiária Investigadora- É por ser mais alegre...

Estagiária Investigadora- E achas que os dois fados que nós escutámos são parecidos?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Porquê?

Aluno E- Um é mais alegre e o outro é mais triste.

Estagiária Investigadora- São as principais diferenças que tu encontras?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Achas que o fado é parecido com os outros géneros de música?

Aluno E- (Silêncio) Às vezes sim, mas outras vezes não.

Estagiária Investigadora- Então, porquê umas vezes sim e outras não?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Diz, não tenhas medo... (Risos) Porque é que achas que às vezes o fado é parecido com os outros géneros?

Aluno E- Porque às vezes é muito calmo e parece... outra música, não parece fado.

Estagiária Investigadora- E achas que tem alguma característica que o faça ser assim parecido com os outros géneros?

Aluno E- Não sei.

Estagiária Investigadora- Não sabes... Então, achas, ah... Como é que se chamam as pessoas que cantam o fado?

Aluno E- Fadistas.

Estagiária Investigadora- Fadistas... E tu conheces algum fadista?

Aluno E- (Silêncio) A Mariza...

Estagiária Investigadora- A Mariza.

Aluno E- A Amália Rodrigues...

Estagiária Investigadora- A Amália Rodrigues.

Aluno E- A Ana Moura...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Mais algum?

Aluno E- Não me lembro.

Estagiária Investigadora- Nenhum homem? Não te lembras de nenhum homem?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Lembras-te de termos falado na aula de um senhor? Assim mais velho... Que ganhou um Grammy, um prémio muito importante na música... (Pausa) Não te lembras?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Lembras-te?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não?

Aluno E- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- E lembras-te ah... de um senhor que estava a tocar cavaquinho... também vimos um vídeo, lembras-te?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então, há o Carlos do Carmo, o António Zambujo. Lembras-te?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Então e sabes como é que se vestem os fadistas?

Aluno E- Com... xaile.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno E- Com vestido.

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno E- Calças ou camisolas.

Estagiária Investigadora- Achas que se vestem todos da mesma cor?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então?

Aluno E- Uns vestem vermelho, outros vestem azul, outros vestem preto.

Estagiária Investigadora- Mas há uma cor característica dos fadistas?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Ou não?

Aluno E- Não sei.

Estagiária Investigadora- Não sabes?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Ah, costumavas ouvir fado?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Em que ocasião? Onde é que ouves fado?

Aluno E- Costumo ouvir no meu mp3.

Estagiária Investigadora- Muito bem! E tens fado lá?

Aluno E- Sim. (Risos)

Estagiária Investigadora- Que músicas é que tens?

Aluno E- Tenho só uma.

Estagiária Investigadora- Qual é?

Aluno E- A da Ana Moura.

Estagiária Investigadora- Como é que se chama? Lembras-te do nome?

Aluno E- Desfado.

Estagiária Investigadora- Desfado, muito bem!

Estagiária Investigadora- Então e conheces algum fado?

Aluno E- O Desfado.

Estagiária Investigadora- Sim... E mais?

Aluno E- Cheira Bem, Cheira a Lisboa...

Estagiária Investigadora- Sim.

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Conheces mais algum?

Aluno E- (Silêncio) Há um que eu não sei se é...

Estagiária Investigadora- Sim, diz...

Aluno E- Que é: O Tempo Não Para

Estagiária Investigadora- Sim, também. De quem é esse?

Aluno E- Da Mariza.

Estagiária Investigadora- Muito bem! Também é fado!

Estagiária Investigadora- E esse fado pertence... Há quantos tipos de fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Falámos nos tipos de fado não foi?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Sabes quantos tipos de fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não te lembras?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então e queres cantar um pouquinho?

Aluno E- Não. (Risos)

Estagiária Investigadora- De um fado... Só um bocadinho... Da outra vez cantaste!

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não queres?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então o que achas que é o fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- O que achas que é o fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não tenhas medo... (Risos) O que é que tu achas que é?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Não consegues dizer? Só um bocadinho...

Estagiária Investigadora- O que é que é para ti o fado?

Aluno E- Alegria... Tristeza... (Silêncio)

Estagiária Investigadora- E mais? (Pausa) É só isso o fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Retrata a alegria e a tristeza, é isso?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- E mais? Quando tu te lembras de fado, o que é para ti o fado?

Aluno E- (Silêncio)

Estagiária Investigadora- Consegues?

Aluno E- Não.

Estagiária Investigadora- Então, ah... Acabámos a nossa entrevista. Obrigada pela tua ajuda e disponibilidade. Gostaste de responder a estas perguntas?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Voltarias a responder?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Ficas contente por me ajudares e participares no meu trabalho?

Aluno E- Sim.

Estagiária Investigadora- Obrigada!

ANEXO IX – 1.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE AUDIÇÃO MUSICAL

Atividade de Audição Musical – 13 de outubro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Timbre - Altura - Género musical - fado <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção sonora e musical <p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente e visualmente os instrumentos musicais utilizados em diferentes épocas, estilos e culturas musicais. - Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha; 	<ul style="list-style-type: none"> - A estagiária investigadora começa por mencionar aos alunos que ao longo do período letivo, a turma vai realizar um conjunto de atividades inerentes ao domínio da música, mais concretamente ao fado. Explica ainda, que as atividades que vão desempenhar vão ser utilizadas para um trabalho escolar da própria investigadora. Neste sentido, a estagiária conversa com as crianças sobre algumas regras que devem respeitar no desenrolar das propostas educativas, entre as quais: permanecer em silêncio, escutar atentamente as obras apresentadas bem como respeitar as ordens da estagiária. Além disso, refere que no decorrer das sequências didáticas apresentadas as crianças têm a oportunidade de partilhar e discutir as suas ideias mas apenas o podem fazer, quando dada a sua permissão. - Após esta conversa, a estagiária menciona aos alunos que vão escutar uma canção nomeada “Cheira a Lisboa”, sem acrescentar qualquer tipo de informação. - Com recurso ao computador e a umas colunas a estagiária investigadora coloca a música a tocar, através de: https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1. - De seguida, a mesma estabelece um diálogo com as crianças, no qual surgem perguntas como: <i>Já conheciam a canção que escutaram? Onde a conheceram? Conhecem a pessoa que interpreta esta canção? (Amália Rodrigues) É uma voz masculina ou feminina? (Voz feminina) Vamos escutar de novo a canção e tentar identificar os instrumentos musicais utilizados. Conseguiram identificar alguns? Se sim, quais foram? (Guitarra Portuguesa e Guitarra Clássica ou Viola) A que género musical pertence esta canção? (Fado)</i> - No final do diálogo a estagiária menciona quem é o autor(a) da letra (<i>Amália Rodrigues</i>), o compositor (<i>Carlos Dias e César de Oliveira</i>) e em que ano foi editada (<i>1972</i>). 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 18 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Canção “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues; - PowerPoint; - Material de escrita; - 18 Fichas de trabalho “Amália Rodrigues” (Anexo IV). 	50’

	<p>- Identifica estilos, épocas e culturas musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem.</p>	<p>- Após este diálogo, a investigadora apresenta um <i>PowerPoint</i> no qual mostra imagens do autor da letra, da pessoa que canta este fado, refere a sua data de nascimento e de morte. – Dá a escutar excertos de outras obras da intérprete (<i>Amália Rodrigues</i>), bem como de outros fadistas (<i>Carlos do Carmo</i>) dando destaque para a maneira como se vestem e interpretam a canção, revelando a sua importância no fado. Além disso, chama a atenção para os instrumentos musicais (<i>guitarra portuguesa e viola</i>) utilizados nos fados apresentados, mostrando algumas imagens e vídeos. Revela ainda alguns nomes de guitarristas que foram constituídos como marca fulcral dentro deste género de música (<i>Carlos Paredes</i>).</p> <p>- Terminada a visualização do <i>PowerPoint</i>, a estagiária propõe aos alunos que escutem de novo a obra “Cheira a Lisboa”.</p> <p>- Depois de terem escutado a canção de forma silenciosa e atenta, a estagiária investigadora procede à distribuição da ficha de trabalho “Amália Rodrigues” (Anexo I), relacionada com o fado escutado e os conteúdos discutidos no <i>PowerPoint</i> e solicita aos alunos que a concretizem de forma individual.</p> <p>- Durante a realização da tarefa a estagiária circula pela sala de aula, de modo a orientar a atividade que está a decorrer.</p> <p>- Quando terminada a atividade educativa sugerida, a investigadora propõe aos alunos que partilhem as suas respostas em grande grupo, de maneira a relembrar os conteúdos abordados ao longo da atividade.</p> <p>- No final, a investigadora questiona os alunos se gostaram das atividades realizadas, refletindo com eles quais foram as suas principais dificuldades e aprendizagens no decorrer das mesmas.</p>		
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p>Sites:</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=uFgctURyGp4&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=F--CTfG4Tpo&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=9desdI7D7dI&list=PLE1BE25057F8CC866&index=4&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=V66wB4aomvI.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=uJriTVPFY6U&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=8omR7jCw89I&hd=1.</p> <p>Consultado a 8 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=kOytxlE6jPM&hd=1.</p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em http://www.museudofado.pt/.</p>			

ANEXO X – 1.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO MUSICAL

Atividade de Interpretação Musical – 27 de outubro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ritmo - Altura - Género musical - fado <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perceção sonora e musical <p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente o género musical. - Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha; - Identifica estilos, épocas e culturas 	<p>A estagiária investigadora inicia a aula com um diálogo, com o objetivo de resumir e rever a última atividade de música realizada com a turma. Durante esta conversa, a estagiária coloca algumas questões: <i>Lembram-se do nome da canção que escutámos na aula anterior? (“Cheira a Lisboa”) Quem era o seu intérprete? (Amália Rodrigues) A que género musical pertence? (Fado)</i> Após este diálogo, com recurso ao computador e a umas colunas, a estagiária coloca a canção “Cheira a Lisboa” a tocar duas vezes, para que as crianças se recordem da música e da letra. Através de: https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1.</p> <p>Depois de escutarem o fado, a estagiária questiona os alunos sobre a canção: <i>Lembram-se quem escreveu a letra da canção? Como se chamava? (Amália Rodrigues) Sabem sobre o que fala este fado? Se sim, qual é o seu tema? (Cidade de Lisboa)</i> Aproveitando para explicar aos alunos que as letras deste género musical podem retratar diferentes temáticas como o <i>amor</i>, a <i>saudade</i>, a <i>despedida</i>, a <i>tristeza</i>, entre muitos outros.</p> <p>Terminada esta explicação, a investigadora procede à distribuição da letra da canção (Anexo I), de modo a que as crianças tenham o seu registo escrito e volta a colocar questões como: <i>A letra da canção encontra-se escrita em prosa ou em verso? (Verso) Conseguem identificar diferentes partes na canção? Se sim, quantas? (Três Partes) Sabem como se chama cada uma das partes?</i> Neste momento, a estagiária aproveita para esclarecer que a música se divide em três partes, nomeadamente verso, parte instrumental e refrão, auxiliando os alunos, na sua identificação. Para tal, a investigadora coloca a música a tocar e solicita aos alunos que levantem o braço, sempre que achem que se inicia uma nova parte da canção. Primeiramente sozinhos e mais tarde, como forma de correção, a estagiária realiza-o com os alunos.</p> <p>De seguida, é proposto às crianças que leiam a letra da canção, de forma individual e silenciosa. Posteriormente, a estagiária lê em voz alta para todo o</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 18 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Canção “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues; - 18 Folhas com a letra da canção “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues. 	50’

<p>- Interpretação e comunicação</p>	<p>musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recolhe informação sobre processos vários de criação e interpretação de diferentes tipos de música. - Canta individualmente e em grupo, canções e melodias de diferentes épocas, estilos e culturas musicais utilizando a memória e a leitura; - Comenta audições de música gravada e ao vivo de acordo com os conceitos adquiridos e códigos e convenções que conhece; - Apresenta e interpreta publicamente, na escola, obras vocais e instrumentais. 	<p>grupo e por fim, esta leitura é feita em conjunto (estagiária e alunos) em voz alta, e de acordo com o ritmo da letra da canção.</p> <p>A estagiária propõe aos alunos que interpretem a canção, vocalmente, especificando que deve ser somente a parte do refrão. Para tal, esta coloca a tocar unicamente o refrão para que as crianças se apropriem deste.</p> <p>Após identificarem e reconhecerem sem qualquer dificuldade o refrão da canção, os alunos procedem à sua interpretação, cantando, sendo que: primeiramente é realizada com o auxílio da estagiária e de um registo áudio; posteriormente é ainda interpretada com o auxílio da estagiária, mas já sem o registo áudio em <i>background</i> e por fim, quando já estiverem preparados procedem à sua interpretação sem qualquer auxílio.</p> <p>Se a investigadora considerar possível poderá dividir a turma em dois grupos, nomeadamente o grupo das raparigas e o grupo dos rapazes e solicitar-lhes que interpretem o refrão de forma alternada, isto é, primeiro o grupo das raparigas e depois o dos rapazes e/ou vice-versa.</p> <p>Quando finalizada a atividade, a estagiária menciona aos alunos que podem levar a folha com a letra da canção para casa e treinarem a sua interpretação, caso o desejarem.</p>		
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p><u>Sites:</u></p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1.</p>			

ANEXO XI – 1.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL

Atividade de Interpretação Musical – 10 de novembro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Altura - Timbre - Forma <p>- Género musical - fado</p> <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção sonora e musical <p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente o género musical. - Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha. 	<ul style="list-style-type: none"> - A investigadora inicia a aula de música, realizando um breve resumo das aulas anteriores. Neste sentido, questiona as crianças sobre as atividades realizadas em torno da canção trabalhada nas últimas aulas (nome da canção abordada, autor da letra, intérprete, género musical e interpretação vocal do refrão). De forma a dar continuidade ao trabalho realizado, a estagiária propõe aos alunos a concretização de uma atividade de criação, recorrendo à mesma canção que foi utilizada nas aulas anteriores, mais concretamente, o tema “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues. - Neste sentido, a estagiária solicita aos alunos para pegarem na folha com a letra da canção que foi distribuída na atividade anterior. - Recorre ao computador e a umas colunas e coloca a canção a tocar, de maneira a que as crianças relembrem a sua melodia e letra. Através de: https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1. - De seguida, a estagiária explora a letra da canção com as crianças e coloca as seguintes questões para todo o grupo: <i>Lembram-se em quantas partes diferentes se divide a letra da canção? Se sim, quais? (Três partes – instrumental, refrão e verso) Lembram-se onde se encontra o refrão da canção? Se sim, indica onde. Por quantas frases é composto o refrão? (8 frases) O que observam em cada frase? Existem rimas? (Sim - 4 rimas) Por quantas sílabas é constituído cada verso? (12-9-10-9-11-10-10-12)</i> - Depois de colocadas as questões, a professora estagiária sugere a criação de uma nova letra para o refrão da canção, sendo esta realizada em grupos 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 18 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Canção “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues; - 18 Folhas com a letra da canção “Cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues; - 5 Folhas em branco; - Material de escrita. 	50’

ANEXO XII – 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE AUDIÇÃO MUSICAL

Atividade de Audição Musical – 17 de novembro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Timbre - Altura - Género musical - fado <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perceção sonora e musical 	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente e visualmente os instrumentos musicais utilizados em diferentes épocas, estilos e culturas musicais. 	<ul style="list-style-type: none"> - De modo a dar continuidade à temática fado, a estagiária inicia a aula explicando que até ao momento têm vindo a ser concretizadas atividades relacionadas com o <i>fado tradicional</i> e que hoje vão ter a oportunidade de conhecer um novo tipo de fado, neste caso nomeado o <i>fado contemporâneo</i>. Alerta-os para que estejam com atenção no decorrer da aula para que possam verificar as principais diferenças entre os dois tipos de fado. - Neste sentido, a estagiária investigadora começa por sugerir aos alunos uma atividade de audição, mencionando-lhes que vão escutar uma canção denominada “Desfado”, de Ana Moura, sem acrescentar qualquer informação acerca da mesma. - Para tal, com recurso a um computador e a umas colunas a estagiária coloca a canção a tocar. Através de: https://www.youtube.com/watch?v=GKcJgDCA5Bo - De seguida, a estagiária conversa com a turma sobre o que acabaram de escutar e coloca-lhes questões como: <i>Já conheciam a canção que escutaram? Onde a conheceram? Conhecem a pessoa que interpreta esta canção? (Ana Moura) É uma voz masculina ou feminina? (Feminina) Vamos escutar de novo a canção e tentar identificar os instrumentos musicais utilizados. Conseguiram identificar alguns? Se sim, quais foram? (Guitarra portuguesa; viola; xequeré; sinos; maraca; djambês; contrabaixo eletrónico; piano eletrónico; bombo; caixa e pratos) De que género musical se trata? (fado) Acham este fado parecido com os fados que temos escutado? Se não, que diferenças encontraram? (Instrumentos musicais; sonoridade; temas)</i> - No final desta conversa a estagiária menciona quem é o autor(a) da letra (<i>Pedro da Silva Martins</i>), o compositor (<i>Pedro da Silva Martins</i>) e em que ano foi editada (<i>2012</i>). - Após este diálogo a investigadora apresenta um <i>PowerPoint</i> no qual mostra imagens e vídeos da pessoa que canta este fado, bem como algumas das suas obras. Além disso, mostra outros artistas pertencentes à geração do <i>fado contemporâneo</i> (<i>Mariza, António Zambujo, Raquel Tavares, Carminho</i>), dando destaque aos instrumentos musicais que eles utilizam, a maneira como se vestem e os temas que interpretam. 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Projetor; - Canção “Desfado” de Ana Moura; - <i>PowerPoint</i>; - Material de escrita; - Cola; - 19 Fichas de trabalho “Ana Moura” (Anexo V); - 19 Letras da canção recortadas e desordenadas; - 1 Letra da canção “Desfado” de Ana 	50’

<p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<p>- Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha;</p> <p>- Identifica estilos, épocas e culturas musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem.</p>	<p>- Terminada a visualização do <i>PowerPoint</i>, a estagiária propõe aos alunos que escutem de novo a obra “Desfado”.</p> <p>- Depois de terem escutado a canção de forma silenciosa e atenta, a estagiária investigadora procede à distribuição da ficha de trabalho “Ana Moura” (Anexo V), relacionada com o fado escutado e os conteúdos discutidos no <i>PowerPoint</i>.</p> <p>- Numa primeira fase, é pedido às crianças que respondam de forma individual, as três primeiras perguntas da ficha, só depois lhes é solicitado que concretizem o último exercício, que consiste na organização da letra da canção escutada anteriormente. Para a sua concretização, a estagiária distribui a cada um dos alunos, a letra da canção recortada por estrofes.</p> <p>- Primeiramente, cada aluno tem a oportunidade de ler os recortes que lhes foram dados e de seguida, escutam 2 vezes a canção “Desfado” de Ana Moura. Esta ação tem o intuito de as crianças lembrarem a letra da canção e ordenarem os versos, enquanto a escutam.</p> <p>- Posteriormente são colocadas as seguintes questões à turma: <i>A letra da canção encontra-se escrita em prosa ou em verso? (Verso) Sobre o que fala o texto? (Fado; sentimentos) Conseguem identificar diferentes partes na canção? Se sim, quantas? (Três Partes) Lembram-se como se chama cada uma das partes? (Forma da canção: Verso, refrão e parte instrumental).</i></p> <p>- Depois de discutida a forma da canção, procede-se à correção coletiva da ordem da letra da canção. Terminada a correção, é sugerida aos alunos a colagem das diferentes estrofes (já ordenadas) na ficha “Ana Moura” (Anexo V).</p> <p>- É de salientar que esta correção vai ser concretizada com recurso ao computador e ao projetor, através dos quais a letra ordenada é projetada no quadro, de forma a ficar visível a toda a turma. Para além disso, vão ser colocados símbolos em cada estrofe da canção para facilitar a correção do exercício.</p>	<p>Moura (Anexo V).</p>	
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p><u>Sites:</u> Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=GKCJgDCA5Bo Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=B6hvPK2ze58 Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=3cTiDTedAkk Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=6GFIwHeATxw Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=OzrUs08-SWs Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=Mhw2trMRYqI Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=-ixlrdevqyc Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=Djc3151ebcs Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=zreA3NgiPYE Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=3rUcUSxGYfw</p>			

ANEXO XIII – 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO MUSICAL

Atividade de Interpretação Musical – 24 de novembro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ritmo - Pulsação - Timbre <p>- Género musical - fado</p> <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção sonora e musical 	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente o género musical. 	<ul style="list-style-type: none"> - A estagiária inicia a atividade lembrando alguns conteúdos dados na aula anterior, designadamente o nome da canção que escutaram, o seu intérprete, em que ano foi editada e a que género musical pertence. - Posto isto, a estagiária coloca a canção “Desfado” de Ana Moura a tocar, para que as crianças a lembrem. - Após a revisão da aula anterior e a audição da canção, a investigadora propõe uma atividade de interpretação em que inclui novos conteúdos, nomeadamente a marcação da pulsação e do compasso. <p>A estagiária começa por colocar as seguintes questões: <i>Sabem o que é a pulsação? Se sim, do que se trata? Conseguem exemplificar como se marca a pulsação nesta canção?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Após se escutar as sugestões dos alunos, a estagiária resolve exemplificar em primeiro lugar como se marca a pulsação, batendo as palmas. Para isso, com recurso a um computador e a umas colunas, coloca mais uma vez a canção a tocar através de: https://www.youtube.com/watch?v=GKCJgDCA5Bo e exemplifica a marcação da pulsação. Depois solicita à turma que marque com ela a pulsação, e só depois é dada a oportunidade aos alunos de marcarem a pulsação sozinhos. - Depois de terem marcado a pulsação, a estagiária refere que vão aprender a marcar outro ritmo, neste caso o compasso (<i>compasso = 2 pulsação</i>). E coloca as seguintes questões: <i>Sabem o que é o compasso? Se sim, do que se trata? Conseguem exemplificar como se marca o compasso nesta canção?</i> - Após se escutar as sugestões dos alunos, a estagiária resolve agora exemplificar como se marca o compasso, batendo com as mãos na mesa. Com recurso a um computador e a umas colunas, coloca mais uma vez a canção a tocar e exemplifica a marcação do compasso. Depois solicita à turma que marque com ela o compasso, e só depois é dada a oportunidade aos alunos de 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Projetor; - Canção “Desfado” de Ana Moura; - 9 Pares de clavos; - 1 Caixa chinesa. 	50’

<p>- Interpretação e comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Comenta audições de música gravada e ao vivo de acordo com os conceitos adquiridos e códigos e convenções que conhece; - Interpreta obras musicais que interliguem diferentes formas de arte; - Apresenta e interpreta publicamente, na escola, obras vocais e instrumentais. 	<p>marcarem o compasso sozinhos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois de ter sido marcada a pulsação e o compasso de forma coletiva, a estagiária organiza a turma em dois grupos, cada um constituído por nove elementos e propõe a interpretação da canção, através da marcação da pulsação e do compasso. - Elaborados os grupos, a estagiária coloca de novo a canção a tocar e solicita a ambos os grupos que escolham em conjunto, uma forma de representar a marcação da pulsação e do compasso (bater palmas, estalar os dedos, bater os pés...). - Após terem escolhido a forma de representar cada um dos conteúdos, a estagiária propõe a um dos grupos que marque inicialmente a pulsação, com o seu auxílio, durante toda a canção. - Numa segunda fase a investigadora pede ao outro grupo que efetue a marcação do compasso com o seu auxílio, enquanto a restante turma marca a pulsação durante toda a canção. - Este exercício deve ser concretizado o número de vezes necessárias com o auxílio da estagiária, de maneira a que as crianças consigam realizar a tarefa autonomamente. - Se achar exequível pode-se ainda sugerir à turma que troque os papéis, ou seja, o grupo que estava a marcar o compasso passa a marcar a pulsação e vice-versa. - Para além disso, pode ainda ser sugerido à turma a marcação da pulsação e do compasso da canção, recorrendo a instrumentos musicais de altura indefinida (clavas e caixas chinesas). Para isso é solicitado a um grupo que marque a pulsação com os instrumentos musicais anteriormente referidos e ao outro grupo que marque o compasso utilizando uma parte do corpo (batendo palmas, estalar os dedos, bater os pés...). - Numa fase posterior, procede-se à inversão de papéis, ou seja, o grupo que estava a marcar o compasso utilizando os sons do corpo, desta vez marca a pulsação recorrendo aos instrumentos musicais, enquanto o outro grupo passa a marcar o compasso (batendo palmas, estalando dedos ou batendo pés...). - Por fim, é de salientar que todo este processo vai ser auxiliado e acompanhado pela estagiária. 		
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p><u>Sites:</u> Consultado a 3 de novembro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=GKcJgDCA5Bo</p>			

ANEXO XIV – 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA – ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL

Atividade de Criação Musical – 9 de dezembro de 2014				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Timbre - Ritmo - Pulsação - Género musical - fado <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção sonora e musical <p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente o género musical. - Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha; - Identifica estilos, épocas e culturas musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem. 	<p>- A estagiária inicia a aula de música, realizando um breve resumo das aulas anteriores. Neste sentido, questiona as crianças sobre as atividades realizadas em torno da canção trabalhada nas últimas aulas (nome da canção abordada, autor da letra, intérprete, género musical e interpretação da canção a partir da marcação da pulsação e do compasso). De forma a dar continuidade ao trabalho realizado, a professora estagiária propõe aos alunos a concretização de uma atividade de criação, recorrendo à mesma canção que foi utilizada nas aulas anteriores, mais concretamente, o tema “Desfado” de Ana Moura.</p> <p>- A estagiária interveniente recorre ao computador e a umas colunas e coloca a canção a tocar, de maneira a que as crianças relembrem a sua melodia e letra. Através de: https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1</p> <p>- De seguida, a estagiária organiza a turma em três grupos, dois com seis elementos e um com sete constituintes.</p> <p>- Após a formação dos grupos, a estagiária relembra em conjunto com a turma, a marcação da pulsação e do compasso da canção.</p> <p>- Depois de terem lembrado estes conteúdos, é sugerido aos alunos que explorem e criem uma sequência tímbrica para marcar a pulsação ou o compasso da canção escutada. Para isso, a professora estagiária menciona algumas regras que os grupos têm de ter em conta:</p> <p>1. A sequência de sons que vão criar para marcar a pulsação ou o compasso tem de ter pelo menos dois sons diferentes (sons do corpo ou por exemplo, sons originados pela utilização de recursos materiais existentes na sala de</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Projetor; - Canção “Desfado” de Ana Moura; - Recursos materiais existentes na sala de aula (ex.: mesas, cadeiras, lápis...) 	50'

<p>- Criação e experimentação</p>	<p>- Explora e organiza diferentes tipos de materiais sonoros para expressar determinadas ideias e sentimentos, utilizando estruturas e recursos técnico-artísticos elementares partindo da sua imaginação;</p> <p>- Explora ideias sonoras e musicais partindo de determinados estímulos e temáticas;</p> <p>- Inventa, cria e regista pequenas composições e acompanhamentos;</p> <p>- Aplica conceitos, códigos, convenções e símbolos utilizando a voz, para a criação de pequenas peças musicais partindo de determinadas formas e estruturas de organização sonora e musical.</p>	<p>aula);</p> <p>2. Cada grupo fica com uma parte da canção, sendo que o grupo que ficar com o refrão está responsável por marcar o compasso e os dois restantes grupos ficam encarregues de marcar a pulsação, durante a parte instrumental e o verso respetivamente;</p> <p>3. Têm de ensaiar em <i>piano (p)</i>;</p> <p>4. Enquanto criam a sequência tímbrica, registam numa folha distribuída pela estagiária, a sua criação, referindo também a sua preferência isto é, se preferem marcar o compasso ou a pulsação. Só depois de terem decidido, é que têm ordem para dar início à atividade.</p> <p>- É colocada a canção “Desfado” de Ana Moura a tocar duas vezes, para que os alunos treinem a sequência que criaram, ao mesmo tempo que a canção está a tocar.</p> <p>- Após o treino das sequências criadas, é solicitado a cada grupo que se desloque junto do quadro e apresente a sequência de sons que criou para a marcação da pulsação e do compasso.</p> <p>- Enquanto decorre a apresentação das sequências, os restantes grupos têm de estar com atenção, de forma a escutar as criações dos colegas.</p>		
<p>- Interpretação e comunicação</p>	<p>- Comenta audições de música gravada e ao vivo de acordo com os conceitos adquiridos e códigos e convenções que conhece;</p> <p>- Apresenta e interpreta publicamente, na escola, obras vocais e instrumentais.</p>			
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p><u>Sites:</u></p> <p>Consultado a 4 de outubro de 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=exhrWRY8iGk&hd=1</p>			

ANEXO XV – ATIVIDADE FINAL - COMPARAÇÃO DO FADO TRADICIONAL E CONTEMPORÂNEO

Atividade Final Audição Musical – 5 de janeiro de 2015				
Conteúdos e Organizadores	Descritores de Desempenho	Estratégias/ Descrição da Proposta Educativa	Recursos Humanos e Materiais	Duração
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Timbre - Ritmo - Género musical - fado <p>Organizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção sonora e musical <p>- Culturas musicais nos contextos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explora e identifica os elementos básicos da música; - Identifica auditivamente características rítmicas, melódicas, harmónicas e formais; - Identifica auditivamente e visualmente os instrumentos musicais utilizados em diferentes épocas, estilos e culturas musicais. - Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha; - Identifica estilos, épocas e culturas 	<ul style="list-style-type: none"> - A estagiária inicia a aula conversando com as crianças sobre as atividades de música que têm vindo a desenvolver ao longo do período, informando-as de que esta é a última. - Posto isto, a estagiária decide realizar uma síntese final dos conteúdos trabalhados no desenrolar das atividades. - Para isso, resolve dar a conhecer a canção “Barco Negro”, letra da autoria de <i>(David Mourão Ferreira)</i> e música de <i>(Caco Velho/ Piratini)</i>. - Numa primeira fase, com recurso a um computador e a um projetor, a investigadora projeta o vídeo da canção “Barco Negro” interpretada por Amália Rodrigues, através de: https://www.youtube.com/watch?v=HgkowHa2jZ4 - Só depois, mostra o vídeo da mesma canção mas desta vez interpretada por Mariza, através de: https://www.youtube.com/watch?v=8jApnqH-TWE&hd=1 - Ao longo dos vídeos a estagiária vai chamando a atenção dos alunos para as diferenças existentes, destacando algumas características de ambos os fados (<i>fado tradicional e fado contemporâneo</i>), presentes nos vídeos. É o caso dos trajes utilizados pelas fadistas, a época em que se inserem, os temas das 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 19 Alunos; - Estagiária Investigadora; - Estagiária coadjuvante; - Professora Cooperante. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Projetor; - Vídeo referente à canção “Barco Negro” interpretada por Amália Rodrigues; - Vídeo referente à canção “Barco Negro” interpretada por Mariza; - Material de escrita; - 19 Fichas de trabalho “<i>Fado Tradicional e Fado Contemporâneo</i>” (Anexo VI). 	50’

	<p>musicais diferenciadas e os contextos onde se inserem.</p>	<p>canções e os instrumentos musicais utilizados.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois de visualizados os vídeos, a estagiária estabelece um diálogo com a turma, no qual refere a extrema importância do fado a nível nacional, bem como o facto de ter sido considerado em 2011, Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO. - Após este diálogo e a visualização dos dois vídeos, a estagiária interveniente distribui uma ficha de trabalho a cada um dos alunos. Nesta ficha constam algumas perguntas relativas a ambos os vídeos, questionando-os sobre quais as principais diferenças existentes entre o 1.º e o 2.º vídeo exibido. - Terminada a concretização individual da ficha de trabalho, a estagiária reflete oralmente com os alunos sobre a ficha, realizando a sua correção. - Esta atividade surge assim, com o objetivo de tentar entender quais as ideias com que as crianças ficaram deste género musical, e se conseguem identificar as principais diferenças entre o <i>fado tradicional</i> e o <i>fado contemporâneo</i>, após a concretização das várias atividades musicais, no âmbito do fado. 		
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>Vasconcelos, A. (2006). <i>Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>. APEM.</p> <p><u>Sites:</u> Consultados a 20 de dezembro de 2014, em: https://www.youtube.com/watch?v=HgkowHa2jZ4 https://www.youtube.com/watch?v=8jApnqH-TWE&hd=1</p>			

ANEXO XVI – RESPOSTAS DOS ALUNOS À FICHA DE TRABALHO “AMÁLIA RODRIGUES”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

“Cheira a Lisboa” “Cheira a Coimbra”

“Cheira a Porto” “Cheira a Leiria”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção é Amália Rodrigues.

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental Vocal Instrumental e vocal

1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

Sim, é a guitarra portuguesa e a viola.




Figura 1- Respostas do participante A – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

“Cheira a Lisboa” “Cheira a Coimbra”

“Cheira a Porto” “Cheira a Leiria”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção escutada foi a Amália Rodrigues.

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental Vocal Instrumental e vocal

1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

Sim, a guitarra portuguesa e a viola.



Figura 2- Respostas do participante B – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

"Cheira a Lisboa" "Cheira a Coimbra"
 "Cheira a Porto" "Cheira a Leiria"

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção chama-se Amália Rodrigues.

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental Vocal Instrumental e vocal

1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

Sim a guitarra portuguesa e a viola.

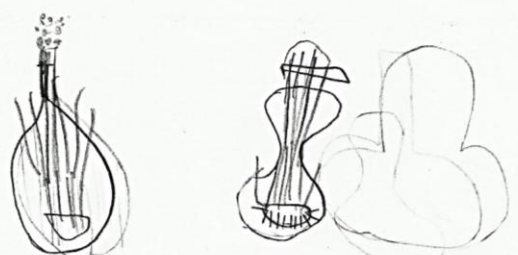


Figura 3- Respostas do participante C – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

"Cheira a Lisboa" "Cheira a Coimbra"
 "Cheira a Porto" "Cheira a Leiria"

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção escutada chama-se Amália Rodrigues.

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental Vocal Instrumental e vocal

1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

Sim a guitarra portuguesa e a viola.




Figura 4- Respostas do participante D – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis azul a opção correta.

"Cheira a Lisboa" "Cheira a Coimbra"

"Cheira a Porto" "Cheira a Leiria"

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta chama-se Amélia Rodrigues.

1.3. É uma voz feminina ou masculina? Assinala com um X a opção correta.

Feminina Masculina

1.4. A canção que escutaram é:

Instrumental Vocal Instrumental e vocal

1.5. Consegues identificar algum instrumento musical? Se respondeste sim, escreve o nome e desenha-o.

Sim é a guitarra portuguesa e a viola.

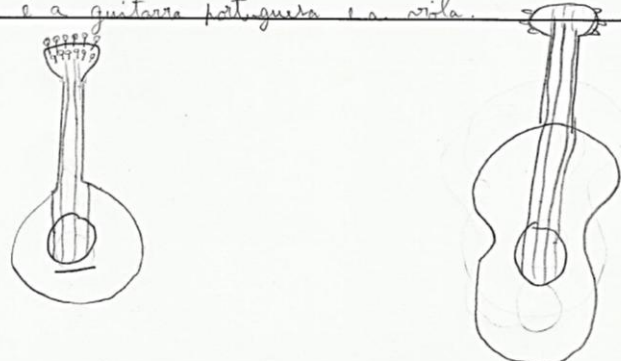


Figura 5- Respostas do participante E – Ficha de trabalho “Amália Rodrigues”

ANEXO XVII – REFLEXÃO N.º 4 EM CONTEXTO DE 1.º CEB II

A presente reflexão refere-se à 3.ª semana de intervenção, mais concretamente aos dias 27 e 28 de outubro de 2014. Neste momento de prática, como tem sido exposto nas reflexões semanais anteriores, um dos elementos fica responsável por realizar as propostas educativas planificadas pelo grupo, enquanto o outro elemento tem o papel de observar a intervenção da colega.

Começo por referir que no decorrer desta semana desempenhei o papel de aluna atuante. Neste sentido, a presente reflexão tem como tópicos: a minha opinião sobre a atuação; as mudanças que eu efetuará; as principais dificuldades sentidas por mim e pelas crianças; se tive a necessidade de aprofundar conhecimentos de forma a melhorar a minha intervenção e por fim, se verifiquei progressos no decorrer destes dois dias.

Após a atuação desta semana, reflito que manteria o plano apresentado. Na minha opinião não alterava a planificação, uma vez que considero que todas as atividades se mostraram essenciais e foram ao encontro das dificuldades dos alunos. Para além disso, foram realizadas propostas educativas que respeitam os conteúdos a serem trabalhados neste ano de escolaridade.

Relativamente à atividade em que os alunos apresentaram mais dificuldades, a meu ver foi no jogo das tabuadas, realizado na 3.ª feira (28 de outubro de 2014). Dado que as crianças revelaram algumas dificuldades em interiorizar o conteúdo das tabuadas, no decorrer das últimas semanas, o grupo de mestrandas resolveu sugerir à turma a concretização deste jogo. Nesta atividade, as crianças tinham de se dirigir ao quadro e retirar um cartão alusivo a uma multiplicação. De seguida, tinham de ditar a operação presente no cartão e indicar o seu resultado.

Sou da opinião que este jogo foi pertinente para a aprendizagem das crianças, uma vez que se trabalhou o domínio da Matemática de uma forma positiva e divertida. Além disso, considero que estes jogos matemáticos servem para criar um ambiente descontraído e motivador em sala de aula e julgo que a partir destes, as crianças conseguem apreender melhor a informação, uma vez que suscita o seu interesse e entusiasmo. Para constatar este facto, Moura e Viamonte (n.d., p.4) defendem que “a utilização de jogos em ambiente de sala de aula pode ser um recurso metodológico eficaz para consolidar conceitos e para promover a motivação para a Matemática”.

Outro aspeto que reparei em que as crianças manifestaram algumas dificuldades refere-se a uma atividade na área/domínio do Estudo do Meio, mais concretamente na exploração do *PowerPoint* sobre o sistema respiratório. Penso que os alunos perceberam o teor do *PowerPoint* mas não conseguiram mencionar alguns nomes científicos ligados a esta matéria, como é o caso de fossas nasais, em que mencionavam “fossas navais” ou então, traqueia, em que referiam “tranqueia”. Julgo que é normal as crianças desta idade não conseguirem referir corretamente os nomes científicos que lhe foram apresentados, até porque na maioria dos casos, foi a primeira vez que ouviram falar destes termos técnicos.

Para contornar este facto, optei por escrever as palavras mais difíceis no quadro, para que as crianças lessem e escrevessem os vocábulos sem erros. Mas mesmo assim, deparei-me com alguns alunos a transcreverem as palavras do quadro, igualmente com erros. Dado que se encontram numa fase de aquisição de vocabulário, esta situação leva-me a refletir sobre qual será a melhor estratégia a utilizar nestes casos, de maneira a que as crianças consigam interiorizar novas palavras, sem erros.

Quanto à atividade em que os alunos revelaram menos dificuldades, na minha opinião foi na exploração do *PowerPoint* sobre a Classe dos Nomes, realizada na 2.^a feira (27 de outubro). Nesta atividade, notei que a maioria dos alunos se mostraram participativos, dando vários exemplos referentes às subclasses dos nomes (nomes comuns, próprios e coletivos). Tentei abordar este conteúdo de uma forma interativa, mostrando diferentes imagens e exemplos de nomes que não sofriam variação quanto ao género, como por exemplo “presidente-presidente” ou então, nomes que sofriam variação no género, mas que as crianças desconheciam, como “ladrão-ladra”, em que eles referiam que o feminino de “ladrão” era “ladroa”. Neste caso em específico, a turma mostrou-se entusiasmada porque ficaram a conhecer novos vocábulos e verificaram que as palavras que diziam não faziam sentido.

Ainda no que diz respeito à atividade em que os alunos revelaram menos dificuldades, posso acrescentar que a meu ver foi na área da Matemática, especificamente na abordagem do conteúdo referente às tabelas de frequência e gráficos de barras. Penso que esta facilidade manifestada por parte dos alunos, se deve ao facto de estas já terem trabalhado a organização e tratamento de dados no ano letivo anterior. Nesta circunstância, ao rever esta tipologia de tabelas e frequências, as crianças conseguiram sem dificuldade, identificar o seu nome, como se apresentam, onde se colocam os dados e como se interpretam. Ainda consegui verificar, através dos trabalhos de casa, que as crianças interiorizaram o que são a amplitude e os extremos de uma tabela, tendo estes sido abordados pela primeira vez neste dia.

Para além das atividades expostas acima, creio que os alunos não tiveram quaisquer dificuldades na atividade de Expressão Musical, realizada na 2.^a feira (dia 27 de outubro de 2014). Esta atividade pertence ao conjunto de propostas que vão ser implementadas no âmbito do meu relatório de mestrado, cujo tema se encontra relacionado com o fado, como já foi mencionado. Com esta proposta educativa, pretendi concretizar uma atividade de interpretação musical, cujos alunos tiveram de interpretar vocalmente a canção “Cheira a Lisboa”, de Amália Rodrigues.

No decorrer da aula consegui perceber que as crianças se sentiram muito à vontade e que estavam bastante interessadas em participar. Importa referir que numa primeira fase, tinha proposto à turma a interpretação vocal da canção com o meu auxílio e de um registo áudio, posteriormente tinha sugerido a interpretação apenas com o meu auxílio, mas já sem o registo áudio em *background* e por fim, quando visse que já se sentiam preparados procediam à interpretação da canção sem qualquer auxílio. A verdade é que a turma se mostrou bastante participativa e começou logo a cantar sozinha, sem precisar muito do meu apoio e eu optei por sugerir que cantassem individualmente. Ao realizar esta sugestão, reparei que a maioria das crianças aceitou este desafio, até mesmo os alunos que não costumam participar muito neste género de propostas e que têm uma personalidade insegura e tímida. Além disso, não posso deixar de acrescentar que houve uma situação que me marcou particularmente, em que um aluno ao interpretar o

fado se deixou emocionar. Com isto, reflito que a música é uma área que faz desinibir as pessoas e que lhes permite expressar os seus sentimentos e emoções. Segundo Milhano (2009, pp. 6-7) “A investigação tem demonstrado que diferentes tipos e nos modos de organização da participação musical, têm diferentes impactos no desenvolvimento e crescimento das crianças e jovens, no seu processo de aprendizagem e no seu desenvolvimento”. Neste sentido, posso confessar que estou cada vez mais convicta que a área da música é essencial na educação da criança e que enveredei num bom caminho quando decidi investigar para o meu relatório, o género musical fado.

Importa acrescentar, que ao longo desta semana de intervenção não senti dificuldades em nenhuma área de intervenção em especial. No entanto, confesso que me senti um pouco nervosa em relação à atividade de interpretação musical, pelo facto de esta contemplar o meu relatório de mestrado. Além disso, também senti algum receio quanto à atividade de Matemática realizada na 3.ª feira (28 de outubro de 2014), em que eram solicitadas aos alunos diferentes estratégias de resolução de problemas relacionados com a multiplicação. Creio que me senti assim, uma vez que não tinha a certeza de quais as estratégias que as crianças poderiam apresentar, podendo originar uma má condução da discussão estabelecida em aula, apesar de me ter preparado e já ter algumas possíveis hipóteses de resolução.

Quanto à área em que senti menos dificuldades, na minha opinião foi na apresentação do *PowerPoint* sobre a Classe dos Nomes, em que penso que consegui estabelecer com os alunos, uma interação divertida, motivando-os para o desenvolvimento de novas aprendizagens. Considero ainda, que não tive dificuldades na exploração da experiência, na interpretação ideológica e gramatical do texto “Os insatisfeitos” e na condução do jogo das tabuadas, uma vez que são propostas que despertaram o meu interesse.

Relativamente ao quarto tópico da reflexão, reconheço que tive a necessidade de aprofundar conhecimentos mais específicos, para uma melhor abordagem dos assuntos inerentes à área do Estudo do Meio, dado que já não me lembrava de alguns termos técnicos utilizados no processo da respiração. Constató também que a atividade prática realizada nesta área, se tornou uma mais-valia para as crianças porque só através de coisas práticas e experienciais é que os alunos desenvolvem aprendizagens significativas. Além disso, na opinião de Fonseca (2014, p. 28) as atividades práticas são um meio facilitador “de motivação e construção de uma atitude proactiva perante as tarefas escolares” das quais os alunos por vezes se alheiam.

Para terminar esta reflexão semanal, refiro que embora transpareça segurança, durante as intervenções me encontro sempre um pouco insegura. O meu próximo desafio a ultrapassar numa futura intervenção, é tentar acalmar-me um pouco mais e usufruir do momento, pois muitas vezes estou preocupada se algo corre menos bem e não desfruto tanto do momento de intervenção quando queria.

Referências bibliográficas:

Fonseca, I. C. (2014). *PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: A importância das atividades práticas no processo de ensino e aprendizagem do*

Estudo do Meio Social (1.º CEB). Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa: Escola Superior de Educação. Acedido em 1 de novembro, 2014, em [http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3801/1/A%20import%C3%A2ncia%20das%20atividades%20pr%C3%A1ticas%20no%20processo%20de%20ensino%20e%20aprendizagem%20do%20Estudo%20do%20Meio%20Social%20\(1.%C2%BA%20CEB\).pdf](http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3801/1/A%20import%C3%A2ncia%20das%20atividades%20pr%C3%A1ticas%20no%20processo%20de%20ensino%20e%20aprendizagem%20do%20Estudo%20do%20Meio%20Social%20(1.%C2%BA%20CEB).pdf)

Milhano, S. (2009). Música na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico – dos benefícios e enriquecimentos educativos generalizados ao apuramento de vocações. In *Actas do XVII Colóquio AFIRSE – a escola e o mundo do trabalho*, CIID – Leiria, 12-14 fev. 2009 (1-8).

Moura, P. C. & Viamonte, A. J. (n.d.). *Jogos Matemáticos como Recurso Didático*. Universidade Portucalense. Acedido em 1 de novembro, 2014, em http://www.apm.pt/files/_CO_Moura_Viamonte_4a4de07e84113.pdf

ANEXO XVIII – REFLEXÃO N.º 6 EM CONTEXTO DE 1.º CEB II

A presente reflexão refere-se à 5.ª semana de intervenção, especificamente aos dias 10 e 11 de novembro de 2014. Ao contrário da semana passada, desempenhei a função de aluna atuante, em que tive a responsabilidade de conduzir as aulas, contando com o auxílio da minha colega Andreia que assumiu o papel de aluna observadora. Neste sentido, esta reflexão tem como tópicos os seguintes pontos: a minha opinião sobre a atuação; as mudanças que eu efetuariá; as principais dificuldades sentidas por mim e pelas crianças; se tive a necessidade de aprofundar conhecimentos de forma a melhorar a minha intervenção e por fim, se verifiquei progressos no decorrer destes dois dias.

Início esta reflexão, refletindo sobre o plano de aula que o grupo de mestrandas apresentou e considero que se fosse hoje não introduziria quaisquer alterações. Penso que as planificações apresentadas corresponderam aos objetivos que foram inicialmente estabelecidos, uma vez que foram proporcionadas experiências educativas que desencadearam novas aprendizagens, observadas no momento de prática.

Quanto à atividade em que os alunos demonstraram mais dificuldades, penso que foi na área da Matemática, precisamente na resolução da ficha de revisões de Matemática (11 de novembro de 2014). No desenrolar desta atividade reparei que alguns alunos não conseguiram resolver um problema relacionado com horas, em que o enunciado referia o horário de chegada e de saída de um menino a um local. Neste caso, era solicitado às crianças que indicassem quanto tempo esse menino esteve no respetivo local. Apercebi-me então, que a maioria dos alunos não conseguiu fazer a contagem dos minutos e horas, pois partiram logo para uma operação de subtração, em que subtraíam o horário de chegada com o horário de saída, o qual dava um resultado errado. Para contornar esta situação, optei por desenhar outros relógios no quadro e apresentar questões do mesmo género, para levar os alunos a compreenderem melhor o que lhes era solicitado. No fim, fiquei satisfeita porque os alunos demonstraram que já tinham percebido o que se pretendia naquela questão e conseguiram resolver sozinhos os exercícios apresentados.

Ainda no que diz respeito às dificuldades sentidas pelos alunos, considero que eles manifestaram algumas fragilidades na área da Expressão Musical, especificamente na atividade de criação musical, em que tinham de criar um novo refrão para a canção “Cheira a Lisboa”, de Amália Rodrigues. No decorrer desta proposta apercebi-me que a maior dificuldade sentida por os alunos foi arranjar versos que rimassem entre si e que respeitassem a métrica da letra da canção, embora tenha explicado anteriormente o conceito de métrica e apresentado um exemplo de um possível refrão. No entanto, considero que esta atividade se revelou uma mais-valia para a turma, uma vez que relacionou a Expressão Musical com outra área do saber, nomeadamente o Português, assumindo uma interdisciplinaridade. Como constata Vasconcelos (2006, p. 12) a música é entendida como uma “construção social e humana interage de modos diversos não só com a construção das identidades individuais e colectivas, como também com diferentes áreas do saber e do conhecimento artístico, humanístico, científico e tecnológico”.

Na minha opinião, esta semana os alunos não manifestaram muitas dificuldades na realização das tarefas propostas. Penso que a turma percebeu muito bem a exploração do *PowerPoint* sobre a classificação de palavras quanto à acentuação, mostrando-se, em geral, bastante interessada em participar. No decorrer

desta atividade notei que existiam alguns alunos que já tinham estudado este tipo de classificação, demonstrando-se sabedores da sigla EGA, que corresponde à nomenclatura esdrúxula, grave e aguda. Este aspeto remete-me para o facto de que alguns dos alunos se interessam por conteúdos escolares, também em ambiente informal, pois manifestam curiosidade e gosto por aprender mais. Quanto a esta temática, ainda reparei que as crianças se mostraram bastante entusiasmadas com a atividade “Quantas palavras conseguem encontrar?”, em que tinham de recortar palavras esdrúxulas, graves e agudas presentes em revistas ou jornais. Reparei também que ficaram um pouco tristes de não poderem terminar a atividade em questão, uma vez que tiveram de se ausentar para almoçar.

Além disso, considero que a turma também não revelou dificuldades na exploração do *PowerPoint* sobre o sistema excretor, muito pelo contrário, mostrou-se participativa e sempre que eu perguntava algo conseguiam responder acertadamente. Importa acrescentar que no dia desta atividade (11 de novembro de 2014), se festejou o dia de São Martinho e surgiram algumas alterações de plano, nomeadamente antes desta atividade de Estudo do Meio, a turma deslocou-se ao exterior do edifício escolar, a fim de comer castanhas assadas. Por isso, a exploração do *PowerPoint* sobre o sistema excretor teve início uns minutos mais tarde. Por este motivo, senti algum receio de não ter tempo suficiente para explicar todos os conteúdos e, conseqüentemente que estas não desenvolvessem as aprendizagens pretendidas. No entanto, a julgar pelos exercícios que apresentei no final do *PowerPoint*, reparei que apesar de a exploração ter sido rápida, os alunos conseguiram entender o funcionamento do sistema excretor e localizar os seus constituintes.

Ainda no que diz respeito às facilidades apresentadas pelos alunos, posso acrescentar que estes conseguiram resolver facilmente os exercícios presentes na página 53 do manual de Matemática, adotado pela turma. Antes desta resolução, realizei uma exploração oral sobre o conteúdo a trabalhar, neste caso as classes e ordens de números. Segundo o que constatei durante o período de observação, a professora cooperante explicou este mesmo conteúdo de uma forma adaptada à realidade que eles conhecem. Assim, optei por explicar as classes e ordens, tendo em conta a mesma metodologia e estratégia, em que referi que as classes são consideradas as “mães”, e cada “mãe” possui as suas “filhas”, que são efetivamente as ordens. Penso que a partir deste género de estratégias as crianças conseguem apreender melhor os assuntos que estão a ser trabalhados em sala de aula. De acordo com Camacho (2011, pp. 6-7) “ Ao fazermos conexões entre o mundo que nos rodeia e a Matemática, os alunos poderão aprender mais e melhor, facilitando, deste modo, o processo ensino/aprendizagem, uma vez que os alunos poderão ver a Matemática interligada com a rotina diária e assim, contemplar a beleza que ela transporta”. Além disso, também tentei tornar a aula um pouco mais dinâmica através da utilização de um ábaco digital.

No que se refere à área de intervenção em que eu tive mais dificuldades, posso mencionar que foi no domínio de Expressão Musical, mais concretamente na atividade de criação musical. Reflito que não tive dificuldades propriamente na implementação da atividade, mas sim na gestão do tempo. Considero que esta dificuldade se revelou devido a ter feito algumas paragens durante a aula, provocadas por barulhos exteriores. Em consequência, não foi possível terminar toda a atividade planeada, o que fez com que

tivesse de pedir permissão à professora cooperante para terminar a restante atividade na primeira parte da aula da manhã de 3.ª feira (11 de novembro de 2014).

Importa ainda referir que no decorrer desta semana tive a necessidade de aprofundar conhecimentos específicos para uma melhor abordagem dos assuntos, nomeadamente os conteúdos relacionados com o sistema excretor. Senti a necessidade de rever como se nomeiam os constituintes que constam no interior do rim e como se desenrola todo o processo de funcionamento do sistema urinário. Além disso, também achei interessante pesquisar um pouco sobre o órgão pele e dar a conhecer aos alunos a sua função excretora, embora esta não venha explicitada no manual escolar de Estudo do Meio, adotado pela turma.

À semelhança do que aconteceu nas semanas antecedentes, e como mencionei anteriormente, realizei mais uma atividade no âmbito de Expressão Musical, que vai ser implementada no meu relatório de mestrado. Ao refletir sobre esta atividade de criação musical, concluo que se revelou um pouco difícil para os alunos, tendo em conta o tempo disponível para a sua concretização. Sou da opinião que as crianças tiveram algumas dificuldades em conjugar a métrica das frases com a criação de rimas, mas notei que conseguiram efetivamente respeitar o tema da letra da canção. Julgo que numa próxima intervenção atuaria do mesmo modo, uma vez que era inevitável diminuir a primeira parte da aula, pois foi nesse momento que expliquei o que era pretendido na tarefa e abordei alguns conceitos essenciais para a sua realização, como é o caso da noção de métrica.

Para terminar, acrescento que ao longo desta semana registei alguns progressos pessoais, como é o caso de me sentir cada vez mais segura em ambiente de sala de aula. Outro progresso é o facto de nas últimas semanas considerar que manteria o plano inicialmente apresentado e ainda, a constante utilização de novos instrumentos de avaliação. Por exemplo esta semana o grupo de mestrandas utilizou a técnica de avaliação formativa, por meio de um questionário denominado “Ficha 3-2-1”. Este tipo de questionário é benéfico tanto para o professor como para o aluno. Afirmando este facto, Lopes e Silva (2012, p. 123) referem que a “Ficha 3-2-1” disponibiliza ao professor sobre os interesses e/ ou dificuldades de aprendizagem dos alunos, o que possibilita adequar o ensino às necessidades reais de aprendizagem”. Acrescentam também que permite aos alunos, “o desenvolvimento de competências metacognitivas e de autoavaliação, as quais se constituem como fundamentais para o sucesso na sua aprendizagem” (*ibidem*, p. 124).

Referências bibliográficas:

Camacho, N. (2011). *A Matemática e as suas conexões com o quotidiano: À descoberta da Matemática no dia-a-dia*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira. Acedido em 14 de novembro, 2011, em <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/368/1/MestradoNat%C3%A9rciaCamacho.pdf>

Lopes, J. & Silva, H. S. (2012). *50 Técnicas de Avaliação Formativa*. Lidel.

Vasconcelos, A. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical.

ANEXO XIX – RESPOSTAS DOS ALUNOS À ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL DA 1.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

Expressão Musical

Lisboa é alegre e bonita 11
 Venha cá, venha a Lisboa
 Lisboa é muito elegante
 Venha cá, venha a Lisboa

Lá em Lisboa é divertem-se muito
 Lisboa é mesmo fabulosa
 Em Lisboa há muita música
 A flor mais bonita está em Lisboa.

Figura 6- Refrão criado pelo grupo do participante A

Expressão Musical

Lisboa tem o Tejo o seu lado.
 Amali canta muito bem.
 As pessoas jovens com agrado.
 Amali canta muito bem.

Em Lisboa quem gosta de cantar.
 Venha a esta linda cidade
 É uma cidade de encanto.
 Ela é bela e tem muito idade.

Figura 7- Refrão criado pelo grupo do participante B

Expressão Musical

Lisboa tem um olhar de beleza 11
 Venha cá venha a Lisboa 9
 Lisboa já é uma princesa 10
 Venha cá venha a Lisboa 9

Lisboa já é uma rosa a florir 11
 Venha cá já, venha a Lisboa
 O povo está sempre a sorrir 10
 Aproveite já, venha cá a Lisboa

Figura 8- Refrão criado pelo grupo do participante C

Chieira lindamente, chieira a rosa → 11
 Em Lisboa chieira tudo bem → 9
 Lisboa é linda e chieirosa → 10
 Em Lisboa chieira tudo bem → 9

Lisboa tem o Tejo a seu lado → 11
 Em Lisboa canta-se o fado → 10
 Lisboa é mesmo fabulosa → 10
 Os pessoas de Lisboa são amigos → 12

Figura 9- Refrão criado pelo grupo do participante D

Português

Lisboa cheia de bem e é bonita
 Venha cá, venha a Lisboa.
 Em Lisboa aprendemos tudo
 Venha lá, venha ver como é boa

Em Lisboa há muitos Lisboaetas
 Lisboa é a maior cidade.
 Lisboa cheia a Lisboaetas
 Os rios são os maiores na cidade.

Figura 10- Refrão criado pelo grupo do participante E

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis verde a opção correta.

“Desfado”
“O fado de Lisboa”
“Enfado” “Os fados”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção chama-se Ana Moura

1.3. No fado que escutaste, que instrumentos musicais identificaste?

O instrumentos musicais que identifiquei é o violino, viola contra baixo, guitarra portuguesa, piano eléctrico e violão.

Figura 13- Respostas do participante C – Ficha de trabalho “Ana Moura”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis verde a opção correta.

“Desfado”
“O fado de Lisboa”
“Enfado” “Os fados”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta a canção escutada chama-se Ana Moura.

1.3. No fado que escutaste, que instrumentos musicais identificaste?

Identifiquei o coqueré, a guitarra portuguesa, a viola, as maracas, o violão e piano.

Figura 14- Respostas do participante D – Ficha de trabalho “Ana Moura”

1.- Após teres escutado com muita atenção a canção, responde às seguintes questões:

1.1. Como se chama a canção que acabaste de escutar? Rodeia com lápis verde a opção correta.

“Desfado”

“O fado de Lisboa”

“Enfado”

“Os fados”

1.2. Como se chama a pessoa que interpreta a canção escutada?

A pessoa que interpreta esta canção chama-se Ana Moura

1.3. No fado que escutaste, que instrumentos musicais identificaste?

Tão a viola, guitarra portuguesa, Xagueres.

Figura 15- Respostas do participante E – Ficha de trabalho “Ana Moura”

ANEXO XXI – REFLEXÃO N.º 10 EM CONTEXTO DO 1.º CEB II

A presente reflexão refere-se à 9.ª semana de intervenção, mais concretamente apenas ao dia 9 de dezembro de 2014, uma vez que na passada 2.ª feira, dia 8 de dezembro de 2014 foi feriado. No decorrer deste dia desempenhei a função de aluna atuante, em que tive a responsabilidade de lecionar as aulas, contando com o auxílio da minha colega Andreia que assumiu o papel de aluna observadora. Neste sentido, esta reflexão tem como tópicos os seguintes pontos: a minha opinião sobre o plano apresentado e a minha atuação; as mudanças que eu efetuarias; as principais dificuldades sentidas por mim e pelas crianças; se tive a necessidade de aprofundar conhecimentos de forma a melhorar a minha intervenção e por fim, se verifiquei progressos no decorrer deste dia.

Seguindo os tópicos apresentados, inicio esta reflexão mencionando que não alteraria o plano apresentado esta semana. Considero que as atividades foram ao encontro das necessidades e interesses das crianças, até porque esta semana foi abordado um tema que iria ser necessário no dia 10 de dezembro de 2014. Este tema refere-se à exploração de um excerto da obra *O Príncipezinho*, dado que na 4.ª feira (dia 10 de dezembro) a turma teve a possibilidade de ir assistir à peça de teatro inerente à mesma, no Teatro Politeama.

Relativamente à proposta educativa em que os alunos tiveram mais dificuldades, posso destacar a exploração do excerto intitulado “Cativar”, retirado da obra *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry. A meu ver, as crianças tiveram algumas dificuldades em perceber o significado de algumas expressões presentes no excerto referido anteriormente. Reparei que não compreenderam desde logo o significado da palavra cativar e da expressão “Só se vê bem com o coração”. Considero perfeitamente normal os alunos não perceberem facilmente estas expressões, uma vez que o próprio texto da obra se torna abstrato para as mesmas, tornando-o de difícil compreensão.

Sou da opinião que são este género de textos que se devem dar a conhecer aos alunos, dado que são textos que fazem pensar e interrogar a criança, formando leitores ativos, reflexivos e capazes de questionar o mundo que os rodeia. Como afirma Tauveron (2005) citado por Gamboa (2014) estes textos consideram-se resistentes ou proliferantes, ou seja, “são textos que colocam problemas de compreensão e de interpretação, deixando espaços em branco, silêncios; textos polissémicos, cujas características sejam geradoras de discussão (Daniels, 2002 *cit.* por Gamboa, 2014). Neste sentido, esta atividade fez-me perceber que enquanto futura docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pretendo dar a conhecer este género de textos.

No que concerne às atividades em que os alunos tiveram menos dificuldades, posso realçar a atividade de Matemática, de Estudo do Meio e de Expressão Musical. Quanto à primeira, considero que os alunos a concretizaram com bastante facilidade. Nesta proposta, as crianças tinham de resolver os exercícios presentes nas páginas 68 e 69 do manual “A Grande Aventura” de Matemática, seguindo os passos presentes num guião denominado “Como resolver problemas?”. Penso que este guião serviu para auxiliar a sua resolução, uma vez que em conjunto, a turma seguiu com precisão os passos que nele constavam.

Quanto à segunda atividade, tratou-se da exploração de um *PowerPoint* relacionado com o Natal. Considero que a abordagem a este tipo de temática se tornou muito rica para as crianças, uma vez que possibilitou dar a conhecer um diverso conjunto de tradições e culturas, em que se abordou o Natal em diferentes países. No entanto, tenho a noção que é um tema complicado de trabalhar em sala de aula, uma vez que existem crianças que podem não seguir a religião cristã, dificultando e desafiando um pouco o trabalho do professor. Neste caso específico, cabe ao docente ter em conta essas peculiaridades e tentar adaptar a aula aos interesses dos alunos, uma vez que de acordo com Arends (p. 69) “Estas crenças não são deixadas à porta da escola”. Outro aspeto que me fez refletir foi o facto da abordagem ou não abordagem à origem do Pai Natal, uma vez que existem crianças que não acreditam nesta personagem fictícia. Torna-se complicado como já referi, uma vez que enquanto professora não pretendo estragar o imaginário de fantasia dos alunos e por consequência, ferir suscetibilidades.

Em relação à terceira atividade, mais concretamente a atividade de criação musical, os alunos tinham de criar uma sequência tímbrica, com pelo menos dois sons (utilizando objetos ou partes do corpo) para marcar a pulsação ou o compasso da canção “Desfado”, de Ana Moura. Sendo esta mais uma atividade que vai ser incluída no âmbito do meu relatório de mestrado, senti desde logo alguma inquietação, uma vez que pensei que a sua execução, iria ser um pouco difícil para os alunos. Pelo contrário, reformulei a ideia de que as atividades de criação musical são difíceis e, fiquei com a opinião de que os alunos gostaram e tiveram facilidade em concretizar a mesma. Notei que a turma ficou entusiasmada por poder criar uma sequência de sons e fê-lo em grupos, partilhando e discutindo ideias e opiniões. Esta atividade, a meu ver, permitiu assim, para desenvolver o respeito pelo outro, dado que tiveram de ouvir as sugestões dos colegas.

Relativamente à área ou domínio em que senti mais dificuldades, posso mencionar que foi na atividade no âmbito do Português e na Expressão Musical. Quanto à primeira, posso acrescentar que me senti um pouco reticente durante a exploração do excerto “Cativar”, visto que se trata de um texto que foi retirado de uma obra que não é direta. Neste sentido, considero que é desafiante poder levar os alunos a entenderem o que está por detrás de algumas expressões, mas ao mesmo tempo torna-se um pouco intimidante a possibilidade de as crianças não perceberem o assunto do qual trata o texto. Neste caso concreto, julgo que apesar deste receio as crianças acabaram por perceber as expressões difíceis do excerto, sendo este um aspeto muito importante, uma vez que no dia seguinte foram assistir à representação do mesmo.

Ainda no que diz respeito às dificuldades que senti no decorrer deste dia, saliento a atividade de Expressão Musical. Reflito que senti algumas dificuldades em controlar o entusiasmo do grupo no desenrolar desta proposta educativa. No entanto, considero esta dificuldade normal, uma vez que esta atividade foi realizada em grupos, na qual existiu uma discussão de ideias e por sua vez originou alguma confusão em sala de aula. Esta situação leva-me a refletir sobre a gestão da sala de aula, e como esta se revela um dos pontos mais difíceis nos anos principiantes de um professor. Dunkin e Biddle (1974) citados por Arends (2008, p. 173) constataam que “ a gestão da sala de aula... constitui uma condição

necessária para a aprendizagem cognitiva; e se o professor não consegue resolver problemas desta esfera, podemos esquecer o resto do ensino".

Relativamente ao domínio ou área de intervenção na qual senti menos dificuldades, na minha opinião foi no Estudo do Meio, uma vez que se tratou um tema que suscita o interesse e atenção das crianças, dado que lhes permitiu desvendar algumas curiosidades acerca de outras tradições e costumes. No entanto, também considero que não tive dificuldades em explicar o que se pretendia na atividade de Expressão Musical e na atividade de Matemática, em que os alunos apenas tinham de resolver alguns problemas, envolvendo algoritmos da adição, recorrendo ao guião.

Respondendo ao quarto referente desta reflexão, partilho que senti a necessidade de aprofundar os meus conhecimentos acerca da temática do Natal em outros países. Este assunto era-me parcialmente desconhecido e por sua vez, tive de pesquisar quais as tradições e costumes natalícios pertencentes a outras culturas. Deste modo, não foram apenas as crianças que aprenderam, eu também aprendi com esta tarefa educativa.

Para finalizar esta reflexão, termino com o facto de ter registado, na minha opinião, alguns progressos. Durante esta intervenção tentei sobretudo na atividade de criação musical, melhorar as minhas entradas, nomeadamente na marcação da pulsação e do compasso da canção. Outro aspeto em que observei progressos foi na exploração do *PowerPoint* de Estudo do Meio, no qual revelei uma melhor gestão da turma. Durante esta aula, notei que as crianças partilharam as suas ideias de uma forma mais moderada e respeitando a sua vez para falar.

Referências bibliográficas:

Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar, 7.ª Edição*. McGraw-Hill Interamericana de España, S. A. U.

Gamboa, M. J. (2014) *Educação Literária e Formação de Leitores: dos leitores, dos textos e dos modos de os ler*. – Apontamentos da Unidade Curricular de Didática do Português 2013/2014. IPL: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

ANEXO XXII – RESPOSTAS DOS ALUNOS À ATIVIDADE DE CRIAÇÃO MUSICAL
DA 2.ª SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

Criação de uma sequência tímbrica

Tubulação

nécessaire palmas

Figura 16 - Criação do grupo dos participantes A e E

Criação de uma sequência tímbrica

Compasso

cadeira pé cadeira pé cadeira pé cadeira pé
cadeira pé cadeira pé cadeira pé cadeira pé
cadeira pé cadeira pé cadeira pé cadeira pé

Figura 17- Criação do grupo do participante B

Criação de uma sequência tímbrica

Compasso /

fés, palmas, estalo e fernas

Figura 18- Criação do grupo dos participantes C e E

ANEXO XXIII – RESPOSTAS DOS ALUNOS À FICHA DE TRABALHO “AMÁLIA E MARIZA”

1. Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.

2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que existe dois tipos de fado que são o fado tradicional e o fado contemporâneo e que no fado tradicional os fadistas usam vestidos longos e pretos e usam um violão e instrumentos do

3. O que gostei mais de aprender sobre o fado?

Gostei de aprender que há mais instrumentos no fado contemporâneo do que no fado tradicional. Por exemplo: o bongo e o janbeí.

2. fado tradicional são a guitarra portuguesa e a viola e no fado contemporâneo os fadistas já não usam vestidos longos e pretos e também há também mais instrumentos tais como o bongo e o janbeí.

Figura 19- Respostas do participante A – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”

1. Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.

2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que o fado tradicional e o fado contemporâneo são diferentes, usa-se roupa diferente, a sonoridade do fado contemporâneo é mais alegre e há mais instrumentos no fado contemporâneo.

3. O que gostei mais de aprender sobre o fado?

Gostei mais de aprender as canções, de conhecer alguns fadistas como por exemplo: Mariza, Ana Moura e Amália Rodrigues e também gostei de aprenderes 2 tipos de fado que são: fado tradicional e fado contemporâneo.

Figura 20- Respostas do participante B – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”

1. Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.

fado 1 ————— fado contemporâneo
 fado 2 ————— fado tradicional

2. O que aprendi sobre o fado?

O que aprendi sobre o fado foi que o fado é um género musical que os fadistas vestem com um casaco longo e preto, os tipos do fado que aprendi foram fado tradicional e contemporâneo.

3. O que gostei mais de aprender sobre o fado?

O que gostei mais de aprender sobre o fado foi que os fadistas usam um casaco e vestidos longos e pretos.

2. As diferenças entre o fado tradicional e o contemporâneo são o fado contemporâneo tem mais instrumentos musicais do que o fado tradicional como por exemplo a guitarra portuguesa e a viola (tradicional) como por exemplo os bombos e o violino (contemporâneo).

Figura 21- Respostas do participante C – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”

1. Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.

fado 1 ————— fado contemporâneo
 fado 2 ————— fado tradicional

2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que o fado tem dois instrumentos que aparecem quase sempre que são a guitarra portuguesa e a viola. Também aprendi que no fado contemporâneo os

3. O que gostei mais de aprender sobre o fado?

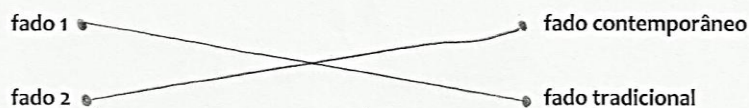
Gostei mais de aprender sobre o fado as diferenças dos tipos de fado, dos instrumentos e que os fadistas agora se vestem com vestidos de outras cores.

fadistas não usam só roupas pretas. Também aprendi que o fado tradicional é a preto e branco e o contemporâneo é às cores.

Figura 22- Respostas do participante D – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”

1. Após teres visualizado com muita atenção os dois vídeos, responde às seguintes questões:

1.1. Tendo em conta os fados que escutaste nos vídeos, faz a correspondência correta.



2. O que aprendi sobre o fado?

Aprendi que o fado é um género musical, que hoje em dia já não é obrigatório utilizar um vestido longo preto, que o fado tradicional tem menos instrumentos do que o fado contemporâneo, os instrumentos do fado são a guitarra portuguesa e a viola.

3. O que gostei mais de aprender sobre o fado?

Gostei mais de aprender os diferentes tipos de fado, dos instrumentos e que os fadistas usam um "zile". Por exemplo: Ana Moura, Amália Rodrigues e Mariza. São nomes de fadistas que aprendi.

Figura 23- Respostas do participante E – Ficha de trabalho “Amália e Mariza”